
AS TRÊS MONTANHAS

AS TRÊS MONTANHAS

Quatro Palavras ao Leitor Pelo autor

Sem querer de modo algum ferir delicadas suscetibilidades, devemos enfatizar a idéia fundamental que, no ambiente cultural e espiritual da humanidade contemporânea, coexistem muitas instituições veneráveis que de forma bem sincera crêem conhecer o Caminho Secreto, mas que, no entanto, não o conhecem.

Que nos seja dada a liberdade de dizer, com grande solenidade, que não queremos fazer crítica destrutiva. Apenas queremos enfatizar, e claro que isso não é delito. Obviamente, e por simples e profundo respeito para com nossos semelhantes, jamais nos pronunciaríamos contra nenhuma mística instituição. Jamais poderíamos criticar quem quer que seja pelo fato de desconhecer o que nunca lhe foi ensinado: O Caminho Secreto jamais foi revelado publicamente.

Em termos rigorosamente socráticos diríamos que muitos eruditos, que pretendem conhecer a fundo a Senda do Fio da Navalha, não só a desconhecem como também não sabem que a desconhecem. Não querendo indicar ou apontar organizações espirituais de nenhum tipo e sem ânimo de atingir alguém, diremos simplesmente que o ignorante ilustrado não somente não sabe, como também não sabe que não sabe. Em todos os livros sagrados da antiguidade se faz alusão ao Caminho Secreto. É citado e nomeado em muitos versículos, mas as pessoas não o conhecem.

Portanto, revelar, indicar, ensinar a senda esotérica que conduz à liberação final é o propósito desta obra que tendes em vossas mãos, querido leitor. Este é mais um livro do Quinto Evangelho [O denominado Quinto Evangelho são as Mensagens de natal de cada ano, desde 1950 – NT].

Goethe, o grande iniciado alemão, disse: “Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos, que é a vida.” Vivências transcendentais é tudo o que entregamos neste novo livro, o que nos consta, o que experimentamos diretamente. É inadiável traçar os mapas do caminho, indicar com precisão cada passo, assinalar os perigos, etc.

Há algum tempo os guardiões do Santo Sepulcro me disseram: “Sabemos que te vais, mas antes de ires, debes deixar para humanidade os mapas do caminho e tuas palavras”.

Eu respondi: “Isso é o que farei”. Desde então me comprometi solenemente a escrever este livro.

AS TRÊS MONTANHAS

Capítulo 1

Minha Infância

Não é demais afirmar solenemente que nasci com grandes inquietudes espirituais. Negá-lo seria um absurdo. Ainda que a muitos pareça insólito e incrível o fato concreto que haja alguém no mundo capaz de se lembrar, de forma íntegra a totalidade de sua existência, incluindo até seu próprio nascimento, quero reafirmar que sou um desses.

Depois de todos os conhecidos processos de parto, limpo e bem vestido, fui levado ao leito materno e posto junto de minha mãe. Então, um “gigante” muito amável, aproximou-se daquele sagrado leito e sorrindo docemente, me contemplava. Era meu pai.

Folgo em dizer, claramente e sem rodeios, que, no amanhecer de cada existência, primeiro andamos de quatro, depois de dois, e, por fim, de três pés. Obviamente, a última é a bengala dos anciãos. De forma nenhuma eu poderia ser uma exceção à regra geral. Quando completei onze meses, quis caminhar e é evidente que consegui, sustentando-me firmemente sobre meus dois pés. Ainda lembro perfeitamente daquele maravilhoso instante em que, entrelaçando minhas mãos sobre a cabeça, fiz solenemente o sinal maçônico de socorro: “ELAI B NE AL’ MANAH”.

Como ainda não perdi a capacidade de assombro, devo dizer que o que sucedeu então me pareceu maravilhoso. Caminhar pela primeira vez com o corpo que me deu a Mãe Natura é, sem dúvida alguma, um prodígio extraordinário. Tranqüilamente me dirigi até o velho janelão, do qual se podia ver perfeitamente o multicolorido grupo de pessoas que apareciam ou desapareciam na pitoresca viela do meu povoado. Agarrar-me às barras de tão vetusta janela foi, para mim, a primeira aventura. Felizmente, meu pai, homem prudente, prevendo com muita antecipação qualquer perigo, havia colocado uma tela protetora na varanda, a fim de que não caísse na rua.

Janela bem antiga de um andar elevado! Quanto a recordo! Velho casarão centenário onde dei meus primeiros passos.

Certamente, nessa maravilhosa idade, adorava os brinquedos encantadores que tanto divertem as crianças. Mas isso, de forma alguma, interferia em minhas práticas de meditação.

Nesses primeiros anos de vida, quando aprendemos a andar, costumava me sentar ao estilo oriental para meditar. Então, de forma retrospectiva, estudava minhas vidas passadas. É claro que me visitavam muitas pessoas de antigos tempos...

Quando concluí a inefável êxtase e retornava ao estado normal, comum e corrente, contemplava com dor os vetustos muros daquela centenária casa paternal, onde eu parecia, apesar de minha idade, um estranho cenobita. Quão pequeno me sentia então diante desses toscos paredões! Chorava, sim, como choram as crianças. Lamentava-me, dizendo: “Oh não! Outra vez num novo corpo físico! Ai, que dolorosa é a vida!”.

Nesses precisos instantes sempre acudia minha boa mãe, com o propósito de me ajudar, enquanto dizia: “A criança tem fome, a criança tem sede”, etc.

Jamais pude esquecer aqueles instantes em que alegremente corria pelos ensolarados corredores de minha casa. Então me aconteciam casos insólitos de metafísica transcendente: Chamava meu pai do umbral de sua recâmara, e eu o via em roupas de dormir, mas quando tentava me aproximar dele, esfumava-se na dimensão desconhecida.

Entretanto, confesso sinceramente que este tipo de fenômenos psíquicos me era familiar. Entrava suavemente em sua alcova e, ao verificar, de forma direta, que seu corpo físico jazia dormindo no perfumado leito de mogno, dizia a mim mesmo: Ah! O que acontece é que a alma de meu pai está fora, porque seu corpo carnal nestes momentos está dormindo.

Por aqueles tempos começava o cinema mudo e muitas pessoas se reuniam na praça pública durante a noite para se distrair, observando filmes ao ar livre na rudimentar tela: um lençol bem engomado pregado em dois paus devidamente distanciados.

Eu tinha em casa um cinema bem diferente: Encerrava-me num quarto escuro e fixava a vista na parede. Em poucos instantes de espontânea e pura concentração, a parede se iluminava esplendidamente, como se fosse uma tela multidimensional; todo o resto desaparecia, para em seguida aparecer, do espaço infinito, paisagens viventes da grande natureza, gnomos brincalhões, silfos aéreos, salamandras do fogo, ondinas das águas, nereidas do imenso mar, criaturas ditosas que comigo brincavam, seres infinitamente felizes.

Meu cinema não era mudo nem era necessário Rodolfo Valentino ou a famosa Gatinha Branca dos tempos passados. Meu cinema era sonoro, e todas as criaturas que em minha tela especial apareciam, cantavam ou falavam no horto puríssimo da divina língua primígena que, como um rio de ouro, corre sob a selva espessa do sol.

Mais tarde, ao se multiplicar a família, convidava meus inocentes irmãozinhos, e eles compartilhavam comigo esta dita incomparável, olhando serenamente as figuras astrais na extraordinária parede de minha obscura recâmara.

Sempre fui um adorador do Sol e, tanto ao amanhecer como ao anoitecer, subia no telhado de minha morada (porque então não havia terraços) e, sentado ao estilo oriental, como um iogue infantil, sobre as telhas de barro cozido, contemplava o astro-rei em estado de êxtase, mergulhando em profunda meditação. Bons sustos levava minha nobre mãe, vendo-me caminhar sobre o telhado.

Sempre que meu idoso pai abria a velha porta do guarda-roupa sentia como se ele fosse me entregar aquela singular jaqueta, ou casaca, de cor púrpura, na qual luziam dourados botões - velha peça do vestuário cavalheiresco que usara com elegância naquela minha antiga reencarnação em que me chamava Simeón Bleler. Às vezes me ocorria que nesse armário antigo pudessem também estar guardadas espadas e floretes dos antigos tempos.

Não sei se meu pai me compreendia; pensava que talvez pudesse me entregar objetos dessa antepassada existência. O ancião olhava-me e, em vez de tais objetos, entregava-me um carrinho para que com ele fosse brincar, brinquedo de alegrias inocentes de minha infância.

Capítulo 2 A Religião

Ensinado em bons modos, confesso francamente e sem rodeios que fui educado de acordo com a religião oficial de meu povo. Fazer travessuras com alguém pelo corredor, em plena liturgia, sempre me pareceu algo abominável. Desde criança tive o sentido de veneração e respeito. Não quis jamais “dar de ombros” em pleno culto; nunca me agradou escapulir dos meus sagrados deveres, nem rir, nem me burlar das coisas santas.

Sem querer agora me enredar em espinhos e espinheiros devo tão só dizer que em tal seita mística – não importa qual seja seu nome - encontrei princípios religiosos comuns a todas as religiões confessionais do mundo. Para o bem da Grande Causa é importante mencioná-los aqui.

CÉUS

São mencionados em todas as religiões confessionais sob diferentes nomes. Entretanto, sempre são nove, tal como diz, com tanto acerto, o Dante florentino em seu clássico poema “A Divina Comédia” [\[1\]](#):

- 1- Céu da Lua (mundo astral)
- 2- Céu de Mercúrio (mundo mental)
- 3- Céu de Vênus (mundo causal)
- 4- Céu do Sol (mundo búddhico ou intuicional)
- 5- Céu de Marte (mundo átomico ou região de Atman)
- 6- Céu de Júpiter (ou Nirvana)
- 7- Céu de Saturno (o mundo paranirvânico)
- 8- Céu de Urano (o mundo mahaparanirvânico)
- 9- Céu de Netuno (o Empíreo)

É claro e evidente que estes nove céus, aqui mencionados, estão também dentro de nós, aqui e agora, e se penetram e compenetraram mutuamente sem se confundir. Obviamente, estes nove céus estão situados em nove dimensões superiores; portanto, trata-se de nove universos paralelos.

INFERNOS

Não é demais lembrar com certa ênfase especial nesta esotérica Mensagem de Natal de 1972-1973 os diversos infernos religiosos. Solenemente, evoquemos, façamos memória dos múltiplos infernos pré-históricos e históricos. Lembranças e reminiscências existem em todas as partes sobre infernos chineses, maometanos, buddhistas, cristãos, etc. Sem dúvida, todos esses variados infernos servem de símbolo para o mundo mineral submerso.

Dante, o maravilhoso discípulo de Virgílio - o poeta de Mântua - descobre com assombro místico a íntima relação existente entre os nove círculos inferiores e os nove céus.

O Bardo Thodol, o livro tibetano dos espíritos do outro mundo, ressalta magnificamente diante de nossos olhos a crua realidade dos mundos infernais no interior do organismo planetário em que vivemos.

É indubitável que os nove círculos dantescos no interior da Terra correspondem cientificamente com as nove infradimensões submersas na região tridimensional de Euclides. Torna-se, portanto, clara e evidente a existência cósmica dos mundos infernos em qualquer mundo do espaço infinito e, obviamente, o reino mineral submerso não é uma exceção do planeta Terra.

ANGELOLOGIA

Todo o cosmo é dirigido, vigiado e animado por séries quase intermináveis de hierarquias de seres conscientes, tendo cada um deles uma missão a cumprir, e estes (não importa como são conhecidos, *Dhyan-Khohans*, anjos ou devas, etc.) são mensageiros tão somente no sentido de serem agentes das Leis Kármicas e cósmicas. Variam até o infinito em seus respectivos graus de Consciência e inteligência, e todos eles são “Homens Perfeitos” no sentido mais completo da palavra. Os múltiplos serviços angélicos caracterizam o amor divino. Cada Elohim trabalha em sua especialidade, e nós podemos e devemos apelar à proteção angélica.

DEUS

Todas as religiões são preciosas pérolas engastadas no fio de ouro da divindade. É visível o amor que todas as místicas instituições do mundo sentem pelo divino: Alá, Brahma, Tao, Zen, I.A.O., INRI, Deus, etc.

O esoterismo religioso não ensina ateísmo de nenhum tipo, exceto no sentido que encerra a palavra sânscrita “nastika”: não admissão de ídolos, incluindo esse deus antropomórfico das pessoas ignorantes (coisa absurda seria crer num ditador celeste que, sentado lá em cima num trono de tirania, lançasse raios e relâmpagos contra este triste formigueiro humano).

O esoterismo admite um Logos ou um Criador coletivo do universo, um Demiurgo Arquiteto. É inquestionável que tal Demiurgo não é uma deidade pessoal, como muitos equivocadamente supõem, senão só a coletividade dos Dhyan-Khohans, anjos, arcanjos e demais forças. **Deus é Deuses!**

Escrito está, com caracteres de fogo, no livro resplandecente da vida, que Deus é o Exército da Voz, a Grande Palavra, o Verbo. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”.

É primário e ostensivo que qualquer homem autêntico que alcance realmente a perfeição ingressa, por tal motivo, na corrente do som [verbo], nas milícias celestes, constituídas pelos Buddhas de Compaixão, anjos, espíritos planetários, Elohim, Rishis, Prajapatis, etc. Foi-nos dito, com grande ênfase, que o Logos soa [vibra] e isso é obvio. O Demiurgo, o Verbo, é a Unidade Múltipla Perfeita.

Quem adora os Deuses, quem lhes rende culto, pode captar melhor o significado das diversas facetas divinas do Demiurgo Arquiteto. Quando a humanidade se burlou dos Deuses Santos, ferida de morte caiu no grosseiro materialismo desta idade de ferro.

LÚCIFER

Podemos e até devemos eliminar radicalmente todos os agregados psíquicos subjetivos, tenebrosos e perversos que levamos dentro. Entretanto, é inquestionável que jamais poderíamos dissolver, em nós mesmos, a sombra do Logos íntimo.

Sob todas as luzes torna-se claro e evidente que Lúcifer é a antítese do Demiurgo Criador, sua sombra viva projetada no fundo profundo do microcosmo homem. Lúcifer é o guardião da porta e das chaves do santuário, para que não penetrem nele senão os ungidos que possuem o segredo de Hermes. E já que escrevemos este tão detestável nome para os ouvidos piedosos do vulgo, necessário é registrar também que o Lúcifer esotérico da doutrina arcaica é totalmente o oposto disso que os teólogos, como o famoso Desmouss-Eaux e o Marquês de Mirville, supõem equivocadamente que seja, pois [Lúcifer] é a alegoria do bem, o

AS TRÊS MONTANHAS

símbolo do mais alto sacrifício (Christos-Lúcifer) dos gnósticos e o deus da sabedoria sob infinitos nomes. Luz e sombra - misteriosa simbiose do Logos Solar, unidade múltipla perfeita. INRI é Lúcifer.

DEMÔNIOS

As diversas teogonias religiosas pintam como castigados esses logói divinos que, reencarnados em corpos humanos, cometeram o erro imperdoável de cair na geração animal. Esses gênios tenebrosos são anjos caídos, demônios autênticos, no sentido mais completo da palavra. É um absurdo asseverar que tais rebeldes houvessem dado a mente ao homem. É óbvio que esses anjos caídos são verdadeiros fracassos cósmicos. Portanto, é oportuno citar nestes instantes alguns nomes, como os de Andramelek, Belial, Molokh, Bael, etc., cujas horrendas abominações podem ser estudadas por qualquer adepto da Loja Branca, nos registros akáshicos da natureza.

Precisamos aprender a distinguir o que é uma queda e o que é uma descida. Evidentemente, esses anjos rebeldes não “desceram”; “caíram” – e isso é bem diferente.

O LIMBO

Versados na história universal, bem sabemos de forma íntegra o que é o Orco dos clássicos gregos e latinos ou o Limbo dos esoteristas cristãos. Não é demais neste tratado enfatizar a idéia transcendental de que o Limbo é a ante-sala dos mundos infernos. Todas as cavernas conhecidas e por conhecer formam uma vasta e ininterrupta rede que abarca por inteiro o planeta Terra, constituindo no seu conjunto o Orco dos clássicos ou o Limbo do esoterismo gnóstico, o outro mundo, o lugar para onde vamos depois da morte.

Ao Limbo corresponde aquela mística e terrível alegoria que diz: “Ali vivem as crianças inocentes que morreram sem ter recebido as águas do batismo”. No esoterismo gnóstico, essas águas são do tipo genesíaco e constituem o “ens seminis” (a entidade do sêmen, como disse Paracelso).

O batismo sacramental dos diversos cultos religiosos simboliza o sexo-ioga, o Maithuna, a magia sexual. Na medula e no sêmen encontra-se a chave da salvação e tudo o que não seja por ali, por este caminho, é, certamente, inútil perda de tempo.

Crianças inocentes são aqueles santos que não trabalharam com as águas espermáticas do primeiro instante, pessoas virtuosas que creram ser possível a auto-realização íntima do Ser sem cumprir com o compromisso do sacramento do batismo; ignoraram a magia sexual ou a rechaçaram enfaticamente.

Somente Mercúrio, o chefe e evocador das almas, tomando o caduceu da sabedoria em sua destra, pode evocar de novo à vida as infelizes criaturas inocentes precipitadas no Orco. Somente ele, o Arquimago e Hierofante, pode fazê-las renascer em ambientes propícios para o trabalho fecundo e criador na Forja dos Ciclopes. É assim que Mercúrio, o Núncio e o Lobo do Sol, faz ingressar as almas do Limbo nas milícias celestes.

PURGATÓRIO

Definamos o Purgatório assim: região molecular inferior, zona de tipo sublunar, astral submerso (Kama-Loka secundário).

No mundo purgatorial devemos frigir as sementes do mal; aniquilar larvas infra-humanas de todo tipo; purgar-nos de toda corrupção; purificar-nos radicalmente.

Dante Alighieri, falando sobre o Purgatório disse:

“Chegamos até o local que eu antes pensara ser uma rachadura na pedra. Lá, depois de três degraus de cores diversas, havia uma porta. No mais alto degrau estava um porteiro, calado. Eu não consegui mirá-lo, pois o clarão que emanava do seu rosto me ofuscava. Brilhava tanto quanto o Sol, que refletia na espada nua firme na sua mão.

- Dizei, daí mesmo de onde estais, o que quereis? - ordenou o anjo - Onde está vossa escolta? Cuidai para que não vos arrependeis de ter vindo aqui.

- Uma mulher do céu - respondeu o mestre - há pouco tempo atrás, nos disse "Lá está a porta. Ide até ela".

- Que ela então continue a vos guiar - continuou o porteiro. Vinde, então, e subi nossos degraus.

Nós obedecemos. O primeiro degrau era branco e de um mármore tão claro que nele me vi refletido. O segundo era mais escuro que pez e era feito de pedra áspera, com várias rachaduras na sua superfície. O terceiro e último me pareceu ser de pórfiro flamejante, tão rubro quanto sangue vivo que jorra de uma veia. E era neste degrau que o anjo de Deus pousava seus pés e se sentava numa soleira que parecia uma pedra de diamante.

O mestre me guiou pelos três degraus, e disse:

- Pede-lhe, humildemente, para girar a chave para ti.

Devotadamente, me ajoelhei diante do anjo, bati no peito três vezes e pedi misericórdia para que a porta ele abrisse para mim.

Sem que eu sentisse nada, ele tomou a espada e desenhou sobre a minha testa sete feridas em forma de "P", e disse:

- Entrando aqui, não deixes de lavar estas feridas.

Depois buscou, dentro de sua roupa cor de terra, duas chaves. Uma era de prata e a outra, de ouro. Primeiro ele girou a chave branca e depois, a amarela, e então, a trava da porta foi aberta.

- Quando qualquer uma dessas duas chaves falha, a estrada para o Purgatório permanece fechada. Uma é mais preciosa, mas a outra requer arte e engenho para que destrave. Eu guardo estas chaves que pertencem a Pedro. Ele me ensinou que, para aqueles que se postarem diante dos meus pés, é melhor errar em abri-la do que mantê-la fechada.

Depois, abrindo finalmente a porta sagrada, ordenou:

- Entrai, mas lembrai-vos que para cá retorna aquele que olhar para trás.

E ouvi ranger os pinos das dobradiças daquele portão. O doce som do metal se misturou a um coro, que ocupou meus ouvidos logo que entrei: "A vós louvamos, Ó Senhor", pareciam cantar, acompanhados pela suave melodia dos metais.

Então giraram em suas dobradiças as folhas da sacra porta, que são de metal, maciças e sonoras. E não produziu tanto fragor, nem se mostrou tão resistente como a da rocha Tarpéia, quando foi arrojado desta o bom Metelo, pelo que ficou vazia. Eu me voltei, atento ao primeiro ruído, e me pareceu ouvir vozes que cantavam ao som de doces acordes: "Te Deum laudamus".

(Veja-se PURGATÓRIO, da Divina Comédia, Canto 9, de Dante Alighieri).

AS TRÊS MONTANHAS

A DIVINA MÃE

Maria, ou melhor diria, RAM-IO, é a mesma Ísis, Juno, Deméter, Ceres, Maia, a Divina Mãe Cósmica, o poder serpentino que subjaz no fundo vivente de toda matéria orgânica e inorgânica.

MARIA MADALENA

A bela Madalena é, fora de toda dúvida, a mesma Salambo, Matra, Ishtar, Astartéia, Afrodite e Vênus. A aura solar da Madalena arrependida é constituída por todas as esposas sacerdotisas do mundo. Bem-aventurados os homens que encontrem refúgio nessa aura, porque deles será o Reino dos Céus.

O CRISTO

Entre os persas, o Cristo é Ormuz, Ahura-Mazda, a antítese de Arimã (Satã).

Na terra sagrada dos Vedas, Cristo é Vishnu, o Segundo Logos, a sublime emanção de Brahma, o Primeiro Logos. O Jesus hindu é o Avatar Krishna. O evangelho deste Mestre é similar ao do Divino Rabi da Galiléia.

Entre os chineses antigos, Fu-Hi é o Cristo Cósmico, o qual compôs o famoso “I-Ching”, o livro das leis, e nomeara, para o bem da humanidade, ministros Dragões.

No país ensolarado de Kem, na terra dos Faraós, o Cristo era, de fato, Osíris, e quem O encarnava passava, por tal motivo, a ser um osirificado.

Quetzalcoatl é o Cristo mexicano, que agora mora na longínqua Thule, o Deus Branco.

IMACULADAS CONCEPÇÕES

É urgente compreender o que são, de fato, as imaculadas concepções. Estas abundam em todos os cultos antigos. Fu-Hi, Quetzalcoatl, Buddha e muitos outros são o resultado de imaculadas concepções.

O Fogo Sagrado faz fecundas as águas da vida, para que nasça o Mestre entre nós. Todo anjo é, certamente, filho da Divina Mãe Kundalini. Ela é realmente virgem antes do parto e depois do parto.

Em nome da verdade, solenemente asseveramos o seguinte: O esposo de Devi Kundalini - nossa Mãe Cósmica particular, é o Terceiro Logos, o Espírito Santo, Shiva, o primogênito da criação, nossa Mônada íntima, individual ou melhor diríamos, sobre-individual.

NOTAS DO TRADUTOR AO PRESENTE CAPÍTULO

*[1] Este modelo de nove céus e de nove infernos vem de Ptolomeu. Dante apenas repetiu a concepção antiga ou confirmou a realidade dos nove círculos ou esferas, tanto superiores quanto inferiores. **Claudius Ptolemaeus** ou Ptolomeu (100 - 178 d.C.) é reconhecido pelos seus trabalhos em astrologia, astronomia e cartografia (onde ficou conhecido por ser um dos primeiros cartógrafos, se não o primeiro, a usar escala em mapas). Ptolomeu viveu e trabalhou em Alexandria, no Egito. Sua grande obra astrológica ficou conhecida como *Tetrabiblos*, o primeiro manual da especialidade, baseado em escritos e documentos mais antigos babilônicos, egípcios e gregos. É o autor da obra *Geografia*, em oito volumes. Seu*

sistema cosmológico ensinava que a Terra estava no centro e os outros corpos descrevendo círculos concêntricos ao seu redor. Ptolomeu foi considerado o primeiro "cientista celeste". [\[voltar\]](#)

Capítulo 3 O Espiritismo

Era eu ainda um pequeno jovem de 12 anos quando, solícito com alguém ansioso que investigava os mistérios do além, me propus também a inquirir, indagar e investigar no inquietante terreno do espiritismo. Então, com decisão de clérigo na cela, estudei inúmeras obras metafísicas. Não é demais citar autores como Luis Zea Uribe, Camille Flammarion, Kardec, Léon Denis, César Lombroso, etc.

O primeiro de uma série de Kardec certamente me pareceu muito interessante, mas tive que relê-lo três vezes, com o indiscutível propósito de compreendê-lo integralmente.

Depois, convertido já em verdadeiro rato de biblioteca, confesso com franqueza e sem rodeios, que me apaixonei pelo **Livro dos Espíritos**, antes de prosseguir com muitíssimos outros volumes de substancial conteúdo.

Com mente impenetrável para qualquer outra coisa que não fosse o estudo, encerrava-me por largas horas dentro de minha casa ou na biblioteca pública, com o anelo evidente de buscar o caminho secreto.

Agora, sem me presumir de sábio e sem querer me vangloriar, só desejo neste capítulo dar a conhecer o resultado de minhas investigações no terreno espiritista.

MÉDIUNS

Sujeitos passivos, receptivos, que cedem sua matéria, seu corpo, aos fantasmas metafísicos do além-túmulo. É inquestionável que o Karma da mediunidade é a epilepsia. Portanto, os epiléticos foram médiuns em suas vidas anteriores.

EXPERIMENTOS

CASO 1

Certa dama, cujo nome não menciono, via constantemente o fantasma de uma mulher falecida. Este último lhe dizia ao ouvido muitas coisas. Em solene sessão espírita, caiu essa citada dama em transe, quando então o fantasma obsessivo indicou que escavasse em determinado lugar da casa, pois ali encontraria um grande tesouro. Realizaram então as indicações do fantasma, mas infelizmente, o tesouro não foi encontrado.

É inquestionável que esse “tesouro” era somente uma simples projeção mental da psique subjetiva dos assistentes. Obviamente, essas pessoas, no fundo, eram muito cobiçosas.

CASO 2

Além do tempo e da distância, bem longe desta minha querida terra mexicana, tive que me recolher no estado de Zulia, Venezuela. Hóspede do meu anfitrião, em sua campestre morada, devo asseverar que, naqueles dias, fui testemunha presencial de um acontecimento metafísico insólito.

Convém ratificar, para o bem dos meus leitores, que meu citado anfitrião era, fora de toda dúvida e falando sem rodeios, um personagem muito humilde e de raça negra.

É inquestionável que aquele bom senhor, muito generoso para com os necessitados, gastava discretamente de sua propriedade em ricas comilanças.

Residir num hotel com gente culta ou ressentir-se contra alguém por algum motivo era, para esse bom homem, algo impossível. Certamente, preferia resignar-se à tarefa, com sua sorte, nos duros infortúnios do trabalho.

Folgo em dizer, com eloqüência, que aquele cavalheiro de outrora parecia ter o dom da ubiqüidade, pois era visto por todas as partes.

Certa noite, esse distinto cavalheiro, em segredo, convidou-me para uma sessão de espiritismo. Eu, de modo algum quis declinar o convite. Três pessoas, reunidas sob o campestre teto de sua fazenda, sentamo-nos ao redor de uma mesa de três pés. Meu anfitrião, cheio de imensa veneração, abriu uma pequena caixa que jamais abandonava em suas viagens, e dela retirou uma caveira indígena. Depois, recitou algumas famosas preces e clamou com grande voz, chamando o fantasma do misterioso crânio.

Era meia-noite. O céu estava coberto por negras nuvens que, sinistras, perfilavam no espaço tropical. Chovia, e trovões e relâmpagos faziam estremecer a comarca.

Estranhos golpes foram sentidos no interior do móvel, e logo, definitivamente violando a lei da gravidade, como que zombando dos velhos textos de física, a mesa levantou-se do solo.

Depois, veio o mais sensacional: O fantasma invocado apareceu no recinto e passou junto a mim. Por último, a mesa se inclinou para o meu lado e a caveira que sobre este móvel se encontrava veio pousar em meus braços.

- Já basta! - exclamou meu anfitrião. - A tempestade está muito forte e, nessas condições, tais invocações se tornam muito perigosas.

Nesse instante um trovão espantoso fez empalidecer o rosto do invocador.

CASO 3

Perambulando, certo dia, por uma dessas velhas ruelas da cidade do México, movido por uma estranha curiosidade, tive que penetrar, com outras pessoas, num antigo casarão, onde, para o bem ou para o mal, funcionava um centro espírita.

Agradável salão extra-superior com muitas campainhas e bastante gente emotiva, delicada e de marca maior.

Sem pretender de modo algum, expor-me a um risco, muito respeitosamente tomei assento frente ao estrado. Empapar-me nas doutrinas dos médiuns espíritas, discutir ou começar a lançar maldades em palavras amistosas e com fingida mansidão ou poses piedosas, certamente não foi meu propósito ao entrar em tal recinto. Só queria tomar nota de todos os detalhes com flexível entendimento e singular bom senso.

Treinar oratória para bem falar em público, preparar-se com antecedência, certamente é algo fora de cogitação na mentalidade espiritista. Paciente, a sacra confraria do mistério aguardava, com anelo místico, vozes e palavras do além-túmulo.

Independente dos demais em seus diagnósticos, idôneo para algo bem nefasto, um cavalheiro de certa idade cai em transe; convulsivo, estremece como qualquer epilético, sobe a terrina, ocupa a tribuna da eloqüência e toma a palavra.

- Aqui, entre vós, está Jesus de Nazaré, o Cristo! - exclama, com grande voz, aquele infeliz possesso.

Nesses instantes aterrorizadores, vibra horripilante a terrina engalanada com círios e flores – o altar dos Baais – e todos os devotos caem por terra, prosternados.

Eu, sem querer perturbar o desempenho de ninguém, serenamente me dediquei a estudar o médium com meu sexto sentido.

Transpassado de angústia, pude verificar a crua realidade daquele insólito caso metafísico. Obviamente, tratava-se de um impostor sinistro e esquerdo, que explorava a credulidade alheia, fazendo-se passar por Jesus Cristo. Com meu sentido clarividente vi um mago negro, ataviado com vermelha túnica cor de sangue.

AS TRÊS MONTANHAS

O tétrico fantasma, metido no corpo físico do médium, aconselhando os consulentes, procurava falar com tom jesuscristiano, a fim de que aqueles fanáticos não o descobrissem.

Concluída aquela horripilante sessão, retirei-me do recinto com o ardente desejo de não regressar jamais ali.

CASO 4

Viver de favor, prazenteiramente em paz com sua família para trabalhar por obra da magia sobre a terra é certamente algo muito romântico. Entretanto, às vezes, lançar-se em riscos costuma ser indispensável quando se trata de procurar para os demais todo o bem possível.

Rodeado de muralhas intelectivas, quis florescer em sabedoria e, sem desfalecer em forças, muito jovem ainda viajei a diversos lugares. Além do tempo e da distância, na remota longitude de uma comarca sul-americana, conhecida popularmente com o típico nome de *Quíndio*, tive de me relacionar com um médium espírita que trabalhava como ferreiro.

Sem se meter jamais em discussão alguma, aquele trabalhador labutava tranqüilo na sua avermelhada forja. Estranho ferrador espírita, místico senhor de bronzeadada figura e atlética personalidade cenobita.

Oh Deus e Nossa Senhora! Eu o vi em sinistro e esquerdo transe mediúnico, possuído por Belzebu, o príncipe dos demônios. Ainda recordo aquelas palavras tenebrosas com as quais o poder das trevas fechara a sessão: “bel tengo mental la petra y que a él le andube sedra, vao genizar le des”. (Logo assinava: **Belzebu**).

Ferreiro, paradoxal anacoreta. Arrepentido, encontrei-o no dia seguinte ao esquerdo conciliábulo espírita. Então jurou solenemente, em nome do eterno Deus vivo, não voltar a emprestar seu corpo físico ao horror das trevas.

Algumas vezes o surpreendia em sua frágua, consultando muito sinceramente o devocionário espírita de Kardec. Posteriormente, este cavalheiro de outrora me convidou, cheio de místico entusiasmo, para outras tantas exaustivas sessões mediúnicas, onde, com ânsia infinita, evocava João Furtado, o Maior.

Sem exagero algum, para o bem dos meus amados leitores, devo agora asseverar que citado fantasma, falando com a língua do médium em transe, vangloriava-se de poder se manifestar em 150 médiuns de forma simultânea. Concluir com um discurso (a alguém), rápido, em consonância, é certamente muito normal. Porém, pluralizar-se em 150 discursos simultâneos diferentes, pareceu-me, naquela época, algo assombroso.

É inquestionável que por aquela época da minha vida, ainda não havia analisado o tema esse da pluralidade do eu, do mim mesmo.

O EGO

Sem querer me estender em digressões de nenhuma espécie, enfatizo sinceramente aquilo que de forma direta tenho experimentado plenamente. O ego obviamente carece de todo aspecto divinal, auto-enaltecedor e dignificante.

Que nos seja permitida a liberdade de discordar das pessoas que pressupõem a existência de dois eus: Um de tipo superior, outro de classe inferior.

Certamente, e em nome de verdade, certificamos sem nenhuma incongruência, o tremendo realismo que somente existe em cada pessoa um “eu pluralizado” terrivelmente perverso.

Esta convicção profunda se afiança na experiência vivida pelo autor do presente tratado esotérico. De modo algum necessitamos exteriorizar idéias imaturas. Jamais cometeríamos o desatino de asseverar utopias descabeladas. Nossa asserção tem muito ampla documentação em todos os livros sagrados dos antigos tempos.

Como exemplo vivo dessa assertiva, não é demais recordar as cruentas batalhas de Arjuna contra seus amados parentes (os eus) no Bhagavad-Gita (O Canto do Senhor). Ostensivamente, tais agregados psíquicos subjetivos personificam todo esse conjunto de defeitos psicológicos que levamos dentro de nós mesmos.

Em rigorosa psicologia experimental se nota claramente o aprisionamento a Consciência dentro de tais eus subjetivos. Portanto, isso que continua além do sepulcro é o ego, um aglomerado eus-diabos, os agregados psíquicos. E nos centros espíritas identificamos clara e diretamente tais agregados psíquicos.

É notório e evidente que esses eus-diabos, devido à sua multiplicidade, podem entrar em muitos corpos mediúnicos – como no caso de João Furtado, o Maior – para sua manifestação.

Qualquer mestre do Samadhi pode evidenciar claramente, em estado de êxtase, o seguinte: Aqueles que se manifestam através dos médiuns espíritas certamente não são as “almas” nem os “espíritos” dos mortos, senão seus “eus-diabos”, os agregados psíquicos que continuam além da fossa sepulcral.

Foi-nos dito, com muita ênfase, que, durante os estados “pós-mortem”, continuam os médiuns convertidos em possessos do demônio ou dos demônios. Sem dúvida, que, depois de certo tempo, acabam se divorciando do seu próprio Ser Divino, e então ingressam na involução submersa dos mundos infernos.

Capítulo 4

A Teosofia

Sem me ufanar de modo algum com tão delicadas e múltiplas inquietudes de tipo filosófico e metafísico, confesso francamente e com toda a sinceridade que ainda não havia chegado as dezesseis primaveras da minha atual existência, quando já me encontrava enfrascado em muitas matérias de substancial conteúdo.

Com ânsias infinitas me propus a analisar detalhadamente os problemas do espírito à luz da ciência moderna. Muito interessantes me pareceram naquela época os experimentos científicos do físico inglês Willian Crookes, famoso descobridor da matéria em estado radiante e do tálio e ilustre membro da Real Sociedade Britânica.

Sensacionais me pareceram as famosas materializações do espectro de Katie King em pleno laboratório, tema exposto por Crookes em sua “Medida da Força Psíquica”.

Excelentes, excepcionais, maravilhosos me pareceram muitos temas sagrados da antiguidade, tais como: A Serpente do Paraíso; A Burra de Balaão; As Palavras da Esfinge; as vozes misteriosas das estátuas de Menão ao romper do dia; o terrível *Mene Tequel Phares* do banquete do rei Baltazar; o Serafim de Theran, pai de Abraão; os oráculos de Delfos; os Bétilos ou pedras falantes do destino; os menhires oscilantes e mágicos dos druidas; as vozes enigmáticas de todos os sangrentos sacrifícios necromantes, a origem autêntica de toda tragédia clássica, cujas revelações indiscretas em *Prometeu*, *Coéforas* e *Eumênides*, custaram à vida ao iniciado Ésquilo; as palavras de Tirésias, o adivinho evocado por Ulisses na Odisséia, à margem da cova repleta com o sangue do cordeiro negro propiciatório; as vozes secretas que Alarico ouvia, mandando destruir a Roma pecadora; e as que a donzela de Orleães ouvia também para que exterminasse os ingleses, etc.

Educado em boas maneiras e sem haver me preparado na oratória, para falar em público, aos dezessete anos de idade proferia conferências na Sociedade Teosófica.

O diploma teosofista o recebi das mãos de Jinarajadasa, ilustre presidente daquela augusta sociedade que em boa hora conheci pessoalmente.

Seguro de mim mesmo em meu caráter estava então muito bem informado sobre os estranhos e misteriosos golpes de Rochester, os clássicos fenômenos psíquicos da granja dos Eddy, onde nasceu a própria Sociedade Teosófica.

Tinha acumulado muitos dados relacionados com aqueles trípodes evocadores das pitonisas dos antigos tempos. Sabia de casas encantadas e de aparições “post-mortem” e conhecia a fundo todos os fenômenos telepáticos.

Inquestionavelmente, com tantos dados metafísicos acumulados em minha pobre mente, havia-me convertido num erudito muito exigente. No entanto, quis muito sinceramente, formar o coração com o bom critério teosofista e por isso me alimentei com as obras que encontrei na rica biblioteca. Descobri nas volumosas páginas da Doutrina Secreta - obra extraordinária da Venerável grande Mestra Helena Petrovna Blavatski, a sublime mártir do século XIX – uma fonte inesgotável de sabedoria divina.

Vejamos agora as seguintes notas, por certo muito interessantes: “1885. Em seu diário, o Coronel Olcott anota no dia 9 de janeiro.

“H.P.B. recebeu do Mestre M.[Morya] o plano para sua Doutrina Secreta. É excelente. Oakley e eu tentamos fazê-lo na noite passada; porém este é muito melhor.

A conspiração do casal Coulomb obrigou H.P.B. a deixar Adyar e a viajar para a Europa em março.

H.P.B. levou consigo o precioso manuscrito. Quando me preparava para subir no barco, Subba Row recomendou-me que escrevesse A Doutrina Secreta e que lhe fosse mandado semanalmente o escrito. Eu lhe prometi e o farei, já que ele vai juntar notas e comentários e, depois, a Sociedade Teosófica a publicará.

Foi nesse ano que o Mestre K.H. escreveu: Quando A Doutrina Secreta estiver pronta, será uma tríplice produção de M., Upasika e minha”.

É evidente que tais notas nos convidam à meditação. Entretanto, é ostensivo que a Venerável Mestra interpretou os ensinamentos, adaptando-os à época.

Esgotados os teóricos estudos de tipo teosófico, pratiquei com intensidade Raja-Yoga, Bhakti, Jnana-Yoga, Karma-Yoga, etc. Múltiplos benefícios psíquicos obtive com as yogas práticas preconizadas por essa veneranda instituição.

Como a meritíssima Mestra H.P.B. considerou sempre o Hatha-Yoga algo demasiado inferior, me é dado manifestar que jamais me interessei por tal ramo de yoga.

Muito mais tarde no tempo fui convidado para uma grande assembléia da venerável grande Loja Branca onde, em plena ágora, qualificou-se o Hatha-Yoga como autêntica magia negra.

Capítulo 5

A Fraternidade Rosa-Cruz

Dezoito primaveras de adolescente já tinha no caminho de minha atual reencarnação quando me foi concedida a alta honra de ingressar na Escola Rosa-Cruz Antiqua [F.R.A.] – benemérita instituição criada em boa hora pelo Excelentíssimo Doutor Arnold Krumm-Heller, médico-coronel do glorioso exército mexicano, veterano ilustre da Revolução Mexicana, famoso catedrático da Universidade de Medicina de Berlim, notável cientista e extraordinário poliglota.

Jovem impetuoso, com certa altivez me apresentei àquela “aula lucis”, então regida por um ilustre cavalheiro de esclarecida inteligência. Sem entrar em muitas delongas, confesso francamente e sem rodeios que comecei discutindo e terminei estudando. Aproximar-me da parede, colocar-me no canto da sala, tomado de êxtase, depois de tudo, pareceu-me o melhor a fazer.

Folgo em dizer em grande estilo e sem muito alarde que, impregnado de intrincadas teorias de substancial conteúdo, só anelava, com ânsias infinitas, encontrar meu antigo caminho - a senda do fio da navalha. Então, excluindo cuidadosamente as falsas piedades e todo o palavrório inútil das conversas vazias, resolvi definitivamente combinar teoria e prática.

Sem prostituir minha inteligência pelo ouro, optei por me prosternar humildemente diante do Demiurgo Criador do Universo.

Riquíssima fonte inesgotável de esplendores deliciosos encontrei, gozoso, nas magníficas obras de Krumm-Heller, Hartmann, Eliphas Levi, Steiner, Max Heindel, etc. Sem verborrêia alguma, seriamente, sinceramente, declaro enfaticamente que, por aquela época da minha atual existência, estudei ordenadamente toda a biblioteca rosa-crucista.

Com ânsias infinitas buscava pelo caminho um peregrino que possuísse algum bálsamo precioso para sanar meu dolorido coração. Sofria espantosamente e clamava na solidão, invocando os santos mestres da Grande Loja Branca.

O Grande Kabir Jesus disse: “Batei e abrir-se-vos-á; pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis”.

Em nome disso que é o Real, declaro o seguinte: Cumprindo com os ensinamentos do evangelho cristão, pedi e me foi dado, busquei e achei, bati e me foi aberto.

Em se tratando de estudos tão longos e complexos como são esses dos rosa-cruzes, é inquestionável que o temário de modo algum caberia dentro do estreito limite do presente capítulo. Por isso me limitarei a sintetizar e concluir:

CHAKRA FRONTAL. Desenvolve-se com a entonação da vogal I. Assim: iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii. Faculdade: clarividência.

CHAKRA LARÍNGEO. Desenvolve-se cantando a vogal E. Assim: eeeeeeeee. Faculdade: ouvido mágico.

CHAKRA CARDÍACO. Desenvolve-se vocalizando a letra O. Assim: ooooooooo. Faculdades: intuição, desdobramentos astrais, etc.

CHAKRA UMBILICAL. Desenvolve-se entoando a vogal U. Assim: uuuuuuuuu. Faculdade: telepatia.

CHAKRAS PULMONARES. Desenvolvem-se cantando a letra A. Assim: aaaaaaaaa. Faculdade: lembrança de existências anteriores.

I.E.O.U.A é a ordem das vogais. Com estas letras são formados todos os mantras.

Dizia o Doutor Krumm-Heller que uma hora diária de vocalização era melhor que ler um milhão de livros de pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo.

Então, eu inalava com avidez suprema o prana cristônico, o alento vital das montanhas e, logo, exalava lentamente, fazendo ressoar a correspondente vogal.

Registro, para maior clareza, que cada vogal ia precedida de uma inalação e só ressoava ao exalar. É óbvio que inalava pelas fossas nasais e exalava pela boca.

RESULTADOS CONCRETOS

Todos os meus chakras astrais ou centros magnéticos intensificaram sua atividade vibratória, girando positivamente da esquerda para a direita, como os ponteiros de um relógio, visto de frente.

EXERCÍCIO RETROSPECTIVO

De forma bem didática ensinou-nos o professor certo exercício retrospectivo maravilhoso. Aconselhou-nos jamais a nos mover no leito no instante do despertar, explicando-nos que com tal movimento se agita o corpo astral e se perdem as lembranças.

É inquestionável que, durante as horas do sono, as almas humanas viajam fora do corpo físico; o importante é não esquecer nossas experiências íntimas ao regressar ao corpo.

Indicou-nos praticar, nesse preciso momento, um exercício retrospectivo com o inteligente propósito de recordar fatos, ocorrências e lugares visitados em sonhos.

RESULTADO: Declaro solenemente que tal exercício psíquico me resultou assombroso, porque minhas lembranças fizeram-se mais vívidas, intensas e profundas.

PLEXO SOLAR

De acordo com as instruções do professor, diariamente (preferivelmente ao sair do Sol), comodamente me sentava numa confortável poltrona com o rosto voltado para o oriente. Imaginava, então, de forma extraordinária, uma gigantesca cruz dourada que, do leste do mundo e tendo o Astro Rei por centro básico, lançava raios divinos que, depois de atravessar o infinito espaço, penetravam dentro de meu plexo solar.

Encantava-me combinar inteligentemente tal exercício com a entonação mântica da vogal U, prolongando o som como é devido: uuuuuuuuuu.

RESULTADO: Produziu-se o insólito despertar de meu olho telepático (situado, como já dissemos, na região do umbigo) e tornei-me extraordinariamente hiper-sensível.

Como tal chakra magnético possui assombrosos funcionalismos, como esse de atrair e acumular a energia radiante do globo solar, é óbvio que, por esse motivo, minhas flores de lótus, ou rodas astrais, puderam receber maiores cargas eletromagnéticas que intensificaram mais a radioatividade vibratória.

É bastante oportuno, nestes momentos, lembrar aos nossos amados leitores que o plexo solar abastece, com suas radiações solares, todos os chakras do organismo humano.

Indubitavelmente e sem exagero algum, é-me dado pôr certa ênfase para asseverar solenemente que cada um dos meus chakras astrais se desenvolveu extraordinariamente, intensificando-se, por esse motivo, as percepções de tipo clarividente, clariaudiente, etc.

RETIRADA

Pouco antes de me retirar daquela benemérita instituição, clamou aquele professor, dizendo: “Que nenhum dos aqui presentes se atreva a se autoqualificar de rosa-cruz, porque todos nós não somos senão simples aspirantes a rosa-cruzes”.

E logo acrescentou com grande solenidade: “Rosa-cruz é um Buddha, um Jesus, um Mória, um K.H., etc”.

Capítulo 6 O Corsário

Para as pessoas muito superficiais a teoria da reencarnação é motivo de riso; para outras, muito religiosas, pode significar um tabu ou pecado; para os pseudo-ocultistas, esta é uma crença muito firme; para os vagabundos da mente, isto é uma utopia descabelada. Entretanto, para nós, homens que recordamos nossas existências anteriores, a reencarnação é um fato.

Em nome da verdade, devo afirmar solenemente que nasci recordando todas as minhas passadas reencarnações; jurar isto não é delito. Sou um homem de Consciência desperta.

Obviamente devemos fazer uma franca diferenciação entre “reencarnação” e “retorno” - duas leis bem diferentes. Entretanto, este não é o objetivo do presente capítulo. Depois deste preâmbulo, vamos aos fatos, ao que interessa.

Outrora, quando os mares do mundo estavam infestados de navios piratas, tive que passar por uma tremenda amargura. Então, o boddhisattwa do Anjo Dióbulo Cartobu estava reencarnado.

Não é demais afirmar, com certa ênfase, que aquele ser possuía corpo feminino de esplêndida beleza, e eu era seu pai.

Tristemente, em malfadada hora, a cruel pirataria, que não respeitava nem vidas nem honras, depois de assolar o povoado europeu onde muitos cidadãos morávamos em paz, seqüestrou as belas do lugar, entre as quais, claro, estava minha filha, inocente donzela de tempos idos.

Apesar do terror de tantos aldeões, consegui valentemente, e arriscando minha própria vida, enfrentar o aleivoso capitão da corsária nave.

- Retire minha filha desse inferno onde você a colocou e lhe prometo que tirarei sua alma do inferno onde já está metida! - Tais foram as minhas dolorosas exclamações.

O terrível corsário, olhando-me ferozmente, apiedou-se da minha insignificante pessoa e, com imperativa voz, ordenou que aguardasse um momento.

Eu vi, com ansiedade infinita, o filibusteiro retornando à sua negra nau. Entendo que soube enganar astutamente seus impiedosos lobos do mar. O certo é que, momentos depois, devolvia minha filha...

Deus e Nossa Senhora! Quem iria pensar que depois de vários séculos haveria de reencontrar o ego desse terrível pirata reincorporado em novo corpo humano?! Mas assim é a lei do eterno retorno de todos os seres e de todas as coisas. Tudo se repete de acordo com a outra lei, chamada de “recorrência”.

Numa noite de grandes inquietudes espirituais reencontrei-o feliz em meio a seletos grupos de aspirantes a rosa-cruz. Aquele velho pirata também falava inglês, e até comentou que havia viajado muito, porque fora marinheiro de uma empresa americana de navegação.

No entanto, aquela amizade resultou num fogo fátuo, num fogo de palha, porque bem rápido pude verificar perfeitamente que aquele homem, apesar de seus místicos anelos, em suas profundidades psicológicas continuava a ser como o antigo corsário, só que vestido com roupas atuais.

Aquele cavalheiro de outrora se entusiasmava muito, relatando-me suas “experiências astrais”, pois é inquestionável que sabia desdobrar-se à vontade. Num determinado dia combinamos um encontro metafísico transcendental no S.S.S. de Berlim, Alemanha.

Esta foi, para mim, uma experiência relativamente nova, pois, certamente, até então não havia ocorrido ainda realizar o experimento da projeção voluntária do *eidolon* [corpo astral]. No entanto, sabia que podia fazê-lo e por isso me atrevi a aceitar o encontro.

Com total clareza lembro aqueles momentos solenes em que me convertera em espião do meu próprio sono. Em mística observação cautelosa aguardava o instante de transição existente entre vigília e sono; queria aproveitar esse momento de maravilhas para escapar do corpo físico.

O estado de lassidão e as primeiras imagens de sonho foram suficientes para entender de forma íntegra que o ansiado momento havia chegado.

Delicadamente, levantei-me do leito e, caminhando bem devagarzinho, saí de minha casa, sentindo-me possuído por certa voluptuosidade espiritual, agradável, deliciosa.

É inquestionável que, ao me levantar da cama, no instante de estar dormitando, produziu-se o desdobramento astral, a separação muito natural do eidolon.

Com esse brilho muito singular do corpo astral, afastei-me de todas aquelas cercanias, anelando chegar ao Templo de Berlim.

É evidente que tive que viajar deliciosamente sobre as procelosas águas do Oceano Atlântico. Flutuando serenamente na radiante atmosfera astral deste mundo, cheguei às terras da velha Europa e, de imediato, me dirigi à capital da França.

Como silencioso fantasma vaguei por todas essas velhas ruas que outrora serviram de cenário para a Revolução Francesa. De repente algo insólito acontece: Uma onda telepática chegou ao meu plexo solar e sinto o imperativo categórico de entrar numa linda casa.

De forma nenhuma jamais me pesaria haver passado o umbral de tão nobre mansão, pois ali tive a imensa dita de encontrar um amigo de passadas reencarnações. Feliz flutuava aquele companheiro, submerso no ambiente fluídico astral, fora do corpo denso que jazia adormecido no perfumado leito de mogno.

No tálamo nupcial dormia também o corpo físico de sua bem-amada. A alma sideral desta última, fora de seu receptáculo mortal, compartilhava do gozo mirífico de seu esposo e também flutuava. E vi ainda duas ternas crianças de esplêndida beleza brincando felizes no encanto mágico daquela morada.

A meu antigo amigo o saudei e também a sua Eva inefável, mas os meninos espantaram-se com minha inusitada presença. Então me pareceu melhor sair por aí, pelas ruas de Paris e meu amigo não rechaçou a idéia. Conversando, juntos afastamo-nos da mansão das delícias, caminhando devagarzinho pelas ruas e avenidas que vão desde o centro até a periferia.

Já fora daquela grande cidade, propus-lhe – à queima-roupa, como se diz por aí – que visitássemos juntos o templo esotérico de Berlim, Alemanha. O iniciado aquele declinou, muito amavelmente, do convite, objetando que tinha esposa e filhos e que, por isso, só queria concentrar sua atenção nos assuntos econômicos da vida.

Com grande pesar, afastei-me daquele homem desperto, lamentando que adiasse seu trabalho esotérico.

Suspendendo-me na luz astral das maravilhas e prodígios, passei por cima de algumas vetustas e antigas muralhas.

Ditoso, viajei ao longo do tortuoso caminho que serpenteava pela região. Embriagado de êxtase cheguei ao templo das paredes transparentes. A entrada daquele lugar santo era certamente muito singular. Vi uma espécie de praça domingueira, cheia de plantas belíssimas e flores deliciosas que exalavam um hálito de morte.

No fundo extraordinário daquele jardim encantador, resplandecia, solene, o templo dos esplendores. As gradeadas portas de ferro que davam acesso à preciosa praça do Santuário às vezes se abriam para que alguém entrasse, às vezes se fechavam.

Todo aquele conjunto delicado e maravilhoso ressaltava, iluminado com a imaculada luz do Espírito Universal de Vida. Ante o Sancta Sanctorum encontrei, ditoso, muitos nobres aspirantes de diversas nacionalidades, povos e línguas. Místicas almas que, durante aquelas horas em que o corpo físico dorme, movidas pela força do anelo, haviam escapado da densa forma mortal para chegar até o Sancta.

Sublimes, conversavam todos esses devotos sobre temas inefáveis. Falavam da lei do karma, discorriam sobre assuntos cósmicos extraordinários. Emanavam de si mesmos o perfume da amizade e a fragrância da sinceridade.

Em estado de bem-aventurança, andei por toda parte buscando o atrevido filibusteiro que ousadamente me propusera tão tremendo encontro. Em muitos grupos irrompi perguntando pelo citado cavalheiro de outrora, mas ninguém soube dar-me resposta alguma. Compreendi, então, que aquele antigo pirata não havia cumprido a palavra empenhada. Ignorava os motivos, mas me sentia enganado.

Em silêncio então decidi me aproximar da gloriosa porta do Templo da Sabedoria. Quis penetrar no lugar santo, mas o Guardião me fechou a porta, dizendo-me: “Ainda não é hora. Retira-te”.

Sereno, compreendendo-o, sentei-me, gozoso, na simbólica pedra, bem perto do portal do mistério. Nesses instantes de plenitude, auto-observei-me de forma íntegra. Certamente, eu não sou um sujeito de psique subjetiva; nasci com a Consciência desperta e tenho acesso ao conhecimento objetivo. Quão belo me pareceu o corpo astral (Resultado esplêndido de antiquíssimas transmutações da libido).

Recordei meu corpo físico, que agora jazia adormecido na remota distância do mundo ocidental, num povoado da América. Auto-observando-me, cometi o erro de confrontar os veículos astral e físico. Por tais comparações, perdi o êxtase e regressei instantaneamente ao interior de meu denso envoltório material. Momentos depois me levantava do leito. Havia tido um desdobramento astral maravilhoso.

Quando severamente perguntei ao velho filibusteiro sobre o motivo pelo qual não foi capaz de cumprir com sua palavra, não soube dar-me uma resposta satisfatória.

Trinta e cinco anos transcorreram desde aquela época em que esse velho lobo do mar e eu acertáramos tão misterioso encontro. Além do tempo e da distância, aquele estranho personagem era já tão somente uma lembrança escrita nas empoeiradas páginas de minhas antigas anotações.

Entretanto, confesso sem rodeios que depois de tantos anos tive de ser surpreendido com algo insólito. Numa noite de primavera, encontrando-me ausente da densa forma perecedora, vi o Senhor Shiva, o Espírito Santo, minha Sacra Mônada Superindividual, com o semblante inefável do Ancião dos Dias. Admoestava o Senhor, com grande severidade, o velho corsário dos mares. É inquestionável que o corpo físico deste último, a essas horas da noite, jazia adormecido no leito. Anelante, quis intervir como terceiro na discórdia. O Velho dos Séculos, de forma categórica, me ordenou quietude e silêncio.

Outrora, o pirata aquele me havia devolvido a minha filha, tinha-a retirado do inferno onde ele mesmo a havia metido. Agora, meu Real Ser, Samael, brigava por libertá-lo, por emancipá-lo, por tirá-lo dos mundos infernos.

Capítulo 7 A Meditação

Cercado de muralhas intelectuais, enfastiado de tantas teorias complicadas e difíceis, resolvi viajar até as costas tropicais do Mar do Caribe. Lá, sentado como eremita de tempos idos sob a sombra taciturna de uma árvore solitária, decidi sepultar todo esse complicado séqüito de inúteis intelectualismos. Com a mente em branco, partindo do zero radical, sumindo em meditação profunda busquei dentro de mim mesmo o mestre secreto.

Sem rodeios, confesso com total sinceridade, que levei muito a sério aquela frase do testamento da sabedoria que diz textualmente: “Antes que a falsa aurora amanhecesse sobre a Terra, aqueles que sobreviveram ao furacão e à tormenta louvaram ao Íntimo e a eles apareceram os heraldos da aurora”.

Obviamente, buscava o Íntimo, adorava-o no segredo da meditação, rendia-lhe culto. Sabia que eu o encontraria dentro de mim mesmo, nos ignotos recônditos de minha alma. E não demorou muito para aparecerem os resultados dessa busca interna.

Mais tarde no tempo tive que me afastar da arenosa praia para me refugiar em outras terras e em outros lugares. Entretanto, aonde quer que fosse, continuava minhas práticas de meditação. Deitado em meu leito ou no duro piso colocava-me na forma de estrela flamígera (pernas e braços abertos à direita e à esquerda) com o corpo completamente relaxado.

Fechava meus olhos para que nada do mundo pudesse me distrair. Depois, me embriagava com o vinho da meditação na taça da perfeita concentração. Conforme intensificava minhas práticas, sentia que realmente me aproximava do Íntimo.

As vaidades do mundo não me interessavam. Bem sabia que todas as coisas deste vale de lágrimas são perecedouras. O Íntimo e suas respostas instantâneas e secretas era a única coisa que realmente me interessava.

Existem festivais cósmicos extraordinários que jamais podem ser esquecidos. Disso sabem muito bem os divinos e os humanos. Nos momentos em que escrevo estas linhas vem à minha memória o grato amanhecer de um venturoso dia. Do jardim interno de minha morada, fora do corpo físico, prostrado humildemente, clamando com grande voz, invoquei o Íntimo.

O Bendito transpassou o umbral de minha mansão. Eu o vi chegar a mim com passo triunfal, vestido com precioso zefir e branca túnica inefável.

Ditoso, me pus a contemplá-lo. Em sua cabeça celestial luzia, esplêndida, a coroa dos Hierofantes. Todo seu corpo era feito de natureza, de felicidade. Em sua destra resplandeciam, preciosas, todas essas gemas valiosas das quais fala o Apocalipse de São João. Empunhava o Senhor, com grande firmeza, a Vara de Mercúrio, o Cetro dos Reis, o Bastão dos Patriarcas.

Tomando-me em seus braços, o Venerável cantou com voz de paraíso, dizendo coisas que aos seres terrenos não lhes é dado compreender. O Senhor de Perfeições levou-me então ao planeta Vênus, muito longe das amarguras deste mundo...

Foi assim como me aproximei do Íntimo pelo caminho secreto da meditação interior profunda. Agora falo por quê.

Capítulo 8

Estados de Jinas

Não obstante haver passado minha vida em tantas ocupações, tive também que investigar a fundo os estados jinas.

Olhai, senhores, se havia razão que as razões deste capítulo nos admirassem e alegrassem, quando pudemos experimentar, de forma direta, a existência real de terras e povos jinas.

“Causará assombro que, no primeiro terço do século XVIII, quando já não reinavam os supersticiosos Felipes, o mesmíssimo dom Juan de Mur y Aguirre, antes Governador de San Marcos de Arichoa, no Peru, acreditava cegamente na existência de múltiplas ilhas misteriosas por todos os mares do mundo”.

Isso se deveu a que, desde *La Gomera* e *La Palma*, enviavam informes mais ou menos fantásticos ao General e à Real Auditoria sobre as repetidas aparições das sonhadas ilhas, informes que produziram - diz Vieira – novos acessos de febre do maravilhoso nos ânimos, movendo-os a tentar, pela quarta vez, o descobrimento da ilha *Non-Trabada*.

“O certo é que a *Non-Trabada*, ou *Encubierta*, não tornou a ser vista pelos mortais desde o século XVIII até a data, porque o ceticismo agressivo que vem reinando no mundo desde a Enciclopédia não merece outra coisa senão que se faça mais espesso e denso o véu de Maia, que os semelhantes mistérios etéreos, ou da quarta dimensão, recobre.

“A ilha *Non-Trabada* ou *Encubierta*, geralmente mais conhecida por *San Borondón* – diz Benítez em sua **História das Ilhas Canárias** – é um daqueles países encantados que tem preocupado aos modernos, tanto quanto o Velocino de Ouro aos antigos. E crendo que tinham poderosas razões para isso, porque efetivamente desde as ilhas *La Palma*, *Gomera* e *Hierro*, costumava-se ver, ao O.S.O. da primeira e ao O.N.O. da última, correndo na direção de N. a S., uma como terra montanhosa que, segundo o cômputo geralmente mais admitido, distaria 40 léguas de *La Palma* e que poderia ter – não sabemos como se mediria – umas 87 léguas de comprimento por 28 de largura, e que, pois, as vezes, se via desde o sudoeste de Tenerife, e poderia estar a 28 graus e alguns minutos de latitude norte.

“No dia três de abril de 1570, o doutor Hernán Pérez de Grado, Primeiro Regente da Autoria das Canárias, liberou uma provisão encomendada para as ilhas *La Palma*, *Gomera* e *Hierro*, a fim de que fizessem uma averiguação exata de quantas pessoas tivessem observado a aparição de semelhante terra ou que, por qualquer outro conduto, tivessem provas de sua existência.

“Em virtude de semelhante informação, depôs em *La Palma* o piloto português Pedro Vello, natural de Setúbal, e disse que por causa de uma tempestade desembarcou na ilha *Non-Trabada* com dois de sua equipe e ali contemplou tais e quais maravilhas (fenômenos extraordinários, pegadas de gigantes, etc.) Logo, ao amanhecer, nublou-se o céu, soprou terrível furacão e ele, temendo perder seu navio, voltou a bordo mais que depressa.

“No instante de zarpar, perderam de vista a terra e, logo que este cessou, trataram de voltar a ela, sendo-lhes de todo ponto de vista impossível descobri-la, pelo que ficaram muito contrariados, especialmente pelos dois homens da tripulação que haviam ficado abandonados na espessura da selva”.

Esta verdadeira história jinas que aqui a vossa mercê se apresenta é tirada, ao pé-da-letra, de velhos escritos.

Dizem antigas tradições, por certo muito respeitáveis, que, durante a idade de ouro do Lácio e da Ligúria, o rei divino Jano, ou Saturno, (I.A.O., Baco, Jehováh) imperou sobre aquela santa gente, tribos árias todas, ainda que de bem diversas épocas e origens. Então, como em igual época do povo hebreu, podia-se dizer que convíviam felizes os jinas e os homens.

A Jana, Yana, Gnana ou Gnosis não é senão a ciência de Jano, ou seja, a ciência do conhecimento iniciático, a ciência de *Enoichion* ou do Vidente, e as variantes de seu nome são tais que há em cada língua uma, tais como Jan, Chan ou Kan, Dan, Dzan, D’Jan, Jain, Jian, Ioan, Kwan, Swan, Thanos, Thoan, Chohan - todas

AS TRÊS MONTANHAS

equivalentes à mais sublime concepção de um espírito planetário, o Regente de Saturno, um Nazada, um Kabir, no sentido mais completo da palavra.

Para mim, a ciência jinas não é opinião, senão verdade assentada, e, se quereis que vo-la mostre com a experiência vivida, escutai com paciência o subsequente relato:

Trinta vezes havia visto cair as folhas de outono em minha presente encarnação quando tive que trabalhar, consciente e positivamente, com a doutrina dos jinas ou de Jano.

Numa noite de maravilhas, Litelantes, minha sacerdotisa-esposa, fez-me sublime convite. Encontrava-me repousando no tálamo nupcial, com o corpo relaxado, boca para cima (decúbito dorsal).

Devo asseverar, com certa solenidade e para o bem da Grande Causa, que nesses instantes que me achava em estado de alerta novidade, alerta percepção.

Dormitava atento e vigilante como vigia em época de guerra. Obviamente anelava com sede infinita algo extraordinário.

Depois das já conhecidas invocações de rigor, senti como se outro ser humano pousasse sobre o meu relaxado corpo, exatamente sobre as mantas, cobertas ou cobertores que deliciosamente me protegiam do frio da noite. Claro, era Litelantes. Reconheci-a pela voz, quando, de forma veemente, me chamou pelo meu nome de batismo.

- Vamos! – me disse. – Vamos! Vamos! Com ânsias infinitas sempre havia esperado por este momento, e é claro que não demorei para me levantar da cama.

É claro também que ao me levantar da cama, ajudado dessa forma, atravessei a barreira da luz, ficando de pé ao lado da cama de penitente e anacoreta, com o corpo físico submerso na quarta dimensão.

Qualquer gnóstico sincero pode fazer o mesmo se, no instante de começar a dormir, se concentrar intensamente em sua Divina Mãe Natura particular, individual...

Uma fórmula mágica muito especial para isso é a seguinte: **Creio em Deus, creio em minha Mãe Natureza e creio na magia branca. Mãe Divina, leva-me com meu corpo. Amém.**

Milhares de vezes se reza esta oração nos momentos do recolhimento. Entretanto, convém não esquecer aquele ditado popular que diz: “A Deus rogando e com o malho dando.”

Então, ligeiramente adormecidos, levantai-vos do leito, suplicando e, logo, saltai com a intenção de flutuar no ambiente circundante. Tende fé como um grão de mostarda e movereis montanhas.

Se não lograis flutuar, metei-vos novamente dentro da vossa cama e repeti o experimento.

Muitos triunfam de imediato e outros tardam meses e até anos inteiros para lograr sua entrada nos paraísos jinas.

Depois dessa pequena, porém importante digressão de tipo indicativo, continuemos com nosso relato.

Saí da minha recâmara com passo firme e decidido, atravessei um pequeno pátio, e me dirigi à rua.

Cedendo-me passagem com muita reverência, certo grupo de senhoras bem velhinhas se inclinaram reverentes diante de minha insignificante pessoa que nada vale. Agradei a especial deferência...

Saí da cidade seguido de perto por aquele grupo de gente jinas; dirigi-me até as montanhas vizinhas. Senti como se me tivesse afundado num remoto passado sublunar antiqüíssimo;

compreendi que havia penetrado nos cosmos inferior. Fui submetido a provas de coragem, fazendo-me passar por cima de profundos precipícios.

Flutuando no ambiente circundante da quarta vertical, acompanhado por Litelantes e por toda a comitiva de gente jinas, atravessei o borrascoso oceano e cheguei a certo lugar secreto da velha Europa. Penetrei valorosamente em certo castelo, onde tive que contemplar, com assombro, um estranho símbolo, sob o qual havia um crucifixo.

O regresso à minha mansão foi relativamente fácil, pois é lei, na quarta dimensão, que tudo regressa ao seu ponto de partida original.

Litelantes e eu comentamos muito alegremente tudo isto. Obviamente havíamos conseguido um triunfo maravilhoso.

Dias depois continuamos com estes experimentos; aprendemos a colocar o corpo físico dentro dos cosmos superior.

Hoje, por experiência direta, sabemos que, com a ajuda da Mãe Divina Kundalini, podemos pôr o corpo físico em estado de jinas, para viajar entre o cosmo superior.

Capítulo 9 A Onda Dionisíaca

Mammon [1] e Dionísio [2], por serem incompatíveis tanto em seu continente como em seu conteúdo jamais poderiam se conciliar. De forma axiomática, irrefutável, podemos - e até devemos - definir Mammon com dois termos:

- a) Intelectualismo.
- b) Dinheiro (ouro, riquezas).

Corretamente, e de modo contundente e definitivo, urge definir Dionísio assim:

- a) Transmutação voluntária da libido sexual.
- b) Êxtase místico transcendental.

É oportuno citar agora, do calendário desta pobre humanidade pigméia, aquela data e hora de 4 de fevereiro de 1962, entre 2 e 3 da tarde, quando todos os planetas [3] do nosso sistema solar se reuniram num supremo concílio cósmico, precisamente na brilhante constelação de Aquário, para iniciar a Nova Era em meio ao augusto troar do pensamento.

Desde essa data memorável e sob a regência de Urano, o muito venerável e meritíssimo Senhor de Aquário, vibra intensamente, em toda natureza, a onda dionisíaca.

Não é demais enfatizar, no presente capítulo, a notícia transcendental de que tal planeta foi, é e será sempre o brilhante astro que rege e governa inteligentemente as glândulas endócrinas sexuais. Assim vós vos explicareis o intrínseco motivo que nestes instantes origina a intensiva vibração dionisíaca.

Entretanto, torna-se evidente e manifesto o fato concreto de que os terrícolas, em sua esmagadora maioria, não estiveram à altura das circunstâncias, não foram capazes de se polarizar positivamente com esta vibração. Portanto, definir os dois aspectos – positivo e negativo - dessa vibração cósmica é inadiável, urgente, indispensável.

PÓLO POSITIVO DIONISÍACO: Deleite sexual sublime; transmutação voluntária da libido sexual; Consciência desperta; conhecimento objetivo; intuição superlativa; música transcendental dos grandes mestres clássicos, etc.

PÓLO NEGATIVO DIONISÍACO: degeneração sexual; infra-sexualismo de toda classe; homossexualismo; lesbianismo; prazeres demoníacos nos mundos infernos, mediante as drogas, fungos, álcool; música infernal como esta da nova onda; etc.

Compreender a fundo os processos íntimos destes dois pólos da onda dionisíaca é algo muito importante. Como exemplo vivo deste par de pólos diametralmente opostos, correspondentes à mencionada ondulação, é oportuno citar aqui, a título de ilustração, dois movimentos revolucionários contemporâneos.

De forma delicada quero me referir, claramente e sem rodeios, ao **Movimento Gnóstico Cristão Universal** e também ao anverso da medalha dionisíaca, conhecido com o tristemente célebre nome de **Movimento Hippie**. [4]

Inquestionavelmente, os dois mencionados antípodas psicológicos constituem, de “per se”, uma viva e clara demonstração do par de pólos opostos da tremenda vibração dionisíaca.

Chegando criteriosamente a esta parte do presente capítulo, torna-se ineludível a necessidade de uma confrontação didática.

Embriaguez dionisíaca, êxtase, Samadhi, obviamente são indispensáveis quando se trata de experimentar isso que é a Verdade, o Real. Tal exaltação é cem por cento possível através da técnica da meditação.

Psicodelia é diferente. Traduza-se este termo assim: **Psique = alma; delia = droga**.

Especificando, diremos: O psicodélico é o pólo oposto da meditação. O inferno das drogas está no interior do planeta em que vivemos, sob a epiderme da crosta terrestre.

Os fungos alucinógenos, pastilhas, LSD, a maconha, etc., etc., etc., intensificam, evidentemente, a capacidade vibratória dos poderes subjetivos, mas é ostensivo que jamais poderiam originar o despertar da Consciência.

As drogas alteram fundamentalmente os genes sexuais e isto já está demonstrado cientificamente. Como consequência de tais mutações negativas genéticas, torna-se evidente o nascimento de crianças monstruosas.

Meditação e psicodelia são incompatíveis, opostos, antagônicos; jamais poderiam se mesclar.

Inquestionavelmente, estes dois fatores de embriaguez dionisíaca assinalam ou indicam rebelião psicológica. Gnósticos e *hippies* enfastiaram-se com o inútil intelectualismo de Mammon [1], aborreceram-se com tantas teorias, chegaram à conclusão de que a mente, como instrumento de investigação, é demasiado pobre.

Zen? Gnana-yoga? Isso é superlativo. Existem, dentro de nós, em estado latente, faculdades de cognição infinitamente superiores à mente. Mediante estas últimas podemos experimentar, de forma direta, isso que o é Real, isso que não é do tempo.

O movimento *hippie* preferiu o inferno das drogas; sem dúvida, definiu-se perversamente. Os gnósticos, plenamente desiludidos do néscio intelectualismo de Mammon, bebemos do vinho da meditação na taça da perfeita concentração.

Mudanças psicológicas radicais e profundas tornam-se urgentes quando nos desiludimos com os trambiqueiros da mente.

Regressar ao ponto de partida original é o indicado; só assim é possível uma transformação radical.

Sexologia? Deus e Nossa Senhora! Este tema horroriza os puritanos. Escrito está, com palavras de fogo, nas Sagradas Escrituras, que o sexo é pedra de tropeço e rocha de escândalo.

Ressalta a evidência de que nós não somos filhos de nenhuma teoria, escola ou seita. Na crua raiz de nossa existência só encontramos um homem, uma mulher e um coito.

Nascemos desnudos, alguém nos cortou o cordão umbilical, choramos e buscamos logo o peito materno.

Vestuário? Escolas? Teorias? Erudição? Dinheiro? Tudo isto veio depois, por acréscimo.

Crenças de todo tipo existem por toda parte. Entretanto, a única força que nos pôs no tapete da existência foi a energia criadora do primeiro instante, a potência sexual.

O deleite amoroso, o desfrute erótico, é, por seqüência lógica, a dita maior. Saber copular sabiamente é indispensável quando se anela, sinceramente, uma mudança psicológica definitiva.

Os *hippies* pressentiram tudo isto quando se sublevaram contra Mammon; porém erraram o caminho, não souberam se sintonizar com o pólo positivo de Dionísio [2].

Os gnósticos somos diferentes. Sabemos desfrutar. Agrada-nos transmutar e sublimar a libido. Isto não é um delito.

O movimento *hippie* marcha resolutamente pelo caminho involutivo e descendente do infra-sexualismo.

O Movimento Gnóstico Cristão Universal avança vitorioso pela via ascendente, revolucionária do supra-sexual.

NOTAS DO TRADUTOR REFERENTES AO PRESENTE CAPÍTULO

[1] **MAMMON** – Mammon é usado no Novo Testamento para descrever riqueza material ou avareza. Em gnose é o “demônio da riqueza e do dinheiro”. Há quem afirme que a palavra vem do hebreu "matmon", e significa "tesouro". Também existe no fenício "mommon" e significa "benefício". Aparece nos evangelhos em algumas traduções em Lucas 16: 9, 16:11 e 16:13; Mateus 6:24.

[2] **DIONÍSIO** - Em gnose é o deus da transmutação sexual. Na mitologia é filho de Zeus, normalmente caracterizado de duas maneiras: 1) Como o deus da vegetação - especificamente das árvores frutíferas - freqüentemente é representado em vasos bebendo em um chifre e com ramos de videira. 2) Mais conhecido como o deus do vinho e da alegria, aqui caracterizado como uma alegre divindade cujos mistérios inspiraram a adoração ao êxtase e o culto às celebrações. De fato, era bom e amável àqueles que o honravam, mas trazia loucura e destruição para aqueles que desprezavam as festas a ele dedicadas.

[3] **4 DE FEVEREIRO 1962** – Nesse dia houve, de fato, uma concentração de muitos planetas sob a constelação de Aquário, como se pode comprovar nos jornais da época.

[4] De fato, o Movimento Gnóstico teve início na década dos anos de 1950; o movimento hippie, na década dos 60.

Capítulo 10
O Fogo Sexual

A transmutação sexual do *ens seminis* em energia criadora torna-se possível quando evitamos, de forma cuidadosa, o abominável espasmo, o imundo orgasmo dos fornicadores.

A bipolarização deste tipo de energia cósmica no organismo humano foi, desde os antigos tempos, analisada nos colégios iniciáticos do Egito, México, Peru, Grécia, Roma, Fenícia, etc.

A subida da energia [e não da matéria] seminal até o cérebro verifica-se graças a certo par de cordões nervosos que, em forma de oito, se desenvolvem, esplendidamente, à direita e à esquerda da espinha dorsal.

Chegamos, pois, ao Caduceu de Mercúrio, com as asas do espírito sempre abertas. Mencionado par de cordões nervosos jamais poderia ser encontrado com o bisturi, porquanto estes canais são de natureza semi-etérica, semifísica.

Estas são as duas “testemunhas” do Apocalipse, as duas oliveiras e os dois candeieiros que estão diante do Deus da Terra, e se alguém quiser danificá-los, sai fogo de suas bocas, e devoram seus inimigos.

Na sagrada terra dos vedas [Índia], este par de cordões nervosos é conhecido com os nomes sânscritos de *Idá* e *Pingalá*. O primeiro está ligado à narina esquerda; o segundo, à direita.

É óbvio que o primeiro destes dois *nadis*, ou canais, é de tipo lunar; é ostensível que o segundo é de natureza solar.

A muitos estudantes gnósticos poderá surpreender um pouco que, sendo *Idá* da natureza fria e lunar, tenha suas raízes no testículo direito. Igualmente, a muitos discípulos do nosso Movimento Gnóstico pode-lhes parecer insólito e inusitado a notícia de que, sendo *Pingalá* de tipo estritamente solar, parta realmente do testículo esquerdo.

Entretanto, não devemos nos surpreender, porque tudo, na natureza, se baseia na lei das polaridades. O testículo direito encontra seu exato pólo oposto na fossa nasal esquerda, e isto já está demonstrado. O testículo esquerdo encontra seu perfeito antípoda na fossa nasal direita, e, obviamente, isto deve ser assim.

A fisiologia esotérica ensina que, no sexo feminino, as duas testemunhas partem dos ovários. É inquestionável que, nas mulheres, a ordem deste par de oliveiras do templo se inverte harmoniosamente.

Velhas tradições que surgem da noite profunda de todas as idades, dizem que, quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no *tribeni*, perto do cóccix, então, por simples indução elétrica, desperta uma terceira força. Quero me referir ao fogo maravilhoso do amor [fogo sexual].

Escrito está nos velhos textos da sabedoria antiga que o orifício inferior do canal medular nas pessoas comuns e correntes encontra-se hermeticamente fechado. Os vapores seminais o abrem para que o fogo sagrado da sexualidade penetre por ali.

Ao longo do canal medular processa-se um jogo maravilhoso de variados canais que penetram e se compenetraram mutuamente, sem se confundirem, porque estão localizados em diferentes dimensões.

Lembremos a *Sushumná* e outros, como o *Vajra*, o *Chitra*, o *Centralis* e o famoso *Brahmanadi*. Por este último sobe o fogo do leite sexual quando jamais cometemos o crime de derramar o sêmen.

Absurdo é enfatizar a equivocada idéia de que o erótico fogo de todas as ditas empreenda viagem retorno para o cóccix, depois da encarnação do Ser (*Jivatman*) no coração do homem.

Falsidade horripilante é aquela que afirma, de maneira torpe, que a chama divina do amor, depois de haver gozado sua união com *Paramashiva*, se separe, em viagem de retorno, pelo caminho inicial.

Tal regresso fatal, dito descenso até o cóccix, só se torna possível quando o Iniciado derrama o sêmen. Então, cai fulminado pelo raio terrível da justiça cósmica.

O ascenso do fogo sexual pelo canal medular realiza-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração. Os fogos do coração controlam sabiamente a milagrosa subida da chama do amor.

Obviamente, essa chama erótica não é algo automático ou mecânico, como supõem muitos equivocados sinceros. Este fogo serpentino desperta exclusivamente com o deleite sexual amoroso e verdadeiro. Jamais subiria a flama erótica pelo canal medular de casais unidos por mera conveniência pessoal. É impossível o ascenso da chama santa na espinha dorsal de homens e mulheres adúlteros. Nunca subirá o fogo das delícias sexuais na espinha dorsal daqueles que atraíam o guru. Jamais desperta o fogo sexual pela medula dos bêbados, afeminados, lésbicas, drogados, assassinos, ladrões, mentirosos, caluniadores, exploradores, cobiçosos, blasfemos, sacrílegos, etc.

O fogo dos gozos sexuais é semelhante a uma serpente de maravilhas que, quando desperta, emite um som muito similar ao de qualquer víbora açulada por um bastão.

O fogo sexual, cujo nome sânscrito é *Kundalini*, desenvolve-se, revoluciona e ascende dentro da aura resplandecente do *Maha-Choham*.

A subida da flama das ditas ardentes ao longo do canal espinhal, de vértebra em vértebra, de grau em grau, torna-se, em verdade, muito lento. Jamais sobe instantaneamente, como equivocadamente supõem algumas pessoas que não possuem informação correta.

Folgo em dizer, em grande estilo e sem muito alarde, que os trinta e três graus de maçonaria oculta correspondem, esotericamente, com as trinta e três vértebras espinhais.

Quando o alquimista comete o crime de derramar o Vaso de Hermes – me refiro ao derrame seminal - obviamente perde graus maçônicos, porque o fogo dos encantos amorosos desce uma ou mais vértebras, de acordo com a magnitude da falta.

Recuperar os graus perdidos costuma ser espantosamente difícil. Entretanto, está escrito que na catedral da alma há mais alegria por um pecador que se arrepende do que por mil justos que não necessitam de arrependimento.

No magistério do amor sempre somos assistidos pelos Elohim [plural de *Eloah*: Anjo]; eles nos aconselham e ajudam.

A Universidade *Adhyatmica* dos Sábios examina, periodicamente, os aspirantes que, depois de terem renunciado a Mammon, (intelectualismo e riquezas materiais), desfrutam, sabiamente, das delícias do amor no tálamo nupcial.

Na medula e no sêmen encontra-se a chave da redenção, e tudo que não seja por ali, por esse caminho, significa, de fato, uma inútil perda de tempo.

O fogo serpentino (*Kundalini*) encontra-se enroscado, como qualquer serpente, com três voltas e meia, dentro de certo centro magnético situado no osso coccígeo, na base da espinha dorsal.

Quando a serpente sexual desperta para iniciar sua marcha para dentro e para cima, passamos por seis experiências místicas transcendentais, que podemos e devemos definir, claramente, com seis termos sânscritos, assim:

1. **Ananda:** Certa alegria espiritual.
2. **Kampan:** Hipersensibilidade de tipo elétrico e psíquico.
3. **Utthan:** Progressivo aumento autoconsciente, desdobramentos astrais, experiências místicas transcendentais nos mundos superiores, etc.
4. **Ghurni:** Intensos anelos divinais.
5. **Murcha:** Estados de lassidão, relaxamentos de músculos e nervos de forma muito natural e espontânea durante a meditação.
6. **Nidra:** Determinado tipo específico de sono que, combinado com a meditação interior profunda, vem a se converter em *Samadhi* resplandecente (êxtase).

Inquestionavelmente, o fogo do amor nos confere infinitos poderes transcendentais. A flama sexual é, fora de toda dúvida, uma verdade jeovástica e vedantina ao mesmo tempo.

A chama sexual é a deusa da palavra, adorada pelos sábios. Quando desperta, confere-nos a iluminação. A flama erótica nos confere essa sabedoria divina que não é da mente e que está mais além do tempo.

É ela que dá também o *Mukti* [liberação] da beatitude final e o *Jnana* [sabedoria] da liberação.

DI – ON – IS - IO. Dionísio. Silabando-se esta mágica palavra, este mantra de maravilhas, sobrevém, extraordinariamente, a transmutação voluntária da libido durante o coito paradisíaco.

MÁGICOS RESULTADOS DESTE MANTRA:

1. **DI:** Intensifica cada vibração dos órgãos criadores.
2. **ON:** Movimento inteligente da energia criadora em todo o sistema nervoso sexual até submergir na Consciência.
3. **IS:** Esta mântrica sílaba nos lembra os mistérios isíacos e o seu correspondente nome *Ísis*. Obviamente, a vogal *I* e a letra *S*, prolongadas como um silvo doce e aprazível, invocam a serpente sexual para que suba, vitoriosa, pelo canal medular espinhal.
4. **IO:** Isolda, o androginismo luni-solar, Osíris-Ísis, cintila desde o fundo profundo de todas as idades, terrivelmente divino. *I*, com sua profunda significação, certamente é o *Lingham* (falo), o *Iod* hebreu. *O* é o eterno feminino, o útero (*Yoni*), o famoso *He* hebraico. **IO:** Quando entoamos esta última sílaba da mágica palavra durante o transe sexual, então se produz a transmutação íntegra da libido.

Assim é como a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes desperta para iniciar seu êxodo pelo canal medular. Salta à vista o aspecto maternal da flama sagrada que de forma serpentina ascende pela espinha dorsal - flama esta com figura de cobra, divina chama sexual, Mãe Sacratíssima Kundalini.

Fora do corpo físico, nossa Mãe Cósmica particular - pois cada um tem a sua - assume sempre a presença maravilhosa de uma mãe virgem.

Certa vez, não importa o dia nem a hora, achando-me fora do corpo físico, encontrei-me com a minha Mãe Sagrada no interior de um precioso recinto. Depois dos costumeiros abraços de filho e mãe, Ela se sentou num cômodo sofá, frente a mim, oportunidade que aproveitei para fazer perguntas necessárias.

- Mãezinha, agora estou me portando bem?

- Sim, meu filho! Agora estás indo bem.

- Ainda necessito praticar magia sexual, Mãezinha?

- Sim, ainda necessitas.

- É possível que lá, no mundo físico, haja alguém que possa se auto-realizar sem necessidade da magia sexual?

A resposta a esta última pergunta foi tremenda:

- Impossível, meu filho! Isso não é possível.

Confesso francamente e sem rodeios que estas palavras da Adorável me deixaram assombrado. Lembrei-me, então, com suprema dor, tantos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas que anelam, de verdade, a liberação final, porém desconhecem o *Sahaja Maithuna*, a magia sexual, a chave maravilhosa arcano.

Inquestionavelmente, o caminho que conduz ao abismo está empedrado de boas intenções.

Capítulo 11 A Vaca Sagrada

Antes da segunda catástrofe *transapalnia* [ocorrida há cerca de 200 mil anos] que alterou profundamente o aspecto da crosta terrestre, existiu um velho continente que hoje jaz submerso nas procelosas águas do Oceano Atlântico. Refiro-me, de forma enfática, à Atlântida, sobre a qual existem, por toda parte, inumeráveis tradições. Como exemplos, vejam-se os nomes estrangeiros atlantes ou das “línguas bárbaras”, como soíam dizer aqueles gregos cretinos que quiseram assassinar Anaxágoras, quando se atreveu a dizer que o Sol era um pouco maior que a metade do Peloponeso. Nomes esses, digo, traduzidos ao egípcio pelos sacerdotes de Saís e revertidos ao seu antigo significado pelo divino Platão, para depois revertê-los maravilhosamente para a linguagem da Ática. Veja-se também o fio diamantino da tradição milenar desde aqueles até Sólon, continuando, em seguida, com os dois Crítias e o mestre Platão. Vejam, digo ainda, as extraordinárias descrições de botânica, geografia, zoologia, mineralogia, política, religião, costumes, etc., dos atlantes. Vejam também, com olhos de águia altaneira, as veladas alusões aos primeiros reis divinos daquele velho continente antediluviano, dos quais tantas referências têm também o paganismo mediterrâneo e os antiqüíssimos textos sagrados do mundo oriental; reis sublimes, dentre os quais encontram-se outros apontamentos assombrosos de Diodoro de Sicília, que ainda nos ficam por estudar, dão detalhada conta. Vejam enfim - e isto é o mais interessante - o próprio sacrifício da Vaca Sagrada, característico dos brâhmanes, dos hebreus, dos maometanos, dos gentios europeus e de milhares de outros povos. É inquestionável que nosso celeberrimo e indestrutível circo taurino, no fundo, não é senão uma sobrevivência ancestral antiqüíssima daquela festa de sacrifício atlante, cuja descrição se encontra ainda em muitos livros arcaicos secretos.

Na verdade, muitas são as lendas existentes no mundo sobre aqueles touros que viviam soltos no templo de Netuno, animais esses que não eram atacados brutalmente como hoje, com lanças e espadas, senão com laços e outras artes engenhosas da clássica tauromaquia. Já vencida na arena sagrada, a simbólica besta era então imolada em honra dos deuses santos da Atlântida, os quais, como o próprio Netuno, haviam involuído do estado solar primitivo, até se converterem em pessoas de tipo lunar. [HPB menciona que o boddhisattwa de Netuno entrou na geração animal no fim do período da clássica Atlântida]

A clássica arte da tauromaquia é, certamente, algo iniciático e relacionado com o culto misterioso da Vaca Sagrada. Vede a arena atlante do templo de Netuno e a atual. Certamente não são senão um zodíaco vivo, em cujo constelado se senta o honorável público. O iniciador ou hierofante é o mestre; os bandarilheiros a pé são os companheiros. Os picadores por sua vez são os aprendizes. Por isso, estes últimos vão a cavalo, quer dizer, com todo o lastro em cima do seu indomado corpo, que sói cair morto na dura briga.

Os companheiros, ao porem as bandarilhas ou varetas, já começam a se sentir superiores à fera, ao ego animal. Quer dizer que são já, à maneira de Arjuna do Bagavad-Gita, os perseguidores do inimigo secreto. Já o mestre, com a capa da sua hierarquia, ou seja, com o domínio de Maia, e empunhando com sua destra a espada flamígera da vontade, se parece ao Deus Krishna daquele velho poema, não o perseguidor, mas o matador do eu, da besta, horripilante monstro bramador que também é visto no *Kameloc* ou *Kamaloka*; ou [representa] o próprio rei Artur, chefe supremo dos famosos cavaleiros da Távola Redonda.

É, pois, a resplandecente tauromaquia atlante uma arte régia, profundamente significativa, porquanto nos ensina, através de seu brilhante simbolismo, a dura briga que deve nos conduzir à dissolução do eu. Qualquer visão retrospectiva, relacionada com o esoterismo taurino, indubitavelmente pode nos conduzir aos místicos descobrimentos de ordem transcendental.

Como fato de atualidade imediata não é demais citar o profundo amor que sente o toureiro por sua virgem; é ostensível que a ela se entrega totalmente antes de aparecer com seu reluzente traje na arena. Isto nos faz lembrar os Mistérios de Ísis, o sacrifício terrível da Vaca Sagrada e os cultos arcaicos de *IO*, cujas origens provêm, solenes, do amanhecer da vida em nosso planeta Terra.

Torna-se patente, claro e definitivo que somente *IO*, Devi Kundalini, a Vaca Sagrada das cinco patas, a Mãe Divina, possui, na verdade, esse poder mágico serpentino que nos permite reduzir à poeira cósmica o ego animal, a besta bramadora da arena da existência.

As vogais *IO* constituem, em si mesmas, o número dez da geração e a razão da circunferência ao diâmetro. Obviamente *IO* é, pois, o número *Pi* (*Pithar*), o tremendo mistério masculino-feminino. *IO* também é a

suástica, *fohat* ou a eletricidade sexual transcendente que é representada com a cruz dentro do círculo e símbolo da Terra, sobre cujo tema se poderia escrever todo um livro. Escrito está, com letras de fogo no livro da vida, que tal símbolo da suástica, em forma de coordenada matemática, existiu em todos os países da Terra, desde a noite dos séculos. Portanto, necessitamos com suma urgência inadiável converter-nos em “vaqueiros”, quer dizer, em sábios condutores da Vaca Sagrada.

A Venerável Grande Mestra H.P.B. viu, realmente, na Índia, uma autêntica vaca de cinco patas. Era um verdadeiro capricho da natureza, um milagre imaculado, branquíssimo, inefável. Dom Mario Roso de Luna disse que aquela singular criatura levava a quinta pata na giba e com ela espantava as moscas e se coçava.

O curioso animal era conduzido por um jovem da seita Saddhu. O jovem alimentava-se exclusivamente com o leite desta misteriosa vaca. Salta à vista o simbolismo esotérico, maravilhoso e esplendoroso da vaca das cinco patas - vivíssima expressão dos cinco desdobramentos da nossa Divina Mãe Kundalini particular.

Recordemos o signo do infinito, o oito estendido horizontalmente e igualado a um cinco, o que dá, literalmente, “Infinito igual a cinco”. Quer dizer: o infinito é igual à pentalfa, à Vaca Inefável das cinco patas, à estrela de cinco pontas, ou pentágono regular e estrelado, que deteve Mefistófeles quando acudiu à evocação bruxesca do Doutor Fausto.

Definir estes cinco aspectos é indispensável para o bem de todos e de cada um de nossos estudantes:

1. A Imanifestada Kundalini.
2. Ísis inefável, a casta Diana (Sabedoria, Amor, Poder).
3. A Hécate grega, a Prosérpina egípcia, a Coatlicue asteca (a rainha dos infernos e da morte; terror de amor e lei).
4. A Mãe Natura particular individual (aquela que criou nosso corpo físico).
5. A Maga Elemental Instintiva (aquela que originou nossos instintos).

O vaqueiro, o condutor da vaca sagrada, pode e deve trabalhar no magistério destes cinco poderes da pentalfa.

Solenemente, declaro de forma enfática o seguinte: Eu trabalho diretamente com os cinco poderes da Vaca Sagrada.

Ilustrar, esclarecer, ensinar sobre a pentalfa é um dever, porém prefiro fazê-lo com relatos vividos.

PRIMEIRO RELATO

Dizem que entre o sublime e o ridículo não há mais que um passo, e isto é axiomático. Recordai, por um momento, as bacantes quando estavam no período de seu furor orgiástico; belezas femininas polarizadas positivamente com a onda dionisíaca, ninfas dos bosques e das montanhas perseguidas pelos silenos lascivos.

Vede, agora, as mênades ridículas, negativamente polarizadas com a onda de Dionísio; bailarinas desenfreadas no furor de sua loucura sagrada; mulheres *hippies* da antiga Grécia; fêmeas prostitutas excitadas pelas drogas, em plena embriaguez dionisíaca. Os sacrifícios humanos e de animais as tornavam ainda mais perigosas. Foram as mênades luxuriosas que mataram Orfeu e a lira maravilhosa caiu sobre o pavimento do templo, feita em pedaços.

Certa vez relatava a meus amigos alguns cômicos episódios relacionados com um passado boêmio. Obviamente, não podiam faltar em tais episódios o fermentado fruto da videira e as bacantes no cúmulo de seu furor orgiástico. Ridículas cenas daqueles tempos idos, em que andava pelo mundo, este do Kali-Yuga, como *boddhisattwa* caído.

Entretanto, existem momentos estelares da humanidade. Um recordatório cósmico sói, em verdade, ser muito necessário. Fora do veículo físico, em corpo astral, sob a zona tridimensional de Euclides, tive que entrar no mundo soterrado. O que sucedeu depois foi espantoso, em grande estilo. O que vi ali, na horrível região submersa, foi o mesmo que antes viram os Hoffman, os Edgar Poe, os Blavatsky e os Bulwer-Litton de todos os tempos; o mesmo que nos pinta Espronceda com seus coros demoníacos, com as angústias do poeta, com suas vozes discordes dos que levam sem rumo a nave da vida, fiando-se como loucos, no vento das paixões e

AS TRÊS MONTANHAS

do tenebroso mar da dúvida no bem obrar dos que, fatais, desposam o destino; dos que, orgulhosos, querem alçar Torres de Babel de ambições néscias; dos que mentem; dos que combatem por mundanas glórias; dos que se enlodam no prazer da orgia; dos que cobiçam o ouro; dos ansiosos que odeiam o trabalho fecundo e criador; dos malvados, dos hipócritas e demais vítimas do Proteu do egoísmo, enfim... Apareceram garras, dentes, cornos, trombas, agulhões, beiços, caudas, asas dentadas, dilacerantes anéis que ameaçavam me aniquilar qual ínfimo verme... Aos meus ouvidos mágicos chegaram, nesses momentos, muitos sons horripilantes: alaridos, uivos, sibilos, relinchos, chiados, mugidos, grasnidos, miados, ladridos, bufares, roncões e crocitaras. Submerso, me encontrei no lodo de tantas misérias, e a angústia se apoderou de mim; aguardava, ansiosamente, um bálsamo para sanar meu dolorido coração. Não eram falsas as elucubrações desses grandes videntes do astral que se chamaram alquimistas, cabalistas, ocultistas, esoteristas, yogues, gnósticos ou simplesmente poetas. De repente, algo insólito acontece além das lamacentas águas do Aqueronte: gira sobre seus gonzos de aço a horrível porta que dá acesso à morada de Plutão. Intensamente emocionado, estremeço, pressinto que algo terrível sucedeu. Não estou equivocado... Eu a vejo! É Ela! A Imanifestada Kundalini transpôs o umbral onde moram as almas perdidas... Magnífica Madona, excelente, extraordinária e terrivelmente divina, acerca-se de mim com passo magistral. Não sei o que fazer; estou confuso; sinto temor e amor simultaneamente... Recordatório cósmico? Recriminação? Não! A Adorável me fala com voz de paraíso, bendiz-me e, depois, continua seu caminho como quem vai para as espantosas muralhas da cidade de Dite.

No fundo da minha Consciência senti, nesses momentos, como se Ela quisesse também ajudar a outros que moram em torno da cidade da dor, onde já não poderemos entrar sem justa indignação. Olhando desde a alta torre de ardente cúspide, contam que Dante viu aparecer, de repente, as três Fúrias infernais, as quais, segundo se diz, tinham movimentos e membros femininos.

Tudo isto lembrei instantaneamente; de modo algum queria eu – mísero mortal do lado da terra – converter-me em um habitante a mais da cidade da dor. Felizmente, tive a imensa dita de poder sair das entranhas do Averno para aparecer à luz do sol...

EM OUTRO DIA - Logo de manhã alguém bate à minha porta: é um velho professor do ensino secundário. Aquele bom homem me convida a uma festa de graduação. Sua filha concluíra os estudos com pleno êxito... Impossível declinar seu convite! É meu amigo e até lhe devo certos favores. De modo algum estou disposto a desprezá-lo. Depois de todos os conhecidos arranjos pessoais, Litelantes e minha insignificante pessoa que nada vale saímos de casa com o ânimo de chegar à morada do professor. Muitas pessoas elegantemente vestidas nos receberam, muito cordiais, na régia mansão. Música deliciosa ressoava na habitação; pessoas alegres iam e vinham por aqui e ali; ditosos casais dançavam sobre o macio tapete. Várias vezes meu esplêndido anfitrião veio até nós com o propósito de nos brindar com o fermentado vinho. Pude ver por algumas vezes bem de perto as resplandecentes taças de fino cristal bacará; entretanto, rechacei energicamente a Baco e suas orgias; achava-me compungido de coração. Inquestionavelmente, [com esse gesto] meu anfitrião se converteu em meu pior inimigo. Supôs, equivocadamente, que eu era um sujeito desairoso, que estava desprezando sua festa. Mais tarde, propagou contra mim diversas mentiras difamatórias. Lançou contra minha insignificante pessoa todo o veneno de suas críticas. Não contente com tudo isso, apelou para a calúnia pública, acusando-me ante os tribunais de justiça de supostos delitos que ainda ignoro. Um pouco depois disso tudo, aquele cavalheiro de outrora morreu num infeliz acidente automobilístico.

Hoje em dia penso que procedi mal naquela festa, como qualquer outro inocente; faltou-me diplomacia. Existem convidados em todas as salas do mundo que sabem brindar com o diabo. Passam a noite inteira com uma taça na mão e com ela se defendem maravilhosamente. Simulam beber cada vez que há um novo brinde, mas na realidade não bebem. Burlam-se do demônio do álcool...

SEGUNDO RELATO

Vamos agora a um novo relato, muito singular, no qual não falaremos de festins maravilhosos nem de banquetes a Heliogábalo...

*“Que descansada vida
a do que foge do mundano ruído
e segue a escondida
senda por onde têm ido
os poucos sábios que no mundo têm sido!*

*Que não lhe enturve o peito
dos soberbos grandes o estado,
nem do dourado leite
se admira, fabricado
do sábio mouro,
sem jaspes sustentado”.*

Vênus caçadora, descendo dos altos cumes, com o propósito de auxiliar seu filho Enéas, o herói troiano que desembarcou nas terras da Líbia, me traz recordações insólitas... Ísis, Adonia, Tonantzin (o segundo aspecto da minha Mãe Divina Kundalini), veio a mim mais veloz que o sopro do Euro. Não tinha um rosto próprio de um mortal; possuía uma beleza impossível de definir com palavras; parecia irmã de Febo-Apolo. Eu me vi em seus amantíssimos braços imaculados. Parecia a adorável uma “dolorosa”, como aquela do bíblico evangelho crístico. Tinha fome e me deu de comer; sede, e me deu de beber; enfermei, e me curou. Impossível esquecer suas palavras: “Meu filho, tu, sem mim, na hora da morte, estarias completamente órfão”. Logo continuou dizendo: “Tu, sem mim, estarias no mundo totalmente só. Que seria de tua vida sem mim?” Posteriormente repeti: “Certamente, sem ti, Mãe Divina, eu estaria órfão. Reconheço plenamente que sem a tua presença na hora da morte, me acharia realmente só”.

A vida se torna um deserto quando se morre em si mesmo. Sem o auxílio da nossa Divina Mãe Kundalini, em toda a presença de nosso Ser, encontrar-nos-íamos, então, interiormente órfãos. “Oh Mãe adorável! Tu manifestas o prana, a eletricidade, a força, o magnetismo, a coesão e a gravitação neste universo. Tu és a divina energia cósmica oculta nas ignotas profundidades de cada criatura. Oh Maha-Saraswati! Oh Maha-Lakshmi! Tu és a esposa inefável de Shiva (o Espírito Santo)”.

TERCEIRO RELATO

A lenda da Vaca Celeste, cujo leite é ambrósia, vida e imortalidade, não é, de modo algum, algo sem sólidas bases, e nós, os Adeptos, como o divino Gautama ou o Buddha condutor da vaca, trabalhamos muito seriamente com o magistério dos cinco aspectos de Devi-Kundalini.

Aos gnósticos nos agrada muito alimentar-nos com as Maçãs de Ouro ou de Fréya, que dão a imortalidade aos deuses [FRÉYA, FRY ou FRIGGA - De onde "Fryday" (sexta-feira), equivalente ao *Viernes* espanhol ou Dia de Vênus ou Dia de Fréya – NT].

Ditosos bebemos o licor do *soma* ou do bíblico *maná*, com o qual nos sentimos tão reconfortados e vigorosos como nos melhores momentos de nossa florida juventude.

Certo evento cósmico transcendental, divinal, vem à minha memória nos instantes em que escrevo estas linhas. Sucedeu, há já muitos anos que, numa noite de plenilúnio, fui transportado a um monastério extraordinário da Fraternidade Universal Branca.

Quão feliz me senti na mansão do amor!... Certamente não há nenhum maior prazer do que aquele de sentir a alma despreendida... Nesses instantes, o tempo não existe, o passado e o futuro irmanam-se dentro de um eterno agora.

Seguindo meus amigos por réguas câmaras e galerias, chegamos até um pátio fresquíssimo, do qual era uma miniatura o dos Leões de Alhambra.

Encantador pátio no qual murmuravam, entre flores nunca vistas nem ouvidas, vários esguichos de água como aqueles da divina fonte de Castália... [Castália era uma Ninfa grega amada por Apolo, o qual a transformou em fonte em Delfos – NT].

AS TRÊS MONTANHAS

Entretanto, o melhor luzia no centro do pátio e o contemplei com místico assombro de penitente e anacoreta...

Quero me referir, de forma enfática, à Pedra da Verdade. Esta tinha, então, humana forma divinal...

Prodígio sexual da bendita Deusa Mãe Morte, maravilha funeral, espectral...

Terceiro aspecto da minha Divina Mãe Kundalini, pétrea escultura viva, tremenda representação disso que tanta assusta os mortais...

Sem rodeios confesso, ante os divinos e ante os humanos, que eu abracei a terrível Deusa Morte em plena embriaguez dionisiaca...

Era indispensável reconciliar-me com a lei. Assim me haviam dito os irmãos da Ordem de São João, esses veneráveis que em si mesmos haviam já realizado o mistério hiperbóreo...

Concluído aquele festival cósmico, tive então que me reunir com algumas damas e cavaleiros do Santo Graal no refeitório do monastério.

Com muito segredo e grande entusiasmo, todos os irmãos comentamos, durante a ceia, o extraordinário acontecimento.

Inquestionavelmente, as pedras animadas que na antiga Arcádia modificaram radicalmente a forma de pensar do sábio Pausânias podem ser classificadas em duas classes: ofitos e sideritos, a pedra-serpente e a pedra-estrela.

Eusébio, especialmente, nunca se separava de seus ofitos, que levava em seu peito, e recebia oráculos deles, proferidos por uma vozinha que se parecia a um tênue sibilo...

Arnóbio conta que sempre que encontrava uma pedra dessas, não deixava de lhe dirigir alguma pergunta que ela contestava com uma vozinha clara e aguda...

Hécate, Prosérpina, Coatlicue, em viva pedra animada, me pareceu como se houvesse brotado do campo da morte ou de alguma tumba de Carnac.

QUARTO RELATO

O que o comum das pessoas conhece atualmente acerca do xamanismo, é muito pouco, e até este pouco foi adulterado, da mesma forma que o resto das religiões não cristãs. Costumam denominar isso tudo de “paganismo da Mongólia”, sem razão alguma, posto que é uma das mais antigas religiões da Índia, a saber: O culto do espírito, a crença na imortalidade das almas e em que estas, após a morte, seguem apresentando as mesmas características dos homens a quem animaram aqui na Terra, ainda que seus corpos, pela morte, tenham perdido a sua forma objetiva, trocando o homem sua forma física pela espiritual.

Dita crença, em sua forma atual, é retorno da primitiva teurgia e uma fusão prática do mundo visível com o invisível.

Quando um estrangeiro naturalizado no país deseja entrar em comunicação com seus invisíveis irmãos, tem que assimilar sua natureza, isto é, deve encontrar estes seres andando a metade do caminho que deles o separa; enriquecido, então, por eles, com uma abundante provisão de essência espiritual, ele os dota, por sua vez, com uma parte de sua natureza física, para colocá-los, desta maneira, em condições de poderem se mostrar algumas vezes em sua forma semi-objetiva, da qual comumente carecem.

Semelhante processo é uma troca temporal de naturezas, chamado comumente de “teurgia”.

As pessoas comuns chamam os xamãs de feiticeiros, porque dizem que evocam os espíritos dos mortos com o fim de exercer a nigromancia. Porém, o verdadeiro xamanismo não pode ser julgado por suas degeneradas ramificações da Sibéria, do mesmo modo que a religião de Gautama-Buddha não pode ser confundida com o fetichismo de alguns que se dizem seus seguidores no Sião [atual Birmânia].

Inquestionavelmente, as teúrgicas invocações tornam-se mais simples e eficazes quando se opera magicamente com o corpo físico totalmente submerso na quarta dimensão. Percorrendo para dentro e para cima metade do caminho que dos seres queridos nos separa, podemos nos encontrar com nossos queridos mortos cara a cara. Obviamente, isso tudo seria bem mais fácil se andássemos todo o caminho.

Com o corpo físico submerso dentro da quarta coordenada, como Jâmblico, podemos invocar os deuses santos, para conversar com eles pessoalmente. Entretanto, é ostensível que necessitamos, com urgência máxima, de um ponto de apoio, de uma alavanca que nos permita realmente saltar, com corpo físico e tudo mais, para a quarta dimensão.

Já no oitavo capítulo deste livro falamos, com muita ênfase, sobre o agente mágico dos estados jinas. Quero me referir claramente ao quarto aspecto de Devi-Kudalini. (Este é o ponto de apoio para a quarta vertical).

Nos instantes em que escrevo estas linhas, vêm à minha mente algumas lembranças, magníficas evocações divinais. Aconteceu numa noite de outono, quando resolvi beber do vinho da meditação na taça da perfeita concentração.

O motivo de minha meditação foi minha Mãe Natura Particular, o quarto aspecto da Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Orar é conversar com Deus, e eu conversei com a Adorável, suplicando-lhe com o verbo silencioso que me levasse, com o corpo físico, ao paraíso terrestre (à quarta dimensão).

O que depois aconteceu, na noite do mistério, foi assombroso: Assistido pela inefável, levantei-me do leito...

Quando abandonei minha morada e saí à rua, pude evidenciar que meu corpo físico havia penetrado na quarta dimensão...

Ela me levou aos bosques mais profundos do Éden, onde os rios de água pura da vida vertem leite e mel...

Virgem! Senhora de arborizados cumes! Tudo cala ante ti: a Ibéria inculta, o gaulês que, ainda morrendo, ardente desafia; e o sicambro feroz que, por fim rendendo as armas, humilhando, te respeita.

Adorável Madona minha! Pelos deuses que do alto do céu governam na Terra os mortais, imploro sempre teu auxílio...

O rosto da minha Mãe Natura era como o de uma beldade paradisíaca, impossível de descrever com humanas palavras...

Seu cabelo parecia uma cascata de ouro, caindo deliciosamente sobre seus ombros alabastrinos.

Seu corpo era com o da Vênus mitológica; suas mãos, com dedos cônicos formosíssimos e cheios de gemas preciosas, tinham a forma crística...

No bosque conversei com a Adorável e Ela me disse coisas que aos seres terrestres não é dado compreender...

Sublime resplandecia minha Mãe no mundo etérico, na quarta vertical, na quarta dimensão...

Se, pois, nada produz alívio para o peito dolorido, nem mármore da Frígia, nem púrpura esplendente, melhor é que se refugie no seio delicioso de sua Divina Mãe Natura particular, individual...

Ela é a autora de nossos dias, a verdadeira artífice de nosso corpo físico...

Foi Ela quem, no laboratório humano, juntou o óvulo com o esperma para que surgisse a vida...

É Ela a criadora da célula germinal com seus quarenta e oito cromossomos...

Sem Ela não teriam multiplicado as células do embrião, nem formado os órgãos...

Ainda que o sofrimento dobre tua alma, mantém-te firme, ó discípulo! E entrega-te humildemente a tua Mãe Natura...

QUINTO RELATO

“Quero ver, nos confins da terrestre mansão, o Oceano e Tétis, a quem devemos a existência”. Os amores de Júpiter com a virgem **IO**, a qual foi transformada em terneira celeste, ou na Vaca Sagrada dos orientais, para assim escapar das iras de Juno, é algo que tem profundo significado...

Daqui, pois, o primeiro Júpiter da teogonia grega, pai de todos os deuses, senhor do universo e irmão de Urano ou **Ur-Anas**, quer dizer, o Fogo e a Água primitivos; pois, é sabido, segundo o clássico, que no panteão grego figuram cerca de trezentos Júpiteres...

Em seu outro aspecto de **Jove** ou **Iod-Heve**, é o **Jehováh** macho-fêmea, andróginos coletivos de **Elohim** dos livros mosaicos, **Adam-Kadmon** dos cabalistas; o **Ia-Cho** ou **Inacho** da Anatólia, que também é Dionísio, cuja onda vibratória tornou-se muito intensa com a entrada do Sol na brilhante constelação de Aquário...

Jesus, o Grande Kabir, jamais rendeu culto ao antropomórfico Jehováh das multidões judaicas... [e isso pode ser visto claramente no recém-publicado Evangelho de Judas – NT].

À lei de Talião: “Olho por olho e dente por dente” do Jehováh vingativo, seguiu-se a lei do amor: “Amai-vos um aos outros como eu vos ame!”.

Se com místico entusiasmo esquadrinharmos as Sagradas Escrituras, poderemos evidenciar claramente o fato claro e manifesto de que em nenhum dos quatro evangelhos figura o antropomórfico Jehováh hebraico.

RAM-IO, Maria, a Divina Mãe Kundalini, acompanhou sempre o Adorável e aí a vemos no monte das Caveiras ao pé da cruz...“

“Meu Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem!” - Exclama o Divino Rabi da Galiléia desde os cumes majestosos do Calvário.

Inquestionavelmente, o bendito Senhor de Perfeições só adorou a seu Pai que está em secreto, e a sua Divina Mãe Kundalini.

Em outras palavras diremos: O Grande Kabir Jesus amou profundamente a **Iod-Heve**, o divino macho-fêmea interior...

Iod é, certamente, a mônada particular, individual de cada qual, o Shiva hindu, o Arqui-hierofante e Arquimago, o Primogênito da criação, o Velocino de Ouro, o tesouro que devemos nos apossar depois de vencer o dragão das trevas.

Heve é o desdobramento de **Iod**; é a divina esposa de Shiva, nossa Mãe Kundalini individual, a Vaca Sagrada de cinco patas, o mistério esotérico da pentalfa.

Júpiter e sua Vaca de **IO** (iiiiiiiiooooo) guardam juncômmitância exata com o **Iod-Heve**, o divino casal interior de cada criatura.

Quatro aspectos da Vaca Sagrada de **IO** temos estudado. Continuemos, agora, com o quinto mistério...

Existem, no caminho esotérico, intervalos cósmicos transcendentais e transcendentes. Depois de haver ingressado no templo dos duas vezes nascidos, tive que passar por um desses intervalos... Quero me referir de forma enfática a uma suspensão sexual, a um período de abstenção que durou vários anos. Nesse ínterim me dediquei com exclusividade absoluta à meditação interior profunda... Objetivo: dissolver o eu psicológico, o mim mesmo, o si mesmo, o qual é, certamente, um nó na energia cósmica, uma trava que devemos reduzir à poeira cósmica.

Compreender de forma íntegra cada um de meus defeitos psicológicos, pareceu-me fundamental, mas eu quis ir um pouco mais longe pelo caminho da meditação. Compreensão não é tudo. Precisamos, com urgência máxima, inadiável, capturar o profundo significado daquilo que compreendemos.

Qualquer devoto do real caminho se pode ter dado ao luxo de compreender um defeito psicológico em todos os territórios da mente, sem que, por isso, tenha logrado a apreensão de seu profundo significado.

Tratando de compreender meus próprios defeitos em todos os recôncavos da mente, resolvi converter-me em inimigo de mim mesmo. Cada defeito foi estudado em separado e de forma muito ordenada. Jamais cometi o erro de querer caçar dez lebres ao mesmo tempo. De maneira alguma quis me expor a um fracasso.

A meditação se fazia exaustiva; tornava-se cada vez mais profunda, e, quando me sentia desfalecer, deixava a mente quieta e em silêncio, como que aguardando alguma revelação. Nesses instantes vinha a verdade, capturava isso que não é do tempo, o profundo significado do defeito compreendido de forma íntegra. Depois, orava, suplicava, rogava, com veemência, à minha Divina Mãe Kundalini que eliminasse de minha mente o agregado psíquico, o defeito psicológico em questão.

Assim, pouco a pouco, com esta didática, com este “modus operandi”, consegui, durante esta pausa sexual, eliminar uns cinquenta por cento desses elementos subjetivos e infra-humanos que levamos dentro e que constituem o ego, o eu. Entretanto, é evidente que tudo na vida tem um limite. Há escalas e escalas, graus e graus.

Este trabalho se fez espantosamente difícil quando tive que enfrentar os elementos infra-humanos mais antigos. Inquestionavelmente, minha Mãe Divina necessitava de armas superiores. Lembrei-me da lança de Eros, o emblema maravilhoso da sexualidade transcendente; porém, encontrava-me numa pausa. Que fazer?

Entretanto, já me havia sido entregue um desiderato cósmico, e certo imperativo categórico me exigia descer, outra vez, à frágua acesa de Vulcano (o sexo); mas eu não havia compreendido. Havia sido levado às montanhas do mistério. Tinha visto em ação as terríveis forças do grande arcano.

Em vão lutei contra o imperativo categórico das ondas dionisíacas. Eram, certamente, espantosamente divinas, onipotentes...

Esses poderes sobrenaturais pareciam uma hecatombe apocalíptica. Senti como se tais forças pudessem fazer saltar a Terra em pedaços.

Quando quis buscar, indagar, inquirir, sobre a origem de tais forças e poderes sexuais, encontrei-me frente a frente com a Maga Elemental, com minha Divina Mãe Kundalini em seu quinto aspecto. Certamente a havia visto, belíssima, do tamanho de um gnomo, ou pigmeu; muito pequena... Ela vestia branca túnica e longa capa negra que arrastava pelo solo. Sua cabeça estava coberta com uma touca mágica muito especial. Junto a uma das colunas simbólicas da maçonaria oculta, a Adorável me havia ordenado uma nova descida à nona esfera (o sexo).

Infelizmente, eu havia acreditado que se tratava de alguma prova e por isso continuava em desobediência. Certamente estava lerdo na compreensão e isso me estava estancando. Passado algum tempo de mortais lutas contra certo agregado psíquico muito infra-humano que resistia violento em desaparecer, tive que apelar para a lança de Longinus. Não me restava outra solução: Apelei à eletricidade sexual transcendente. Supliquei à minha Divina Mãe Kundalini durante a cópula metafísica; roguei-lhe, ansioso, para que empunhasse a lança de Eros.

O resultado foi extraordinário. Minha Sagrada Mãe, armada, então, com a lança santa, com a divina haste, com o poder elétrico-sexual, pôde reduzir à poeira cósmica o monstro horripilante, agregado psíquico que em vão havia tentado dissolver longe do coito químico.

Assim foi como abandonei a minha pausa sexual e voltei à Forja dos Ciclopes; trabalhando com a haste santa, consegui reduzir à poeira cósmica todos os elementos infra-humanos que constituem o eu.

O quinto aspecto de Devi Kundalini nos dá a potência sexual, a força natural instintiva, etc.

I MONTANHA

Capítulo 12 A Igreja Gnóstica

Aqueles que já passaram à outra margem sabem muito bem o que são as rigorosas ordálias da Iniciação... Separar-nos do monstro das mil caras (a humanidade), para auxiliá-la de forma eficiente, não é um delito.

Trinta anos de idade tinha, quando fui submetido a terríveis e espantosas provas... O que então vi, o que me sucedeu, bem vale a pena relatar. Foi na noite do mistério quando senti perto de mim o rugido do furacão. Então compreendi...

Quão só me encontrava naquela noite! Não obstante, para onde quer que me voltasse, aqui, ali ou lá, prontamente me via rodeado pelas multidões. Não sei como vinham as pessoas até mim e logo... Novamente só.

Rugia o furacão... Então compreendi o que o vento levou. Hoje falo porque...

“Que rumor longe soa
que o silêncio na serena
noite negra interrompeu?”

“É do cavalo a veloz carreira,
estendido no escape voador,
ou o áspero rugir de faminta fera,
ou o sibilo, talvez, do Aquilão,
ou o eco rouco de longínquo trovão,
que nas fundas cavernas retumbou,
ou o mar que ameaça com seu inchado seio,
novo Luzbel, o trono de seu Deus?”

... porque todos aqueles espectros da noite do mistério foram vistos também por aquele poeta que cantou assim:

“Densa névoa
cobre o céu
e de espíritos
se povoa,
vagarosos
que aqui o vento,
e ali cruzam
vaporosos
e sem conta;
e aqui tomam,
e ali giram,
já se juntam,
se retiram,
já se ocultam,
já aparecem,
vagam, voam.”

“Vago enxame de vãos fantasmas
de formas diversas, de variada cor,
em cabras e serpentes montados, em corvos,
e em cabos de vassoura, com surdo rumor...”

“Passam, fogem,
voltam, crescem,
diminuem,
se evaporam,
se colorem,
e entre sombras

e reflexos,
perto e longe,
já se perdem,
já me evitam
com temor;
já se agitam
com furor
em aérea dança fantástica
ao meu redor.

Com tantos e quantos berros, rugidos, silvos, relinchos, chiados, mugidos, grasnidos, miados, ladridos, bufares, roncões e crocitaras segue ouvindo o vidente poeta, falando-nos com palavras que são pinceladas lívidas e fosfóricas de El Greco em aparições extraordinárias, como as de **Os Caprichos**, de Goya.

Por todas as partes escudos com leões rompantes, conchas de Compostela, mouros degolados, flores-de-lis e trutas. Por todas as partes palácios e casarões em ruínas; pobreza e mais pobreza.

Muitas vezes tive de enfrentar valorosamente as potestades negras das quais falara o apóstolo Paulo de Tarso no capítulo II da Epístola aos de Éfeso.

Inquestionavelmente, o adversário mais perigoso daquela noite tinha o título fatal de *Anagarika* [anagarika é um grau de poder da magia negra]. Quero me referir, de forma enfática, ao demônio Cherenzi - repugnante criatura tenebrosa que havia ensinado no mundo tantrismo negro (magia sexual com ejaculação seminal). O resultado aparecia à simples vista: cauda diabólica desenvolvida e horripilantes cornos.

Aquele tântrico da mão esquerda chegou ante minha presença, acompanhado por outros dois demônios. Parecia sentir-se muito satisfeito com o abominável órgão kundartiguador, a satânica cauda bruxesca e terrível, o fogo sexual projetado do cóccix para os infernos atômicos do homem, seqüência e corolário do tantrismo negro. À queima-roupa, como dizem por aí, espetei-lhe a seguinte pergunta:

- Tu me conheces?

Resposta: - Sim! Eu te vi uma noite na cidade de Bacatá, quando ditava uma conferência.

O que depois sucedeu não foi certamente muito agradável. Aquele *anagarika* me havia reconhecido e, enfurecido, arrojava fogo pelos olhos e pela cauda... De forma violenta quis me ferir. Eu me defendi com as melhores conjurações da alta magia e, por fim, fugiu com seus acompanhantes...

Solitário, continuei por meu caminho na noite do mistério. Uivava o furacão... Nas fundas profundezas de minha consciência tinha a estranha sensação de estar me despedindo de tudo e de todos... Ofegante, cansado, depois de haver pelejado muitas vezes contra a tirania do Príncipe das Potestades do Ar, que é o espírito que agora reina sobre os filhos da infidelidade, entrei na Igreja Gnóstica.

Templo de mármore luminoso que mais parecia de cristal por suas desconhecidas transparências. O terraço daquela igreja transcendida dominava invicto, como uma acrópole gloriosa, o âmbito solene de um sacro pinheiral... Dali, o constelado firmamento resplandecente podia ser contemplado como outrora, nos templos atlantes - templos esses hoje sepultados, mas sempre lembrados pela extraordinária poesia de Maeterlink ou dos que Asura-Maya - o astrônomo discípulo de Narada - fizera as observações prévias para descobrir seus ciclos cronológicos de milhares de anos, ensinando-os depois aos seus amados discípulos, à luz da lua pálida, qual hoje o praticam seus devotos sucessores.

Lentamente, avancei, caminhando muito devagar e em atitude reverente dentro do sacro lugar. Entretanto, algo me surpreende; vejo certa personagem que, atravessando-se em meu caminho, me fecha a passagem. Outra batalha? Preparo-me para a defesa; porém o personagem sorri docemente e exclama com voz de paraíso:

- A mim tu não me assustas! Eu te conheço muito bem!...

- Ah!... Depois o reconheço: É meu guru Adolfo - a quem sempre me dirigi com o diminutivo de Adolfinho. Oh Deus e Nossa Senhora! Porém, o que é que eu estava fazendo?

- Perdoa-me, Mestre! Não te havia reconhecido...

Meu guru me conduz pela mão até o interior da Igreja Gnóstica... O *Mahatma* toma assento e depois me convida para me sentar a seu lado. Impossível declinar tão esplêndido convite.

O diálogo que veio em seguida entre Mestre e discípulo foi, certamente, extraordinário.

- Aqui na Igreja Gnóstica - disse solenemente o Hierofante - só podes estar casado com uma só mulher; nunca com duas. No passado deste vãs esperanças à certa senhora X, que, por esse motivo - e apesar do tempo e da distância - ainda continua te esperando. Obviamente, de forma inconsciente, estás lhe fazendo um grande mal; pois ela, aguardando-te, vive numa cidade, na mais completa miséria. Esta senhora bem que poderia voltar ao seio de sua família, no campo – e com isso seus problemas econômicos ficariam resolvidos.

Atônito, perplexo ao escutar tais palavras, abracei meu guru, agradecendo-lhe infinitamente seus conselhos.

- Mestre - disse-lhe - que me poderia o senhor dizer agora sobre minha esposa Litelantes?
- Ela sim te serve para a magia sexual (Sahaja Maithuna). Com esta Dama-Adepto podes trabalhar na nona esfera (o sexo).
- Ó guru, o que mais anelo com infinita ânsia é o despertar do Kundalini e a união com o íntimo, custe-me o que custar...
- O que disseste, ó discípulo? - Custe o que custar?
- Sim, Mestre, foi isso mesmo que eu disse...
- Nessa mesma noite foi pago a alguém para que assumisse a tarefa de te ajudar no despertar do Kundalini.
- Passaste pela prova Direne, exclamou o Hierofante.

Depois, pondo em minha cabeça um turbante de imaculada brancura, com um botão de ouro na frente, disse:

- Vamos ao altar... Levantando-me rápido, avancei com meu santo guru até a ara santa... Ainda recordo aquele instante em que, ajoelhado ante a ara sagrada, tive que prestar solene juramento...

- Custe o que custar! - exclamou meu Mestre com grande voz.

E esta frase, vibrando intensamente, repetiu-se logo de esfera em esfera... Cobri então meu plexo solar com a palma da mão esquerda e estendi a destra sobre o Santo Graal, e disse: - **Juro!**

Terrível juramento!...

Lendas genuínas de Castela, como aquela de Afonso VII, arrancando das mãos dos mouros de Almeria a famosa escudela ou graal - melhor diríamos - a taça talhada em enorme esmeralda e da qual se dizia que fora usada pelo Grande Kabir Jesus em sua última ceia. É terrivelmente divina...

Jurar ante o vaso santo? Dizem antigas lendas que José de Arimatéia recolheu nessa taça, ao pé da cruz, no monte das Caveiras [Calvário], o sangue bendito que manara das feridas do Adorável...

Semelhante taça antes foi presenteada pela rainha de Sabá a Soliman ou Salomão, o rei solar, e foi patrimônio, segundo outros, dos *Tuathas de Danann*, raça jina do Gaedhil (a Galícia britânica).

Não se sabe como veio parar esta relíquia veneranda na ermida de São João da Penha, nos Pirineus, e dali continuou sua peregrinação, ora à Salvatierra galaica ora a Valência, nos tempos de Jaime I, o Conquistador, e ora a Gênova, por terem-na recebido outrora os genoveses como prêmio do auxílio que a Afonso VII prestaram no sítio de Almeria.

EPÍLOGO

Logo de manhã escrevi à nobre dama sofredora que na cidade remota me aguardava... Aconselhei-a com infinita doçura, que regressasse à terra de seus parentes e que esquecesse minha insignificante pessoa que nada vale...

Capítulo 13 Primeira Iniciação de Fogo

Em se tratando de esoterismo transcendental e prático, podemos e até devemos enfatizar o seguinte: Tudo quanto em ocultismo puro foi dito acerca de nossos quadros geomânticos, astrologia, ervas mágicas, pergaminhos maravilhosos com linguagens criptográficas, apesar de ser absolutamente nobre e verdadeiro, certamente não passa de Jardim de Infância, a parte menor herdada da Grande Sabedoria do Oriente.

A parte maior ou principal consiste na transformação radical de nós mesmos, mediante o ascetismo revolucionário da nova Era Aquária (mescla extraordinária da ânsia sexual com o anelo espiritual). Nós, gnósticos, somos em realidade eleitos os detentores de três grandes riquezas, a saber:

1. A Pedra Filosofal.
2. A Clavícula de Salomão.
3. A Gênese de Enoque.

Estes três fatores constituem o fundamento vivo do Apocalipse, o amém das coleções de Pistorius, da Teosofia de Porfírio e de muitos outros segredos antiqüíssimos.

A mudança radical e absoluta dentro de nós mesmos, aqui e agora, é impossível sem a pedra filosofal. Falando de modo claro e sem rodeios, declaro: O “ens seminis” (a entidade do sêmen) é, certamente, essa matéria venerável – citada por Sendivogius – com a qual devemos elaborar a pedra filosofal.

O Caminho é a Magia sexual. Assim o compreendi em minha presente encarnação, quando quis elaborar a pedra filosofal. Mediante essa pedra bendita, podemos cumprir com aquela máxima alquimista que diz: “Solve et coagule”.

Necessitamos dissolver o eu psicológico e coagular em nós o hidrogênio sexual Si-12 na forma de corpos solares, poderes íntimos, virtudes, etc.

A pedra filosofal é a que valoriza a semente sexual e lhe dá o poder de germinar com mística levedura, que faz fermentar e levantar a massa metálica inteira, que faz aparecer em sua forma íntegra o rei da criação, o Homem autêntico, e não o “animal intelectual” equivocadamente chamado homem.

A vontade (Thelema) adquire o poder de transmutação que converte os metais vis [ego] em ouro [alma], ou seja, o mal em bem, em todas as circunstâncias da vida. Por esse motivo, para a transmutação, exige-se uma mínima quantidade de pedra filosofal ou pó de projeção.

Cada metal vil [ego] dissolvido no crisol da alquimia sexual é sempre substituído pelo ouro puro de alguma nova virtude. (Solve et coagule).

O “modus operandi” pode ser visto no capítulo 11, quinto relato, deste livro. (Para maior informação indicamos o livro intitulado **O Mistério do Áureo Florescer**).

Acender o *Fohat* individual, o Fogo de Eros, em nosso laboratório alquímico sexual, é, certamente, o fundamento da onda dionisíaca. Assim o compreendi profundamente, estudando aos pés de meu guru Adolfinho.

Inquestionavelmente, sempre fui assistido durante a cópula metafísica. Este outro divino *guruji*, a quem pagaram seu salário no templo (veja-se capítulo 12), cumpriu a palavra empenhada. Essa “grande alma” [*Mahatma*] me assistia astralmente durante o coito químico. Eu o via fazer fortes passes magnéticos sobre meu osso coccígeo, espinha dorsal e parte superior de minha cabeça.

Quando a Erótica Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes despertou, para iniciar sua marcha para dentro e para cima, ao longo do canal medular espinhal, senti então muita sede e uma dor muito aguda no cóccix, que durou vários dias. Então fui acolhido no templo. Jamais pude esquecer aquele grande evento cósmico... Naquela época eu morava em paz numa pequena casa à beira mar, na zona tropical das costas do Caribe...

A subida de Kundalini de vértebra em vértebra realizou-se bem lentamente, de acordo com os méritos do coração. Cada vértebra é muito exigente. Disto podemos inferir difíceis provas. Como corolário, afirmamos:

AS TRÊS MONTANHAS

“Não é possível o ascenso de Kundalini a tal ou qual vértebra se para tanto não preenchermos as condições morais necessárias”.

Nos mundos superiores estas trinta e três vértebras espinhais simbolicamente são chamadas de cânones, pirâmides, câmaras santas, etc.

O místico ascenso da chama do amor de vértebra em vértebra, de chakra em chakra, ao longo do canal medular, realizou-se, certamente, sobre a base da magia sexual, incluindo a santificação e o sacrifício.

O *Mahatma* assistente me prestou auxílio, conduzindo o fogo sagrado desde o osso coccígeo, base da espinha dorsal, até a glândula pineal, situada, como já é sabido pelos médicos, na parte superior do cérebro.

Posteriormente, aquela *grande alma* [Mahatma] fez fluir, com grande maestria, meu fogo erótico até a região do entrecengo.

A Primeira Iniciação de Fogo veio como corolário, quando a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes fez contato com o átomo do Pai no campo magnético da raiz do nariz. Foi, certamente, durante a cerimônia mística da última ceia quando se fixou a data cósmica da Iniciação. O Santo Graal, qual áscua sagrada, resplandece abrasador sobre a mesa do banquete pascal.

A verdadeira história deste Santo Graal está escrita nas estrelas, e não tem seu fundamento em Toledo - como disse Wolfram von Eschenbach. As principais origens conhecidas de todas essas lendas cavaleirescas relacionadas com a do Santo Graal são:

- a- A “*Historia Rerum in Partibus Transmarinis Gestarum*”, de Tiro (morto em 1184). Obra latina traduzida ao francês com o título de “*Roman d’Eracle*”, livro esse que serve de base para o *A Grande Conquista de Ultramar*, traduzido do francês ao castelhano nos fins do século XVIII ou princípios do XIX. Nesta conquista se resumem os cinco principais ramos referentes ao ciclo da Primeira Cruzada: a “*Chansón D’Antiocha*”, a “*Chansón de Jerusalém*”, “*Les Chetiis*” (ou cativos), “*Elias*” (O Cavaleiro do Cisne).
- b- O “*Dolopathos*”, de Juan de Haute-Seille, escrito até 1190.
- c- A do poema que Paris chama “*Elioxa*” ou “*Heli-Oxa*” (A Bezerra Solar), nome primitivo de Insoberta, ou Ísis-Bertam, de *O Cavaleiro do Cisne*, obra esta de grandes analogias, segundo Gayangos, com o famoso “*Amadis de Gaula*”.
- d- O “*Parsival*” e o “*Titirel*”, de Eschenbach.
- e- O “*Conde Graal*”, de Chrétien de Troyes (1175); o “*O Lohengrin*” ou “*Swan-Ritter*” (O Cavaleiro do Cisne), obra bávara anônima do século XIII, publicada por Goerres em 1813.
- f- O “*Tristam und Isolde*”, de Godofredo de Estrasburgo (1200-1220) e tantos quantos “Tristões” análogos andam pela literatura.
- g- “*A Demanda do Santo Graal*”, com os maravilhosos feitos de Lanzarote [Lancelot] e Galaz, seu filho (século XVI), com todas as suas obras concordantes.

Eu aguardei com ansiedade infinita a data e a hora da Iniciação. Era um sacratíssimo dia 27. Queria uma Iniciação como aquela que o comandante Montero recebera no templo de Chapultepec, ou como aquela outra, que Ginés de Lara, o Deva reencarnado, tivera naquele “*Sancta Sanctorum*”, ou *Aditi* dos Cavaleiros Templários, na noite extraordinária de um eclipse de Lua. Porém, certamente, meu caso foi bem diferente. Ainda que pareça incrível me senti enganado na noite da minha Iniciação.

Repousando com angústia infinita em meu duro leito, dentro de uma humilde cabana à beira do mar, passei a noite em claro, aguardando inutilmente... Minha esposa-sacerdotisa dormia, roncava. As vezes se movia em seu leito ou pronunciava palavras incoerentes... O mar, com suas ondas furiosas, golpeava a praia rugindo espantosamente como que protestando...

Amanheceu e nada! Nada! Nada! Que noite de cão, meu Deus! Virgem Maria! Quê tempestades intelectuais e morais tive que experimentar naquelas mortais horas noturnas!

Realmente, não há ressurreição sem morte, nem amanhecer algum na natureza, nem no homem, sem que o precedam as trevas, tristezas e atonias noturnas que fazem mais adorável sua luz.

Todos os meus sentidos foram postos à prova, torturados em agonias mortais que me fizeram exclamar: “Meu Pai! Se possível, afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua”.

Ao sair do sol, como bola de fogo que parecia brotar do tempestuoso oceano, despertou Litelantes, dizendo-me: - Lembra da festa que lhe fizeram lá em cima? Você recebeu a Iniciação...

- Como? Mas o que você está me dizendo? Festa? Iniciação? Qual? A única coisa que sei é que tive uma noite mais amarga que o fel...

- O quê? - exclamou Litelantes assombrada. - Então você não trouxe ao seu cérebro físico nenhuma lembrança? Não se recorda da grande cadeia? Esqueceu as palavras do Grande Iniciador?

Oprimido com tais perguntas, interroguei Litelantes, dizendo: - O que me disse o Grande Ser? - Ele vos advertiu, exclamou a dama-adepto, que de hoje em diante você tem dupla responsabilidade pelos ensinamentos que dá ao mundo. Além disso, disse Litelantes – Ele te vestiu com a túnica de linho branco dos Adeptos da Fraternidade Oculta e te entregou a Espada Flamígera.

- Ah! Já entendo, disse. - Enquanto eu passava tantas amarguras em meu leito de penitente e anacoreta, meu Real Ser Interior recebia a cósmica Iniciação.

E comentei então: - Deus e Nossa Senhora! O que passa comigo? Por que estou tão lerdo? ... - Tenho um pouco de fome; parece-me que é hora de nos levantarmos para o jejum.

Momentos depois, Litelantes juntava na cozinha alguns gravetos secos que serviram de combustível para acender o fogo. O jejum estava delicioso. Comi com muito apetite depois de noite tão dolorosa.

E um novo dia de rotina seguiu. Como sempre, trabalhei para ganhar o pão de cada dia. Por volta do meio-dia fui descansar em meu leito. Estava tresnoitado e me pareceu justo um pequeno repouso. Além disso, me sentia compungido de coração. Portanto, não vi problema algum em me deitar em decúbito dorsal, quer dizer, posição de boca para cima e com o corpo bem relaxado.

De repente, encontrando-me em estado de vigília, vejo que alguém entra em minha recâmara. Reconheço-o. É um *chela* da Venerável Grande Loja Branca; trazia um livro em suas mãos desejando me consultar e pedir autorização para algo.

Quando quis dar resposta, falei com certa voz que assombrou a mim mesmo. *Atman*, respondendo através da laringe criadora, é terrivelmente divino. “Ide – disse-lhe meu Real Ser – cumpra com a missão que vos foi encomendada”. O *chela* retirou-se agradecido.

Ah! Quão mudado fiquei! Agora sim! Já entendo! Foram estas minhas exclamações depois que o *chela* se retirou.

Alegre, levantei-me do duro leito para conversar com Litelantes. Necessitava contar-lhe o ocorrido. Senti algo superlativo, como se no interior de minha Consciência tivesse operado uma mudança étnica, transcendental, de tipo esotérico-divino.

Anelava a nova noite... Aquele dia tropical era, para mim, como o vestíbulo da sabedoria, e queria ver o sol como bola de fogo logo se fundindo uma vez mais nas tormentosas ondas do oceano. Quando a lua começou a acerar as águas tormentosas do mar do Caribe, instantes em que as aves do céu se recolhem em seus ninhos, tive então de apressar Litelantes para que concluísse logo seus afazeres domésticos.

Aquela noite nos deitamos mais cedo que de costume. Eu anelava algo; encontrava-me em estado extático.

AS TRÊS MONTANHAS

Deitado outra vez em meu duro leito de penitente e anacoreta, nessa *asana* [posição] oriental de homem morto (decúbito dorsal, boca para cima, corpo relaxado, braços ao longo do corpo, pés tocando-se nos calcanhares, com as pontas dos dedos abertas em forma de leque), aguardei em estado de alerta percepção ou de alerta novidade.

De repente, em questão de milésimos de segundo, recordei uma longínqua montanha. O que então aconteceu foi algo insólito, inusitado; instantaneamente me vi ali, sobre o cume distante, muito longe do corpo, dos afetos e da mente.

Atman sem ataduras, longe do corpo denso e na ausência dos veículos supra-sensíveis... Em tais momentos de *Samadhi*, a cósmica Iniciação recebida na noite anterior era, para mim, um fato palpável, uma crua realidade viva que nem sequer necessitava recordar.

Quando pus minha destra sobre o áureo cinto, ditoso pude evidenciar que ali estava a flamígera espada exatamente no lado direito.

Todos os dados que Litelantes me dera resultaram precisos. Quão feliz me sentia, agora, como Homem-Espírito, vestido certamente com a túnica de linho branco!

Em plena embriaguez dionisíaca, lancei-me ao espaço sideral infinito. Ditoso, afastei-me do planeta Terra... Submerso no oceano do Espírito Universal de Vida, quis não regressar mais a este vale de amarguras e então visitei muitas moradas planetárias.

Quando pousei suavemente sobre um planeta gigante do inalterável infinito, desembainhando a espada flamígera, exclamei: - Eu domino tudo isto! - “O Homem é chamado a ser o governador de toda a criação”, contestou um hierofante que estava ao meu lado.

Guardei a espada flamígera na sua dourada bainha e, submergindo-me ainda mais nas “águas dormentes” da vida, realizei uma série de invocações e experimentos extraordinários:

- Corpo búddhico, vinde a mim! Atendendo ao meu chamado, veio para mim a bela Helena, Ginebra, a rainha dos jinas, minha alma espiritual adorável. Ela entrou em mim e eu nela, e ambos formamos esse famoso *Atman-Buddhi*, do qual tanto fala a teosofia oriental.

Com justa razão se disse sempre que o *Buddhi* (alma espiritual) é como um vaso de alabastro fino e transparente, dentro do qual arde a chama de *Prajna* (*Atman*).

Continuando com sucessiva ordem aquelas singulares invocações, feitas do próprio fundo de caos, chamei então a minha alma humana, dizendo:

- Corpo causal, vinde para mim! E vi a minha humana alma revestida, gloriosa, com o veículo causal (o *Manas Superior* teosófico).

Quão interessante resultou aquele momento em que a minha alma humana entrou ditosa em mim! Nesses instantes integrava, de forma extraordinariamente lúcida, aquela tríade teosófica, conhecida com os termos sânscritos: *Atman-Buddhi-Manas*.

Inquestionavelmente, *Atman* ou o Íntimo, tem duas almas. A primeira é a alma espiritual (*Buddhi*), que é feminina. A Segunda é a alma humana (*Manas superior*), que é masculina.

Posteriormente, embriagado de êxtase, chamei a minha mente assim: - Corpo mental, vinde a mim!

Várias vezes tive que repetir a invocação, pois a mente é lenta em obedecer; mas, por fim, se apresentou com muita reverência, dizendo: - Senhor, aqui estou; concorri ao teu chamado; desculpa-me que tenha demorado! Cumpri bem tuas ordens?

No instante em que ia dar resposta, saiu do meu interior profundo a voz solene da minha Mônada pitagórica, dizendo: - Sim! Obedeceste bem; entra...”

Aquela voz era como a do *Ruach Elohim* que, segundo Moisés, lavrava as águas no amanhecer da vida.

Não é demais dizer, com grande ênfase, que concluí estas invocações, chamando o corpo astral. Este demorou também um pouco a vir ao meu esotérico chamado; mas, por fim, entrou em mim.

Já revestido com meus veículos supra-sensíveis, poderia ter chamado desde o caos ou abismo primitivo o meu corpo físico que, naqueles momentos jazia no seu duro leito de penitente e anacoreta, e é óbvio que também este corpo teria concorrido ao meu chamado.

Isto jamais é impossível. Meu corpo físico que em tais momentos tão interessantes jazia em seu duro leito, com ajuda do quarto aspecto de Devi Kundalini, poderia ter abandonado a região tridimensional de Euclides para concorrer ao meu chamado.

Entretanto, eu preferi então ressurgir desse “Vacuum” – no sentido de espaço pleno, ilimitado e profundo – para regressar ao planeta Terra. Eu parecia, nesses momentos, um raio solitário surgindo do Abismo da Grande Mãe.

O regresso a este planeta de amarguras, governado por quarenta e oito leis, fez-se relativamente rápido.

Francamente e sem rodeios declaro que retornei com plena autoconsciência ao corpo físico, penetrando dentro deste último por essa maravilhosa porta da alma citada por Descartes. Quero me referir à glândula pineal. É lástima que a filosofia cartesiana ignore o que seja o conhecimento objetivo.

Como tal tipo de conhecimento puro é acessível às minhas faculdades cognoscitivas, pude escrever estas linhas para bem de nossos bem amados leitores...

Capítulo 14

Segunda Iniciação de Fogo

Inquestionavelmente podemos e até devemos asseverar, com grande ênfase, a existência transcendente e transcendental de dois tipos clássicos de ocultismo.

De todo o variado conjunto de processos históricos e pré-históricos relacionados com a terra e suas humanas raças, nos é dado inferir duas modalidades ocultistas:

- a. Ocultismo inato.
- b. Ocultismo escolástico.

A primeira destas duas correntes é ostensivelmente antediluviana; a Segunda é completamente pós-diluviana.

As paralelas exatas destas duas formas ocultistas, claramente enunciadas, devemos descobri-las, clarivamente, nas duas modalidades da lei:

- a. Lei natural e paradisíaca (Sabedoria dos Deuses).
- b. Lei escrita, Deuteronomio (Lei segunda e mais inferior).

Escrito está, com caracteres de fogo, no livro da vida, que, quando os filhos de Deus, isto é, os *Elohim*, ou os filhos dos jinas conheceram as filhas dos homens, adveio, espantosa, a terrível catástrofe atlante ou o dilúvio universal (Gênesis-VI, 1). Então se concluiu o formidável império da primeira lei e chegou o tempo do Deuteronomio ou Segunda lei. [Isso ocorreu há quase um milhão de anos].

É demasiado claro e evidente a imperfeição terrível da lei escrita, tormento dos grandes homens, devido às espantosas limitações da mesma e férrea tutela dos pequenos.

Moisés, o famoso líder sagrado do povo de Israel, congregando sua gente nas planícies de Moab, expõe, à vista de todos, os prodígios extraordinários que o Senhor havia obrado em seu favor, desde que, no monte Sinai, fora estabelecida a primeira aliança, e repete a lei com novas ilustrações, pronunciando espantosas advertências contra seus transgressores e prometendo justas recompensas e felicidades de todo gênero àqueles que a guardarem fielmente.

Moisés, transfigurado no monte Nebo, depois de haver abençoado as doze tribos de Israel, contempla a Terra Prometida, os Campos Elísios ou mundo dos jinas, a terra na qual mana leite e mel, o mundo etérico, a quarta dimensão.

Moisés não morreu como os demais homens; desapareceu no monte Nebo. Nunca se encontrou seu cadáver. Que foi feito dele?

Moisés retornou à “feliz terra” dos cantos nórdicos e druidas; fez-se jina; converteu-se em habitante do Paraíso.

Com plena lucidez pudemos verificar de forma íntegra o fato contundente, claro e definitivo que é precisamente ali - no mundo superliminal, na quarta dimensão - que outrora moravam as pessoas ditosas da antiga Arcádia; me refiro de forma específica às humanidades paradisíacas dos antigos tempos.

Quando João, o Batista, foi degolado, o Grande Kabir Jesus retira-se num barco, “para um lugar deserto e afastado”, quer dizer, às terras jinas, à quarta coordenada de nosso planeta Terra; é ali que realiza o milagre da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes, dos quais comeram nada menos que cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças, sobrando ainda doze cestos cheios de pedaços. É ostensível que o grande sacerdote gnóstico Jesus teve que colocar, também, as multidões dentro da quarta dimensão com o evidente propósito de realizar o milagre.

Antigas tradições irlandesas, sabiamente registradas nos deliciosos cantos dos bardos ou rapsodistas nórdicos, com justa razão falam de um extraordinário povo cainita ou inca; quer dizer, de sacerdotes-reis, chamados de *Tuathas Dé Danann*, habilidosíssimos em toda classe de artes mágicas, aprendidas em Tebas.

Obviamente, trata-se de um grande povo jina, protótipo do “judeu errante”, viajante infatigável...

Os *Tuathas Dé Danann* percorreram os países mediterrâneos até chegar à própria Escandinávia, onde fundaram, além de uma cidade lunar e outra solar, quatro grandes cidades mágicas.

Tão logo chegaram os *Tuathas* à Irlanda, desembarcaram, protegidos como Enéias em Cartago, por uma espessa névoa mágica (ou véu de Ísis da quarta dimensão que os ocultara).

Em outras palavras, os *Tuathas* chegaram de regresso à Irlanda pela quarta dimensão. Escrito está em velhas crônicas sobre a célebre batalha de *Mandura*, onde eles se cobriram de glória, derrotando os tenebrosos *Fir Bolgs* [povo ancestral que ali vivia].

“Era, com efeito, tão grande a excelência dos *Tuathas Dé Danann*, tão poderosas e inumeráveis suas hostes, que as planícies irlandesas se viram coalhadas de hordas de combatentes que se estendiam até as regiões por onde se oculta o Sol, ao declinar do dia. Seus heróis imortalizaram-se ante Tara, a capital mágica da Irlanda”.

“Os *Tuathas* não chegaram a Erim em nenhum barco conhecido. Nem ninguém conseguiu determinar claramente se eram pessoas nascidas da terra ou descendentes dos céus, nem se se tratava de entes diabólicos ou de uma nova nação que não poderia de modo algum ser humana, se por suas veias não corria o régio sangue de Berthach, o infatigável, o fundador da Ceinne primitiva”.

Ao ocorrer a grande catástrofe atlante, os *Tuathas Dé Danann* meteram-se dentro da quarta dimensão definitivamente. Na etérica região de nosso planeta Terra habitam, ditosas, algumas raças humanas. Essa gente, ainda em nossos dias de tantas amarguras, vive em estado paradisíaco.

Na quarta coordenada de nosso planeta Terra existe muitas cidades mágicas de esplendente beleza. Na quarta vertical terrestre podemos descobrir os paraísos elementais da natureza, com todos os seus templos, vales, lagos encantados e terras de jinas.

Inquestionavelmente é ali, na Terra Prometida, onde ainda podemos encontrar, ditosos, o ocultismo inato e a lei natural e paradisíaca. Aqueles jinas bem-aventurados que, felizes, moram nos Campos Elísios, na terra que mana leite e mel, não caem certamente sob a regência do Deuteronômio, ou Segunda lei, que tanto atormenta os mortais. Obviamente, as multidões jinas, como aquelas conhecidas como os *Tuathas* de *Danann*, moram ditosas no Éden sob regência da primeira lei.

Os *Tuathas Dé Danann* levavam sempre consigo quatro esotéricos símbolos mágicos através de todas aquelas terras de seus êxodos legendários:

- a- Uma gigantesca taça ou graal (símbolo vivo do útero feminino)[na realidade, um caldeirão – que tem o mesmo simbolismo]
- b- Uma enorme lança de ferro puro (fálico símbolo masculino)[relacionada ao Deus Lugh].
- c- Uma grande espada flamígera (símbolo do fogo sexual) [conhecida como “espada invencível”].
- d- A pedra da verdade (símbolo da pedra filosofal sexual) [chamada ou conhecida como *Lia Fail*].

Se Moisés, o grande líder hebreu tivesse ignorado o profundo significado desses quatro símbolos mágicos, jamais teria podido se converter em jina no monte Nebo. Assim o compreendi quando, prosternado diante do Logos do sistema solar, lhe pedira com inteira humildade o ingresso à Segunda Iniciação do Fogo.

Impossível esquecer aqueles instantes em que o Bendito encomendara a certo especialista a sacra missão de conduzir sabiamente pela minha espinha dorsal o Segundo Grau de Poder do Fogo. Eu queria conhecer a fundo os mistérios da quarta coordenada e penetrar, vitorioso, na Terra Prometida. Necessitava, com urgência máxima, inadiável, restaurar os poderes ígneos no meu fundo vital etérico.

Quando a Segunda Serpente despertou para iniciar seu ascenso para dentro e para cima ao longo da medula espinhal etérica fui acolhido no templo com uma grande festa cósmica.

O jina especialista me assistia durante a cópula metafísica. Litelantes e eu o percebíamos com o sexto sentido. Ostensivelmente, não estava abandonado. O jina me auxiliava com fortes passes magnéticos, do cóccix à glândula pineal. Aquele Mestre havia lançado sobre seus ombros uma grande responsabilidade moral; devia conduzir inteligentemente meu fogo vivo e filosofal ao longo do canal medular espinhal do famoso *Linga Sharira* teosófico (fundo vital do organismo humano). Obviamente, esse corpo etérico é tão somente a secção superior do corpo físico, o aspecto tetradimensional de nosso corpo físico.

AS TRÊS MONTANHAS

- Esta Iniciação é muito mais trabalhosa - havia me dito o Logos do nosso sistema solar. Entretanto, anelava com ânsias infinitas conhecer os mistérios do mundo etérico e entrar na Terra Prometida.

O brilhante ascenso da Segunda Serpente Ígnea ao longo do canal medular, de vértebra em vértebra e de chakra em chakra, realizou-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração. Cada vértebra espinhal de tipo etérico implica em determinadas virtudes. Ostensivelmente devemos ser provados antes de chegar a tal ou qual vértebra. Recordemos que o ouro se forma com o fogo, e a virtude, com a tentação. Os pés dos tronos dos Deuses têm animais formas. Os tenebrosos atacam incessantemente aqueles que tentam alcançar qualquer grau da maçonaria oculta na espinha dorsal. “O céu se toma por assalto. Os valentes o têm tomado”.

No *país das mil e uma noites* [referência aos paraísos jinas] também existem ágapes místicos. Eu estive numa dessas ceias. Os convidados fomos regamente atendidos por cisnes de imaculada brancura às margens de um lago cristalino.

Em outra ocasião me foi ensinada a seguinte lei cósmica: “Nunca mescles, dentro de uma mesma casa, forças contrárias, porque da mescla de duas correntes opostas resulta um terceira força, a qual é destrutiva para todos.”

O corpo vital é constituído por quatro éteres:

1. Éter refletor.
2. Éter luminoso.
3. Éter químico.
4. Éter da vida.

O primeiro destes éteres se encontra intimamente relacionado com os diversos funcionalismos da vontade e da imaginação.

O segundo se acha associado secretamente a todas as percepções sensoriais e extra-sensoriais.

O terceiro é o embasamento de todos os processos bioquímicos orgânicos.

O quarto serve de meio às forças que trabalham com os processos de reprodução das raças.

Durante a Segunda Iniciação do Fogo, aprendi a liberar os dois éteres superiores para viajar com eles para bem longe do corpo físico.

Inquestionavelmente, as percepções clarividentes e clariaudientes se intensificam extraordinariamente quando absorvemos, em nosso corpo astral, os dois éteres superiores.

Tais éteres nos permitem trazer ao cérebro físico a totalidade das recordações supra-sensíveis.

A esotérica explicação vívida, que em forma cênica me deram sobre a decapitação mística, foi certamente extraordinária. Convidado fui a um festim macabro; sobre a mesa trágica vi algo realmente espantoso: Profana cabeça sangrenta posta sobre bandeja de prata, tudo adornado com algo que é melhor calar [excremento]. É ostensível sua profunda significação: O ego animal, o si mesmo, o mim mesmo deve ser degolado.

Disto podemos coligir, com grande acerto, o fato contundente e definitivo de que a cabeça de João, o Batista, na bandeja de prata, possui, certamente, idêntico significado. Inquestionavelmente, João, o Precursor, ensinou esta terrível verdade, subindo a ara do supremo sacrifício.

Esquadrinhando velhos escritos com a constância de clérigo na cela, descobrimos o seguinte: Os nazarenos eram conhecidos como batistas, sabeanos e cristãos de São João. Sua crença era que o Messias não era o filho de Deus, senão, simplesmente, um profeta que quis seguir a João. Orígenes (volume II, página 150) observa que “existem alguns que dizem de João que ele era o Ungido (Christus)”.

“Quando as concepções metafísicas dos gnósticos, que viam em Jesus o Logos e o Ungido, começaram a ganhar terreno, os primitivos cristãos se separaram dos nazarenos, os quais acusavam Jesus de perverter as doutrinas de João e de trocar por outro o batismo no Jordão” (*Codex Nazaraeus, II, página 109*).

Não é demais asseverar com grande ênfase o fato transcendental de que João, o Batista, era também um “*Christus*”. Por outra parte, considerando do ponto de vista do Logos (Unidade Múltipla Perfeita), pode-se dizer que salvou aos que morreram em si mesmos, a esses que decapitaram o ego animal e que venceram o reino das trevas ou inferno.

Como conseqüência ou corolário, tudo isto compreendi de forma íntegra, unitotal, ao ver a mesa macabra na sala do festim. Quando abandonei aquele antro insólito e abismal, os adeptos da Fraternidade Oculta me deram um lindo presente. Trata-se de um minúsculo instrumento de magia, mediante o qual posso operar como teurgo, modificando a plástica. Aqueles que viram minhas fotos podem evidenciar diretamente o fato concreto que de forma voluntária manejo a plástica.

Variadas formas do meu rosto desconsertam meus melhores fotógrafos. Entretanto, confesso francamente e sem rodeios que não sou eu que tenho este poder, senão o Íntimo, meu Real Ser interior, *Atman*, o Inefável. Ele opera sobre a plástica quando é indispensável. Minha insignificante pessoa nada vale. A **Causa** é tudo. Eu, certamente, não sou mais do que um simples gusano do lodo da terra.

Se escrevesse detidamente tudo aquilo que nós, os místicos, experimentamos nas trinta e três câmaras santas do mundo etérico, encheríamos muitos volumes. Por isso, prefiro falar em síntese. Quando o Segundo Grau de Poder do Fogo chegou à altura da laringe criadora, fui levado à prisão. A ata acusatória dizia textualmente o seguinte: “Este senhor, além de cometer o delito de curar os enfermos, é também o autor de um livro intitulado **O Matrimônio Perfeito**, o qual é um atentado contra a moral pública e os bons costumes dos cidadãos”.

Foi, portanto, no horripilante calabouço de uma velha prisão sul-americana, onde tive que passar pela clássica cerimônia da decapitação. Então vi, ao pé de um velho torreão, minha Divina Mãe Kundalini, com a espada flamígera em sua destra, decapitando uma criatura. - Ah! Já entendo! - Exclamei nas pavorosas trevas do horrível calabouço. Posteriormente entrei nesse estado delicioso que na alta yoga se conhece como *Nirvi-Kalpa-Samadhi*. [Na prisão o autor deste livro escreveu **O DIÁRIO SECRETO DE UM GURU - 1952**].

Fora deste outro calabouço, que se chama corpo físico, extasiado, experimentei em mim mesmo a grande realidade interior profunda. Ela, minha Mônada, entrou em mim, em minha alma, e então me transfigurei totalmente. Com plenitude lúcida, me vi a mim mesmo, integralmente. Ela [minha Mônada] é o “quinto” dos “sete” espíritos ante o Trono do Cordeiro; eu sou o seu Boddhisattwa. Isto vem nos lembrar aquela frase de Maomé: “Alá é Alá e Maomé seu Profeta”.

Ao sair daquela prisão, dirigi-me para casa. Ali me aguardavam meus melhores amigos. Dias depois, o Segundo Grau de Poder do Fogo fazia contato direto com o átomo do Pai, situado no campo magnético da raiz do nariz. Então vi, em visão noturna, a estrela flamígera, com o olho de Deus no centro. A pentalfa resplandecente havia se desprendido do Cristo-Sol, para brilhar sobre minha cabeça.

O festival cósmico da noite da Iniciação foi extraordinário. Do umbral do templo vi meu Real Ser, o Íntimo, crucificado em sua cruz, no fundo sacratíssimo do santuário e ante os Irmãos da Fraternidade Oculta. Enquanto Ele recebia a Iniciação, eu, no vestíbulo do templo, acertava contas com os Senhores do Karma.

Capítulo 15

Terceira Iniciação de Fogo

Inquestionavelmente, a morte é algo profundamente significativo. Mergulhar neste tema, aprofundá-lo integralmente, sinceramente, com paciência infinita e em todos os níveis da mente, torna-se certamente urgente, inadiável.

Como conseqüência ou corolário luminoso podemos e devemos afirmar, com solenidade, o seguinte postulado: “Só descobrindo totalmente os mistérios da morte poderemos descobrir a origem da vida”.

Se o germe não morre, a planta não nasce; morte e concepção se encontram intimamente associadas. Ao exalarmos o último alento da nossa existência projetamos inevitavelmente, através do tempo e do espaço, o desenho elétrico de nossa própria existência.

Ostensivamente, tal desenho eletropsíquico vem, mais tarde, impregnar o ovo fecundado. Assim é como retornamos.

A senda da vida é formada com as pegadas dos cascos do cavalo da morte...

Os últimos momentos do agonizante encontram-se vinculados secretamente aos gozos amorosos de nossos futuros pais terrenos.

O destino que nos aguarda mais além da morte será a repetição de nossa vida atual, mais suas conseqüências.

Isso que continua além do sepulcro são [isso que denominamos de] “meus afetos”, “minhas ternuras”, “meus ódios”, “eu quero”, “eu não quero”, “eu invejo”, “eu desejo”, “eu me vingo”, “eu mato”, “eu roubo”, “eu sou luxurioso”, “eu tenho ira”, “eu cobiço”, etc.

Toda essa legião de “eus” - verdadeira legião de demônios personificando defeitos psicológicos - regressa, retorna, reincorpora-se.

Absurdo seria falar de um “eu individual”; melhor falar, com total clareza, sobre um “eu pluralizado”.

O buddhismo esotérico ortodoxo ensina que o ego é uma soma de agregados psíquicos.

O livro egípcio **A Morada Oculta** fala, com grande ênfase, sobre os demônios vermelhos de Seth (os eus-diabos que constituem o ego).

Tais “eus brigões e gritões” constituem as legiões tenebrosas contra as quais devia combater Arjuna por ordens emanadas diretamente do bendito Senhor Krishna (Veja-se o **Bagavad-Gita**).

A personalidade não retorna; é filha de seu tempo; tem um princípio e um fim. O único que sobrevive [além da morte] é o amontoado de diabos.

Podemos alcançar a imortalidade no mundo astral. Entretanto, isso só é possível forjando-se o *eidolon* (o corpo astral).

Diferentes autores de tipo pseudo-esoterista e pseudo-ocultista cometem o erro de confundir ego com corpo astral. A moderna literatura metafísica fala muito sobre projeções do corpo astral. Entretanto, devemos ter a coragem de dizer que os aficionados do ocultismo soem desdobrar-se com o ego para viajar pelas regiões sub-lunares da natureza, através do tempo e do espaço.

O corpo astral não é um implemento indispensável para a existência. Não é demais lembrar que o corpo físico tem, felizmente, um fundo vital, ou *Linga Sharira*, que garante integralmente sua existência.

Inquestionavelmente, o corpo astral é um luxo que poucas pessoas podem se dar. Raros são os que nascem com esse esplêndido veículo.

A matéria-prima da Grande Obra, o alquímico elemento com o qual podemos fabricar o corpo astral, é o hidrogênio sexual Si-12. Obviamente, esse hidrogênio [assim chamado nas Escolas Cristãs antigas e nada

tem a ver com o conceito químico de H] representa o produto final da transformação dos alimentos dentro do maravilhoso laboratório do organismo.

Resulta evidente que esta é a matéria mais importante com que trabalha o sexo. A elaboração desta substância se desenvolve em consonância rítmica com as sete notas da escala musical.

Não é demais compreender que o *ens seminis*, e seu peculiar hidrogênio Si-12, é semente e fruto ao mesmo tempo.

Transmutar este hidrogênio portentoso, para lhe dar inteligente cristalização numa oitava superior, significa, de fato, criar uma nova vida dentro do organismo existente, é dar forma ao corpo astral ou sideral dos alquimistas e cabalistas.

Devem os senhores entender que o corpo astral nasce do mesmo material, da mesma substância, da mesma matéria que forma o corpo físico. O único que difere é o procedimento.

Todo o corpo físico, todas as células ficam, por assim dizer, impregnadas pelas emanções da matéria que é Si-12. E quando estas se saturarem o suficiente, a matéria Si-12 começa a cristalizar.

A cristalização dessa matéria constitui a formação do corpo astral.

A transição da matéria Si-12 a uma condição de emanções e a gradual saturação de todo o organismo com estas mesmas emanções é o que se chama, em alquimia, de transmutação ou transformação.

Justamente esta transformação do corpo físico em astral é o que a alquimia denomina de “transformação dos metais grosseiros em metais finos”; ou seja: a obtenção de ouro a partir dos metais ordinários.

O procedimento esotérico disso podemos descobrir no sexo-yoga, no *Maithuna*, na magia sexual: conexão do *Linga-Yoni*, falo-útero, sem ejaculação do *ens seminis*.

O desejo refreado originará os processos maravilhosos da cristalização do hidrogênio Si-12 numa oitava superior.

Alimentação é diferente. Inquestionavelmente o corpo astral necessita também de seu alimento e nutrição. Isso é óbvio!

Como o corpo físico está sabiamente controlado por 48 leis, fato cientificamente demonstrado com os quarenta e oito cromossomos da célula germinal, resulta muito claro e manifesto que o hidrogênio capital do corpo celular é o hidrogênio 48 [H48].

Poupar este tipo específico de hidrogênio resulta, na verdade, relativamente fácil, quando marchamos pela senda da linha reta.

O excedente do hidrogênio 48 [H48] não gasto nas atividades físicas do mundo tridimensional de Euclides converte-se maravilhosamente no hidrogênio 24 [H24].

Ostensivelmente, esse hidrogênio 24 [H24] advém sempre como alimento extraordinário do corpo astral.

E urgente asseverar, com grande ênfase, que o corpo sideral, ou astral dos alquimistas e cabalistas desabrocha e se desenvolve esplendidamente sob o controle absoluto das vinte e quatro leis.

Todo órgão se conhece claramente por suas funções e sabemos que temos um corpo astral quando podemos viajar com ele (ver capítulo 6 deste livro). Meu caso particular foi certamente extraordinário. Devo afirmar especificamente que eu nasci com corpo astral. De forma magnífica já o havia fabricado antes de nascer, em antiqüíssimas idades de um passado *Mahamvantara* [dia cósmico], muito antes que raiasse a aurora da cadeia lunar.

Restaurar os poderes ígneos do corpo sideral certamente era, para mim, o mais importante. Assim o compreendi antes de solicitar ao Logos do sistema solar o ingresso na Terceira Iniciação do Fogo.

AS TRÊS MONTANHAS

Não é demais dizer a meus bem amados leitores que o Grande Ser [o Logos Solar], depois de me outorgar o pedido, ditou especial providência, auxiliando-me. Disso subentende-se que me foi designado certo especialista no Terceiro Grau de Poder do Fogo.

Aquele Guru Deva cumpriu sua missão, dirigindo a Terceira Serpente ígnea pelo canal medular no corpo astral.

Litelantes e minha insignificante pessoa que nada vale percebíamos, com o sexto sentido, o especialista astral que, durante a cúpula metafísica, nos auxiliava.

O despertar do fogo do corpo astral é sempre anunciado com um relâmpago terrível na noite.

Originalmente, o Terceiro Grau de Poder do Fogo, em tão precioso veículo, possui formosíssima cor branco-imaculada. Mais tarde, apresenta-se brilhando na aura do universo com uma belíssima cor de ouro.

Confesso francamente e sem rodeios que, durante o trabalho esotérico com o Terceiro Grau de Poder do Fogo, tive que viver, de forma simbólica, todo o Drama Cósmico [o mesmo que Jesus representou em carne e osso na antiga Jerusalém].

Alguém que não é mais que um miserável verme que se arrasta no lodo da terra sente-se realmente comovido quando, de repente e sem merecê-lo, se vê convertido no personagem central de tal Drama, ainda que isto seja de forma meramente simbólica.

Diferentemente das duas serpentes anteriores, o Terceiro Grau de Poder do Fogo, depois de tocar o átomo do Pai, no campo magnético da raiz do nariz, prossegue sua marcha até o coração.

Entre o campo magnético da raiz do nariz e o coração, existem vias secretas, *nadis* ou canais maravilhosos. Certo caminho secreto conecta a raiz do nariz com o chakra capital, que desde o centro do cérebro controla o centro cardíaco. Por essa via circula o fogo. Mais tarde prossegue sua marcha até o próprio coração, circulando misteriosamente pelo *Anahata Nadi*.

Viver todo o Drama do Cristo no mundo astral é, fora de toda dúvida, algo que nunca poderia ser esquecido. Conforme o Terceiro Grau de Poder do Fogo desabrocha e se desenvolve harmoniosamente no corpo astral, os diversos acontecimentos do Drama Crístico vão sendo abertos. Quando o Fogo Sagrado chega ao porto maravilhoso do coração tranqüilo, vivenciamos, então, aquele simbolismo relacionado intimamente com a morte e a ressurreição do Cristo.

Terrível é esse instante em que o Longinus simbólico crava no costado do Iniciado a lança sagrada, o emblema extraordinário da força fálica.

Parsifal sanou, com tal hasta, a espantosa chaga que ardia dolorosa no costado do rei Anfortas.

Quando eu fui aprovado secretamente por certa Potência Sideral, os tenebrosos adeptos da mão esquerda me atacaram cheios de grande ódio.

Entre os mistérios das grandes catedrais não falta jamais o Santo Sepulcro, e é evidente que não podia faltar o meu na Iniciação. No instante em que escrevo estas linhas, vem a minha memória o momento iniciático de Ginés de Lara. [Ginés de Lara foi o último templário].

Não havia, efetivamente, naquele instante esotérico do famoso Iniciado, donzela alguma de “grande linhagem”, filha do fundador do monastério [de São Paulo], acompanhando-o; nem tampouco “homem bom” que o próprio Mestre-guia, que o conduziu até o *Sancta Sanctorum* - o *Adytum* daquele templo, onde o neófito achou, no centro de um riquíssimo aposento de mármore, um sepulcro suntuoso, hermeticamente fechado, cuja pesada tampa Ginés levantou facilmente com suas próprias mãos, obedecendo ao Mestre, e viu no mesmo, para grande surpresa sua, seu próprio corpo físico.

Diferentemente de Ginés de Lara, eu vi no sepulcro o meu próprio corpo astral. Compreendi então que devia passar pela ressurreição esotérica. É evidente que o que deve ressuscitar em nós é o grande mestre maçom, Hiram Abif: “O Rei morreu! Viva o Rei!”.

Ressurreição realista, crua, legítima, autêntica, só é possível na Segunda Montanha [ao seu final]. Nestes parágrafos somente estamos nos referindo enfaticamente à simbólica ressurreição iniciática.

Dentro do Santo Sepulcro tive que permanecer astralmente pelo espaço de três dias, antes da mencionada ressurreição simbólica. O descenso à obscura morada de Plutão foi indispensável depois de todo o processo simbólico da ressurreição.

Recapitulações tenebrosas tive que iniciar nas entranhas mais profundas da Terra, ali onde o florentino Dante Alighieri encontrara a cidade de Dite.

A ascensão progressiva realizou-se lentamente através dos diversos estratos do reino mineral submerso...

Recapitulação cênica, vívida, progressiva, ascendente, foi indispensável para o pleno conhecimento do “si mesmo”, do “mim mesmo”.

Recapitular antigos erros abismais costuma ser útil quando se trata de dissolver o ego. Conhecer nossos próprios erros psicológicos é certamente urgente, inadiável.

- Sou um santo! - Exclamei ante um grupo de damas elegantes que, tenebrosas, tomaram assento em suntuoso salão abismal...

Aquelas mulheres riram de mim, zombaram com vontade, ao mesmo tempo em que, com certo gesto muito provocativo, repetiam ironicamente: “Santo! Santo! Santo!...”!

Tinham razão essas desditadas criaturas. Naquela época ainda não havia dissolvido o ego. Era um boddhisattwa caído...

Escrito está, com brasas vivas, no livro de todos os esplendores, que, na morada de Plutão, a verdade se disfarça de trevas. “*Daemonius Deus inversus est*”, escreveu H.P.B.

Ascensão simbólica, iniciática, instrutiva; entretanto, diferente da Ascensão Lógica da Terceira Montanha.

Dezenove dias depois de haver iniciado a marcha ascendente abismal, os Adeptos da Fraternidade Oculta eliminaram, do meu baixo ventre, certa capa ou substância atômica semelhante à pele do organismo humano. Dentro do microcosmo homem, essa capa atômica é como uma grande porta que dá acesso aos baixos fundos abismais... Enquanto esse elemento atômico exista nos indivíduos, a Essência permanecerá demasiado auto-encerrada no ego. Retirada essa porta atômica, na contraparte astral do ventre, os Adeptos devem então curar tal zona ventral.

Quando o Terceiro Grau de Poder do Fogo sai pela parte superior do crânio, assume a mística figura do Espírito Santo, a branca pomba com cabeça de ancião venerável. Imaculada criatura divina sobre a torre do templo pousada, em mística espregueira, aguardando, ditosa, o instante supremo da Iniciação...

Recordando antigos erros, de anteriores encarnações, tive que passar, aos trinta e três dias, por um acontecimento insólito, inusitado... Três dos quatro estados fundamentais da Consciência tiveram que ser submetidos à prova de fogo... Definir estes quatro estados da Consciência é urgente para o bem dos nossos amados leitores:

- a- Eikásia
- b- Pístis
- c- Dianóia
- d- Nous [Nóia]

O primeiro destes quatro estados é inconsciência profunda, barbárie em marcha, sonho infra-humano, crueldade, etc.

O segundo de tais estados corresponde exatamente a todos os processos racionais: opiniões, sectarismos fanáticos, etc.

O terceiro se manifesta como sintetismo conceitual, cientificismo, revisão intelectual de crenças, indução, dedução de tipo reflexivo, estudos muito sérios sobre fenômenos e leis, etc.

AS TRÊS MONTANHAS

O quarto é Consciência desperta, estado de *Turiya*, clarividência realmente objetiva, iluminada, perfeita; polividência, etc.

Saí vitorioso na difícil prova. Inquestionavelmente, na senda do fio da navalha devemos ser provados muitas vezes. O simbolismo hermético da citada prova esotérica foi muito interessante: três donzelas muito serenas no fogo... Vitória! – este foi o resultado!

Hoje em dia [começo dos anos 1970] já me encontro firmemente estabelecido nos estados *dianoético* e *noético*. Não é demais asseverar que *eikásia* e *pístis* foram eliminados da minha natureza através das terríveis ordálias da Iniciação.

Trinta e sete dias depois de haver iniciado as revisões abismais tive então que estudar, de forma direta, as doze constelações zodiacais, sob cuja regência evoluímos e involuímos, constantemente. Cada uma das doze constelações zodiacais resplandece com seu tom peculiar. A luz astral da constelação de Leão é de uma belíssima cor de ouro e nos sentimos inspirados quando a contemplamos.

O final de todos os processos relacionados com a ascensão é sempre anunciado por quatro anjos que, voltados para os quatro pontos cardeais do planeta Terra, fazem cada um soar sua trombeta.

Dentro do templo me foi entregue a branca pomba do Espírito Santo como que me dizendo: “Trabalha intensamente na nona esfera, se é que queres encarnar em ti mesmo o Terceiro Logos”.

Todos estes processos simbólicos da ascensão se concluíram aos quarenta dias. A cerimônia final se realizou no mundo causal. O que então vi e senti certamente foi extraordinário. O grande Iniciador foi Sanat Kumara, fundador do Grande Colégio de Iniciados da Venerável Loja Branca [no planeta terra].

No altar, com a cana de sete nós em sua potente destra, aquele Grande Ser resplandecia, terrivelmente divino...

Capítulo 16
Quarta Iniciação de Fogo

Esse triste homúnculo racional, equivocadamente denominado homem, é muito se parece a um barco fatal, tripulado por sinistros e tenebrosos personagens (me refiro aos eus). Inquestionavelmente, cada um deles, em particular, tem sua própria mente, suas idéias, seus conceitos, suas opiniões, suas emoções, etc.

Obviamente, estamos cheios de infinitas contradições psicológicas. Se pudéssemos nos ver de corpo inteiro num espelho tal como somos internamente ficaríamos horrorizados de nós mesmos. O tipo de mente que num momento dado se expressa em nós, através dos diversos funcionalismos cerebrais, depende exclusivamente da qualidade do eu em ação [ver capítulo 3, parágrafo intitulado **O Ego**].

É evidente, clara e manifesta a existência interior de muitas mentes em cada um de nós. Certamente não somos possuidores de uma mente individual, particular; temos muitas mentes. Necessitamos, pois, com urgência máxima, inadiável, criar o corpo mental. Mas isso somente é possível transmutando o hidrogênio sexual Si-12. Mediante o *Sahaja Maithuna* (magia sexual), podemos e até devemos passar o excedente do hidrogênio sexual Si-12 não utilizado na fabricação do corpo astral a uma segunda oitava, de ordem superior.

A cristalização de tal hidrogênio na forma esplendente e maravilhosa do corpo mental é um axioma da sabedoria hermética. Ostensivelmente, esta cristalização do citado hidrogênio sexual se processa solenemente de acordo com as notas dó-ré-mi-fá-sol-lá-si numa segunda oitava transcendente.

Alimentação é diferente. É evidente que qualquer organismo que vem à existência necessita de seu alimento específico e de sua nutrição; o corpo mental não é exceção à regra geral.

O excedente do hidrogênio 24 [H24], não utilizado na alimentação do corpo astral, converte-se em hidrogênio 12 [H12]. [Não confundir H12 com hidrogênio sexual Si-12].

Como conseqüência ou corolário evidente é lícito asseverar claramente que o hidrogênio 12 [H12] é o alimento cardeal e definitivo para o corpo mental.

Não é possível conseguir a plena individualização do entendimento sem a criação de um corpo mental. Só criando tal veículo possuiremos “*manas inferior* organizado”, mente completa, particular e individual.

O fundamento desta criação se encontra na nona esfera (o sexo). Trabalhar na Frágua Ardente de Vulcano [o sexo] é indispensável.

É evidente que sabemos que possuímos um corpo mental quando podemos viajar com ele consciente é positivamente através dos mundos supra-sensíveis. Meu caso particular foi certamente algo muito especial. Eu nasci com um corpo mental; já o havia criado num passado remotíssimo, muito antes que raiasse a aurora do *Mahamvantara* de *Padma* ou Lótus de Ouro [antes da Cadeia Lunar, em linguagem teosófica].

Realmente, agora só necessitava com urgência máxima e inadiável recapitular a Quarta Iniciação do Fogo e restaurar os flamígeros poderes do já mencionado veículo.

O resplandecente Dragão de Sabedoria - quero me referir ao Logos do sistema solar de Ors - confiou a um especialista a nobre missão de me assistir e me ajudar. Levantar a Quarta Serpente ao longo do canal medular do corpo mental, de vértebra em vértebra e de chakra em chakra, certamente é algo bem lento e espantosamente difícil.

“Antes que a chama de ouro possa arder com luz serena, a lâmpada deve estar bem cuidada e em lugar livre de ventos”.

“Os pensamentos terrenos devem cair mortos ante as portas do templo”.

“A mente que é escrava dos sentidos faz a alma tão inválida quanto o bote que o vento extravia sobre as águas”.

Assombrado, percebi os múltiplos esplendores da pentalfa maravilhosa sobre os candelabros sacratíssimos do templo. Ditoso, transpassei o umbral do santuário. Meus pensamentos flamejavam ardentemente...

AS TRÊS MONTANHAS

Compreendi claramente que durante o trabalho na nona esfera deveria separar, muito cuidadosamente, a fumaça das chamas. A fumaça é horror, trevas, bestialidade. A chama é luz, amor, castidade transcendente.

Qualquer impacto exterior gera reações ondulatórias na mente. Estas últimas em si mesmas têm seu núcleo fundamental no ego, no eu, no mim mesmo. Exercer absoluto controle sobre citadas reações mentais é certamente indispensável. Necessitamos nos tornarmos indiferentes ante o elogio e a crítica, ante o triunfo e a derrota.

Sorrir ante os insultadores, beijar o látego do verdugo é indispensável. Recordai que as palavras que ferem não têm mais valor do que o que lhes dá o ofendido. Quando não damos valor algum às palavras dos insultadores, estas ficam como um cheque sem fundos.

O Guardião do Umbral, no mundo da mente, vem personificando o ego, o eu. Enfrentar com heroísmo a terrível prova, vencer realmente o “terrível irmão” - como o denominam na maçonaria oculta - é indispensável na Quarta Iniciação do Fogo. Sem temor algum e com presteza desembainhei a flamígera espada. O que sucedeu depois foi extraordinário: A larva do umbral fugiu apavorada.

É ostensível que tal prova advém sempre depois que as asas ígneas foram abertas. É uma tremenda verdade que quando o fogo sagrado, ascendendo, chega à altura do coração, abrem-se as radiantes asas angélicas. Essas ardentes asas nos permitem entrar instantaneamente em qualquer departamento do reino.

Outro evento cósmico maravilhoso que tive que vivenciar em mim mesmo durante os múltiplos processos da Quarta Iniciação do Fogo foi, certamente, o da entrada vitoriosa de Jesus na cidade querida dos profetas. De fato, quem quiser realmente ingressar na Jerusalém de cima (nos mundos superiores) deve libertar-se do corpo, dos afetos e da mente.

É urgente, indispensável, inadiável, montar no simbólico asno (a mente), domá-lo, controlá-lo. Somente assim é possível liberarmo-nos deste para ingressar nos mundos do espírito (a Jerusalém celestial). Senti que meu desgastado corpo físico se desintegrava e morria. Nesses momentos clamou com grande voz o Divino Rabi da Galiléia, dizendo-me: “Este corpo já não te serve”. Ditoso, escapei da destruída forma de vestido, com o *To Soma Heliakon*, o corpo de ouro do Homem Solar.

Quando o Fogo Sagrado resplandeceu solenemente na estrela flamígera e na cruz estrelada, minha Divina Mãe Kundalini particular, individual, foi acolhida no templo.

O Kundalini floresceu em meus lábios fecundos feito verbo, quando fogo chegou à laringe criadora. Ainda recordo aquele instante em que se celebrou a festa. Os Adeptos da Fraternidade Oculta premiaram-me com um símbolo maravilhoso que ainda conservo.

Extraordinário foi aquele momento em que o fogo do Kundalini chegou à altura do cerebelo. Então meu corpo mental passou pela simbólica crucificação do senhor.

Notório resultou o ascenso da flama erótica à vértebra trinta e dois. Nesses momentos de grande solenidade, compreendi os mistérios relacionados com o grau de Leão da Lei.

“Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, a lei superior anula a lei inferior”.

“Ao Leão da Lei se combate com a Balança”.

“Faze boas obras para que pagues tuas dívidas”.

Certo sino metálico fez estremecer solenemente todos os âmbitos do universo quando o fogo divino abriu o lótus de mil pétalas (o chakra *Sahasrara*). Nesses instantes de beatitude suprema, escutei coros inefáveis que ressoaram no espaço sagrado.

Mais tarde tive que levar pacientemente a flama erótica até o campo magnético da raiz do nariz. Aproveitando inteligentemente certo fio nervoso secreto, prossegui depois conduzindo o fogo até a região do tálamo, região onde está localizado o chakra capital que controla o coração. Por último, aproveitei inteligentemente o *Anahata Nadi*, para levar a flama sexual até o templo-corção.

A cerimônia final daquela Iniciação foi realmente extraordinária, sublime, terrivelmente divina. Naquela noite mística, o templo estava revestido de Glória. Impossível descrever tanta beleza. Sanat Kumara, o Grande Hierofante, aguardava-me, austero, em seu régio trono. Eu entrei dentro do sacro recinto com profunda veneração.

Ante este Grande Imolado, como diz H.P.B., minha Divina Mãe Kundalini, com infinito amor, pôs sobre minha cabeça o manto amarelo dos Buddhas e o extraordinário diadema no qual resplandece o Olho de Shiva.

- Este é o meu filho muito amado! - exclamou minha Mãe, e logo acrescentou: - Ele é um Buddha.

O Ancião dos Dias - Sanat Kumara - o ilustre fundador do Grande Colégio de Iniciados da Loja Branca no planeta Terra, acercando-se de mim, pôs em minhas mãos o símbolo do Imperador (A esfera com a cruz em cima).

Nesses instantes escutaram-se acordes angélicos, régias sinfonias baseadas nos ritmos do *Mahavan* e do *Chotovan*, que sustentam o universo firme em sua marcha...

Capítulo 17

Quinta Iniciação de Fogo

Nós asseveramos, com grande solenidade e sem muito alarde, o tremendo realismo, palpável e evidente, de três tipos específicos de ações:

- a) Atos baseados na lei de acidentes.
- b) Atos fundamentados nas leis eternas de retorno e recorrência.
- c) Atos maravilhosos nascidos da vontade consciente.

A base do primeiro tipo de ação certamente é a mecanicidade natural de toda esta ordem de coisas.

O elemento primordial do segundo tipo de ação, fora de toda dúvida, é a incessante repetição de muitos dramas, comédias e tragédias. Isso sucede sempre de vida em vida, através do tempo e do espaço, no vale doloroso do Samsara. O drama é para as pessoas mais ou menos boas; a comédia, para os palhaços; e a tragédia, para os perversos. Tudo volta a ocorrer tal como ocorreu, mais as conseqüências positivas ou negativas.

A *causa causorum* do terceiro tipo de ação certamente é o corpo causal ou corpo da vontade consciente.

Como conseqüência ou corolário podemos assentar o seguinte enunciado: “Somente são possíveis os atos nascidos da vontade consciente quando temos nos dado ao luxo de criar, para nosso uso particular, um corpo causal”.

O hidrogênio sexual Si-12, mediante o sexo-yoga com seu famoso *Sahaaja Maithuna* (magia sexual), pode e deve passar a uma terceira oitava, de ordem superior.

A cristalização do citado hidrogênio, na forma esplendorosa e maravilhosa do corpo causal, processar-se-á com as notas dó-ré-mi-fá-sol-lá-si na mencionada oitava.

Alimentação é diferente. O corpo causal também necessita de seu alimento e este advém perfeito do excedente hidrogênio 12 [H12] não consumido no corpo mental. Obviamente, o H12 (não confundir com hidrogênio sexual Si-12) pode e deve converter-se em hidrogênio 6 [H6], que é o alimento específico do corpo causal.

Inquestionavelmente, as pobres pessoas, como não possuem realmente o corpo da vontade consciente, sempre são fatalmente vítimas das circunstâncias.

O imperativo categórico, a faculdade determinativa, aquela que nos permite originar novas circunstâncias, somente é possível quando se possui o corpo causal ou corpo da vontade consciente.

Com grande sinceridade e tremendo realismo gnóstico, temos que afirmar o seguinte: O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não tem os corpos astral, mental e causal. Nunca os criou.

Inaceitável, insustentável, inadmissível supor, sequer por um instante, a plena manifestação do homem quando nem sequer foram elaborados os citados veículos supra-sensíveis.

Para que nos convertamos em autênticos homens, a condição básica, indispensável e urgente é criar, dentro de nós mesmos, mencionados veículos.

Grave erro é crer que os bípedes *tricerebrados* ou *tricentrados* venham a este mundo com tais corpos.

Na medula e no sêmen existem infinitas possibilidades que, desenvolvidas, podem transformar-nos em homens legítimos. No entanto, estas poderiam se perder e até é normal que se percam, quando não trabalhamos com a escala fundamental dos hidrogênios.

O humanóide intelectual não é um homem; porém se presume tal. Supõe equivocadamente que é, e, por mera ignorância, trata de usurpar um posto que não lhe corresponde; crê-se o rei da criação quando nem sequer é rei de si mesmo.

A imortalidade é algo muito sério; entretanto, temos que consegui-la mediante o *Sahaja Maithuna* (magia sexual). Quem fabrica um corpo astral, de fato e por direito próprio, faz-se imortal no mundo das vinte e quatro leis. Quem se dá ao luxo de criar um corpo mental ostensivelmente alcança a imortalidade no mundo das doze leis. Quem forja um corpo causal indubitavelmente consegue a ansiada imortalidade no mundo das seis leis.

Só quando criamos esses veículos solares podemos encarnar isso que se chama alma humana. Quero me referir ao terceiro aspecto da Trimúrti hindu: *Atman-Buddhi-Manas*.

Muito foi dito agora sobre o famoso *To Soma Heliakon*, o corpo de ouro do homem solar. Inquestionavelmente se trata do traje de bodas da alma, citado pelo bíblico evangelho crístico.

Obviamente, tal vestimenta é composta pelos corpos supra-sensíveis, por meio dessas extraordinárias cristalizações do hidrogênio sexual Si-12.

De modo algum é possível penetrar no *Sanctum Regnum*, no *Regnum Dei*, no *Magnum Regnum*, sem o traje de bodas da alma.

Com o sadio propósito de iluminar ainda mais estes parágrafos, na continuação transcrevemos a parábola da festa das bodas:

“Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: o reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho; e enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir. Depois, enviou outros servos, dizendo: dizei aos convidados: eis que tenho o meu banquete preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas. Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu comércio; e os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade. Então diz aos servos: as bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias. E disse-lhe: amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” [Mateus 14 - 1:22]

É notório e evidente que aquele convidado que não estava vestido com o traje de bodas da alma não podia legitimamente receber o qualificativo de homem. Entretanto, outorga-se-lhe tal expressão simplesmente por amor e respeito aos nossos semelhantes.

Grotesca teria resultado a parábola se tivesse dito que ali havia um *animal* que não estava vestido com o traje das bodas.

Obviamente, nenhum animal, incluindo o animal intelectual, jamais está vestido com o traje de bodas da alma.

Entretanto, voltemos ao meu caso pessoal para que nos acerquemos um pouco mais da finalidade deste capítulo.

Em nome da verdade devo dizer com inteira claridade que nasci com os quatro corpos: físico, astral, mental e causal.

Restaurar o poder do fogo em cada corpo, recapitular iniciações, foi certamente indispensável, urgente, inadiável.

Depois das quatro iniciações anteriores, tive que repassar, pacientemente, a Quinta Iniciação do Fogo.

Ao termo “repassar” quero, nestas linhas, dar um significado intrínseco, transcendente e transcendental.

Como em vidas anteriores já havia passado pelas cósmicas iniciações do fogo, só necessitava agora repassá-las.

Quando pedi ao Logos de nosso sistema solar de Ors permissão para ingressar nos mistérios da Quinta Iniciação do Fogo, foi-me dada a seguinte resposta: “Tu já não necessitas pedir permissão para entrar na Iniciação; tens todo o direito de fazê-lo”.

O Bendito confiou então a um nobre especialista do mundo causal a missão de me assistir e me ajudar. Esse especialista teve que conduzir inteligentemente o fogo sagrado pelo canal medular espinhal do corpo causal ou corpo da vontade consciente.

O despertar da Quinta Serpente ígnea de Nossos Mágicos Poderes no chakra *Muladhara*, no osso coccígeo, foi celebrado no templo com uma grande festa.

O ascenso do Kundalini de vértebra em vértebra e de chakra em chakra, ao longo da espinha dorsal do corpo causal, realizou-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração.

Como nasci desperto e gozo certamente disso que poderíamos chamar Consciência objetiva e conhecimento objetivo, foi-me bem fácil trazer as recordações do mundo causal ao cérebro físico.

Esclareço: A moderna psicologia revolucionária da nova Era de Aquário usa os termos objetivo e subjetivo da seguinte forma:

- a) **Objetivo:** real, espiritual, verdadeiro, divinal, etc.
- b) **Subjetivo:** vago, incoerente, impreciso, ilusório, fantástico, absurdo.

No mundo das causas naturais compreendi a necessidade de aprender a obedecer ao Pai, assim na terra como nos céus.

Ingressar no Templo da Música das Esferas, nessa região cósmica, certamente foi uma das minhas maiores ditas.

No umbral desse templo o guardião me ensinou uma das saudações secretas da fraternidade oculta.

O rosto daquele guardião parecia um relâmpago. Quando esse homem viveu no mundo, chamou-se Bethoven.

No mundo causal encontrei muitos *Boddhisattwas* trabalhando intensamente pela humanidade.

Esses homens causais se desenvolvem maravilhosamente, cada um sob a direção de seu Deus Interno.

Somente o homem causal conseguiu definitivamente a imortalidade. Essa classe de seres está mais além do Bem e do Mal.

Vivenciar o Drama do Cristo Cósmico nessas regiões, converter-se alguém no personagem central de toda a *via crucis*, é, certamente, algo que jamais se poderia esquecer.

Necessitamos refinar-nos, quintaessenciar-nos, purificar-nos realmente, se é que de verdade anelamos vivenciar seriamente as tremendas realidades contidas no divino simbolismo crístico.

Sem frear de modo algum meus íntimos anelos, confesso sinceramente que, no mundo das causas naturais, me vi a mim mesmo carregando o peso da minha própria cruz, ante as profanas multidões que, enfurecidas, me apedrejavam.

Muito semelhante me pareceu o rosto do Adorável, estampado milagrosamente no pano sagrado da Verônica.

Não é demais recordar que os arqueólogos descobriram muitas cabeças de pedra coroadas de espinhos. Tais esfinges pertencem à idade de bronze.

Isto é claro que nos vem recordar a runa Espina, sobre a qual já falamos amplamente no **Tratado Esotérico de Magia Rúnica**.

Qualquer pessoa versada em gnosticismo universal sabe muito bem o que significa tal runa.

O profundo significado do divino rosto com a cabeça coroada de espinhos é a “Vontade-Cristo”.

Com singular diafaneidade e transparência divina vi, extático, resplandecer o pano de Verônica sobre a ara sacra na noite da Iniciação.

O evento cósmico final adveio inevitavelmente quando a Quinta Serpente, depois de haver passado pela glândula pineal e pelo campo magnético da raiz do nariz, chegou até sua correspondente câmara secreta no coração tranqüilo.

Então, fusionado com meu Real Ser interior, ditoso, senti que regressava ao estado infantil paradisíaco.

Concluída a cerimônia final, prosternei-me ante meu guru Adolfinho, exclamando: - Obrigado, Venerável Mestre! A ti devo tudo isto!

O Mahatma bendito, pondo-se de pé, contestou: - Não me deis graças! O que necessito saber é como vos ireis portar agora na vida.

- Os fatos estão falando por mim, Venerável Mestre! Tu estás vendo. Tais foram então minhas palavras.

Posteriormente fui visitado por um grande gênio elemental. Quero me referir àquela divindade que personifica a Esfinge do deserto do Egito. Aquele Ser trazia os pés cheios de lodo. Entendi a profunda significação esotérica ocultista.

- Trazeis os pés cheios de lodo, - disse-lhe. A misteriosa criatura guardou silêncio. Inquestionavelmente, o lavatório de pés estava me fazendo falta.

Quando quis depositar em suas maçãs o ósculo santo, delicadamente me chamou à ordem, dizendo: - Beija-me com pureza, - e assim o fiz.

Mais tarde me visitou Ísis, a quem nenhum mortal levantou o véu, minha Divina Mãe Kundalini. Eu a interroguei de imediato sobre os resultados.

- Oh Minha Mãe, então já tenho as cinco serpentes levantadas?

- Sim, me filho!

- Quero agora que me ajudes a levantar a sexta e a sétima serpentes – lhe disse!

- Essas já as tendes levantadas, respondeu-me.

Nesses instantes surgiu em mim a perfeita recordação de mim mesmo. - Ah! Eu sou um antigo pequeno mestre; estava caído, e agora me recordo...

- Sim, meu filho! Tu és um Mestre.

Ó Devi-Kundalini! Tu és Lakshmi, a esposa de Vishnu. Mãe adorável! Tu és a divina prometida de Shiva! Virgem venerável! Tu és a aquática Sarasvati, a consorte de Brahma.

AS TRÊS MONTANHAS

Ó querido leitor, escuta-me! Ela certamente é o eterno feminino representado pela Lua e pela água, a *Magna Mater* [a Grande Mãe] da qual provém o “M” mágico e o famoso hieróglifo de Aquário.

Inquestionavelmente, ela é também a matriz universal do grande abismo, a Vênus primitiva, a Grande Mãe Virgem que surge das ondas do mar com Cupido-Eros, que é seu filho.

Fora de toda dúvida devemos afirmar, francamente e sem rodeios, que Ela é a Prakriti hindu e, metafisicamente, Aditi e até Mulaprakriti.

Jamais poderíamos andar na rochosa senda que conduz até a liberação final sem o auxílio da Divina Mãe Kundalini.

Capítulo 18 Uma Aventura nas Dimensões Superiores

Conversando no bosque do mistério, três amigos errantes chegamos devagarzinho ante a colina sagrada. Sem medo algum testemunhamos então algo insólito e inusitado. Narrá-lo é urgente para o bem de nossos bem amados leitores.

De repente, impoluta rocha milenar abriu-se no penhasco, como se tivesse partido exatamente em duas partes iguais, deixando-nos perplexos e assombrados.

Antes que houvesse tempo suficiente para poder apreciar aquilo, sem vacilação alguma, como que atraído por estranha força, acerquei-me da misteriosa porta de granito. Sem ninguém para me impedir o passo, cheio de valor transpassei o umbral de um templo. Nesse ínterim, meus amigos, serenos, sentaram-se em frente à gigantesca mole que diante deles se fechava.

Qualquer glossário extraordinário resultaria francamente insuficiente se tentasse descrever em minuciosos detalhes todos os portentos daquele santuário subterrâneo. Sem mundologia de nenhum tipo prefiro falar sobre isso a grosso modo, porém de forma sincera, limitando-me a narrar o ocorrido.

Animado pela chama viva do espírito, avancei por um estreito corredor até chegar a um pequeno salão. Aquele exótico recinto era parecido com um escritório, repartição ou escritório jurídico. Ante a escrivaninha, sentado, encontrei um Arconte do Destino, indecifrável personagem, hermético Juiz do Karma, místico vaticinador, vestido como elegante cavalheiro moderno.

Quão sábio era aquele advogado-adivinho! Vaticinador sublime! Infalível! E terrivelmente divino! Com profunda veneração aproximei-me de sua escrivaninha. O fogo sagrado resplandeceu em seu rosto. De imediato senti, de forma direta, seu profundo significado.

- Obrigado, Venerável Mestre! exclamei com infinita humildade.

O austero Hierofante, com tom sibilino, tomou sua parábola e disse:

- Fulano de tal – referindo-se claramente a um dos dois amigos que lá fora me aguardavam – é do tipo andrajoso; sempre viverá na miséria. Beltrano – referindo-se agora ao meu outro amigo – é do tipo samurai.

- Como? Samurai? – exclamei!

Repito: - Samurai! Amigo! Lutador! E espiritual como os progressistas samurais budistas do Império do Sol Nascente!

Por último, dirigindo-se à minha insignificante pessoa que nada vale, disse:

- Tu és de tipo militar; terás que arrastar multidões, formar o Exército de Salvação Mundial, iniciar a Nova Era Aquária.

E logo prosseguiu dizendo:

- Tua missão específica é criar Homens; ensinar as pessoas a fabricar seus corpos astral, mental e causal para que possam encarnar sua alma humana.

Posteriormente se levantou de sua escrivaninha com o evidente propósito de buscar, em sua biblioteca, uma das minhas obras; e assim que a teve em suas mãos, embriagado pelo êxtase, exclamou:

- O livro que em boa hora enviaste pelo correio a fulano de tal agradou muitíssimo.

O que sucedeu depois é fácil de imaginar. Com infinita veneração e grande humildade, sem afetação de nenhuma espécie, longe de toda vã ostentação, despedi-me do venerável e saí do templo.

Discorrer agora, cogitar, meditar seriamente sobre a questão essencial deste relato é urgente, indispensável. Excluindo de nosso léxico toda expressão de mau gosto, enfatizamos o seguinte postulado: “É indispensável criar o Homem dentro de nós mesmos, aqui e agora”.

Como estou ensinando às pessoas a doutrina, obviamente sou um criador de Homens.

AS TRÊS MONTANHAS

Há necessidade de se criar dentro de nós mesmos a disponibilidade para o advento do Homem. Não é demais recordar que os tempos do fim já chegaram.

Muito foi dito até agora, na leitura ocultista, sobre as duas sendas. Quero me referir especificamente às vias **espiral e direta**.

Inquestionavelmente, esses dois caminhos somente se abrem, augustos, ante o Homem autêntico; jamais para o animal intelectual!

Nunca poderei esquecer os momentos finais da Quinta Iniciação do Fogo. Depois de todos os processos recapitulativos, tive que enfrentar, valorosamente, um guardião nirvânico terrivelmente divino.

O Bem-aventurado Senhor de Perfeições, mostrando-me a senda espiral nirvânica, disse:

- Este é um trabalho bom. Depois, assinalando a via direta, exclamou com grande voz, como quando um leão rugiu, dizendo: - Este é um trabalho superior.

Posteriormente o vi avançando para mim com esse imperativo tremendo das grandes majestades. Ele me interrogou e eu lhe respondi, estabelecendo-se o seguinte diálogo:

- Por qual destes dois caminhos vais seguir agora? – me perguntou.

- Deixa-me pensar...

- Não pense; diga agora mesmo! Defina-se!

- Vou pelo caminho direto que conduz ao Absoluto!

- Como lhe ocorre meter-se por aí! Não quer compreender o que vai sofrer?

- Que está acontecendo, senhor? Eu vou para o Absoluto!

- Bem! Advertido fica! Estas foram as palavras finais do guardião. Depois se retirou, de modo solene.

Outra noite, fora de meus corpos supra-sensíveis, em total exercício das funções como *Atman* ou Homem-Espírito, em pleno Nirvana, solitário, encontrava-me sobre um formoso terraço da mansão das delícias, no rincão do amor. Dali eu via os habitantes dessa região em número sempre crescente flutuando no espaço sagrado. Felizes, tomaram assento no jardim cheio de perfumadas flores.

Algoritmia divinal; sublime lugar, nume inesquecível... *Atman–Buddhi–Manas*, Trimúrta de perfeição...

Nos instantes em que escrevo estas linhas, ocorre-me repetir aquele versículo do livro **A Morada Oculta** que ao pé da letra diz:

“Eu sou o crocodilo sagrado Sebek.
Eu sou a chama de três pavios,
e meus pavios são imortais.
Eu entro na região de Sekem,
eu entro na região das chamas,
que derrotaram meus adversários.”

Inesperada criatura ígnea tomou a palavra em nome da sagrada confraria e disse:

- Querido irmão, por que vais por esse caminho tão duro? Aqui no Nirvana somos felizes! Fica aqui conosco!

Minha resposta, cheia de grande energia foi a seguinte:

- Não puderam os animais intelectuais com suas tentações, muito menos vós, os Deuses. Eu vou para o Absoluto!

Os inefáveis se calaram e eu me retirei rapidamente daquela morada.

A Voz do Silêncio diz: “O *Boddhisattwa* que renuncia ao Nirvana por amor à humanidade é confirmado, três vezes honrado, e, depois de muitos Nirvanas ganhos e perdidos por essa causa, ganha o direito de entrar no mundo de super-nirvânica felicidade”.

O Nirvana tem ciclos de atividade e ciclos de profundo repouso. Por esta época do século XX [este livro foi escrito no começo dos anos de 1970] encontra-se no período de ação.

Os nirvanis que se reencarnaram durante as primeiras raças só agora voltaram a se reencarnar. Passada esta época, submergirão na dita infinita até o futuro *Mahamvantara* [próxima Ronda deste planeta].

A senda do dever, longo e amargo, é diferente. Implica em renúncia total; entretanto, nos conduz diretamente ao Absoluto.

Qualquer noite destas tantas, encontrando-me feliz em estado de *Samadhi*, vi resplandecer, com tintas purpúreas, o planeta Marte. Suas vibrações eram, certamente, de caráter telepático. Senti em meu coração tranqüilo que me chamavam urgentemente desde o núcleo central daquela mole planetária. Esse cintilo era inconfundível... Rápido, me transportei até às vivas entranhas daquele mundo com o *To Soma Heliakon*.

Vestido com o traje das milícias celestes, resplandecente, aguardava-me Samael, minha própria Mônada individual, meu Real Ser Íntimo, o Regente Divino daquele planeta.

Reverente, prosternei-me ante o onisciente, ínclito senhor daquele lugar; e logo, tomando a palavra, disse-lhe:

- Aqui estou, meu Pai! Para que me chamaste?
- Tu, filho meu, te esqueces de mim!
- Não, meu Pai; não me esqueço de ti!
- Sim, filho meu! Se a ti te entregam a portaria do universo, tu te esquecerias de mim!
- Ó meu Pai, vim aqui para beijar tua mão e receber tua bênção!

O Onimisericordioso me bendisse, e eu, ajoelhado, beijei sua destra. No fundo do templo planetário aparecia um leito de dor...

Posteriormente entrei em profundas reflexões. Por que elegi eu mesmo o caminho? Por que me esqueci de meu Pai diante da terrível presença do guardião dos caminhos? Jesus, o grande sacerdote gnóstico, no Monte das Oliveiras, deu-nos uma grande lição, quando exclamou: "Pai meu, se é possível afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua".

Dezoito anos mais tarde, trovejando e relampagueando, rasguei minhas vestes, protestando contra tanta dor. Ai! Ai! Ai!

Uma Virgem do Nirvana me comentou:

- Assim é o caminho que tu mesmo escolheste. Para nós, os habitantes do Nirvana, os triunfos são menores e por isso é evidente que sofremos menos. Entretanto, como teus triunfos serão maiores, teus sofrimentos também serão mais intensos.

Quando quis descansar um pouco, os Agentes do Karma me recriminaram, dizendo:

- Que aconteceu, senhor? Vai o senhor andar? Andando, amigo! Andando... Andando.

Pacientemente continuei a marcha pela rochosa senda que conduz à liberação final...

Capítulo 19 Perseguições

Nas vertentes tropicais da Serra Nevada, às margens do Macuriba ou mar do Caribe, tive que recapitular pacientemente os diversos processos esotéricos iniciáticos da Terceira, Quarta e Quinta Iniciações do Fogo [isso foi entre 1953 e 1955]. Ali vivia austero, com certo grupo seletivo de estudantes gnósticos, bem longe de tanta burrice, ignorância e tolice do vão intelectualismo...

Probos e irrepreensíveis anacoretas gnósticos, agradecidos, haviam-me construído, com madeira daquelas matas, uma simples cabana.

Quero evocar agora, ao menos por um momento, a todos esses esclarecidos varões, alguns dos quais nestes momentos se sobressaem como notáveis missionários internacionais... Desde esta minha antiga terra mexicana vos saúdo, ínclitos senhores da Nevada Serra sul-americana!... Quero incluir também, dentro destas minhas saudações, suas mulheres e seus filhos, e os filhos de seus filhos...

Quão ditoso morava naquele memorável refúgio da espessa mata, fora do bulício mundano. Então retornei aos paraísos elementais da natureza, e os príncipes do fogo, dos ares, das águas e da perfumada terra me entregaram seus segredos...

Um dia qualquer, não importa qual, alguns desses cenobitas do gnosticismo universal, agitados, bateram à porta da minha morada para me pedir que apagasse o fogo.

O crepitar incessante do ígneo elemento avançava terrível através da espessa sombra, incinerando tudo que achava pela frente.

Espantosa cremação ameaçava cultivos e cabanas. Em vão tinham feito fossos e valetas com o propósito de deter a marcha triunfal do fogo. O ígneo elemento transpassava ardente todo fosso e arroio, ameaçando, inclemente, todas as imediações, contornos, cercanias e arredores...

Obviamente jamais fui bombeiro ou “apagador de incêndio”, como simpaticamente se apelidam esses heróicos servidores públicos... Entretanto, confesso francamente e sem rodeios que nesses instantes a sorte de todos esses irmãos gnósticos estava em minhas mãos. Que fazer?

Eu anelava servi-los do melhor modo possível, e esta era, fora de toda dúvida, uma de minhas melhores oportunidades.

Indigno, absurdo e até ingrato teria sido negar tão urgente auxílio. Não só se paga karma pelo mal que se faz, senão pelo bem que se deixa de fazer, podendo-se fazê-lo.

Assim, pois, resolvi operar magicamente. Avançando com meus pés até a fogueira titânica, sentei-me bem perto e logo me concentrei no Íntimo... Orando secretamente supliquei ao mesmo que invocasse *Agni*, o ingente e preclaro Deus do Fogo...

O Íntimo escutou minha prece e clamou com grande voz, como quando ruge o leão, chamando *Agni*; sete trovões repetiram sua voz... Já em seguida apresentou-se a meu lado o brilhante Senhor do Fogo, o resplandecente Filho da Chama, o onimisericordioso...

Eu o senti em toda a presença do meu Ser e lhe roguei, em nome da caridade universal, que dissipasse aquele incêndio...

Ostensivelmente, o bendito Senhor de Perfeição considerou justa e perfeita a minha súplica... De forma inusitada surgiu, por entre o mistério azul do bosque profundo, uma suave brisa perfumada que modificou totalmente o rumo dessas labaredas de fogo, e então se dissipou totalmente o incêndio.

Outro dia, quando conversava com os cenobitas gnósticos numa clareira muito bela da mata cerrada do bosque, muito perto das cabanas, víamo-nos, de repente, ameaçados por torrencial aguaceiro... Anelante, concentrei-me no Íntimo, orando intensamente e pedindo que invocasse Paralda, o gênio elemental dos inquietos silfos do ar.

Olímpico, acudiu aquele *Deva* com o evidente propósito de me auxiliar. Eu aproveitei a magnífica oportunidade que se me oferecia e lhe roguei alijasse daquelas cercanias as tormentosas nuvens...

Inquestionavelmente, estas últimas se abriram sobre as nossas cabeças, em forma de círculo e depois se foram, ante os assombrados místicos daquele rincão do amor...

Por aqueles tempos, os irmãos gnósticos viajavam semanalmente até as praias arenosas do borrascoso pontal. Litelantes encomendava àqueles penitentes sinceros que trouxessem peixes e até legumes e frutas, que na Serra Nevada não era possível cultivar, devido à fome feroz das implacáveis formigas...

Essas involutivas criaturas devoravam, insaciáveis, flores, frutas e verduras, e certamente nada podia detê-las. Assim é a voracidade da selva. Isto o sabem muito bem os divinos e os humanos. As rondas noturnas das *tambochas* ou formigas são certamente espantosas...

As serpes venenosas, tais como a temível *Talla X* e outras conhecidas desde os antigos tempos com os clássicos nomes de Cascavel, Coral e *Mapaná*, medravam espantosas por todas as partes... Ainda recordo um velho curandeiro da montanha, chamado João. Esse varão morava com sua esposa no mais profundo da selva...

Qual bom samaritano do Antigo Testamento, aquele homem, com seus preciosos bálsamos, sanava os humildes montanheses mordidos pelas víboras... Infelizmente, aquele senhor odiava as cobras e, implacável e vingativo, matava-as sem consideração alguma...

- Amigo João - disse-lhe um dia - você está em guerra contra as víboras e estas se preparam para se defender. Vamos ver quem ganha a batalha...

- Eu odeio as cobras...

- Melhor seria que você as amasse. Recorde que as serpentes são clarividentes. Na aura astral dessas criaturas resplandece o zodíaco maravilhoso, e sabem por experiência direta quem as ama de verdade e quem as aborrece...

- Eu não posso amá-las... Sinto que se me decompõe o corpo quando as vejo... Cobra que se atravessa em meu caminho eu mato!...

- Ó meu bom velho! Doze serpentes já vos morderam e, quando a décima terceira vos ferir, morreréis.

Um pouco mais tarde, perto de sua cabana solitária, o velho foi mordido por uma temível serpente que, enroscada três vezes e meia, escondida o aguardava...

Cumpriu-se minha profecia... O velho curandeiro faleceu com o arcano 13 da cabala. Nenhum dos seus amigos pôde encontrar a venenosa serpe...

O ancião médico portava sempre em sua mochila algumas plantas maravilhosas. Recordemos as cinco *capitanas*:

capitana solabasta,

capitana generala,

capitana silvadora,

capitana pujadora,

capitana lengua de venado.

Milagrosos vegetais não classificados pela botânica e somente conhecidos na Nevada Serra, perto das tormentosas águas do Macuriba. Extraordinárias plantas, mediante as quais o velho curandeiro da selva, solitário, sanava as vítimas das serpentes.

Não há dúvida que o velho as usava terapeuticamente, de forma muito sábia, receitando-as na forma oral, como chás ou tisanas, ou na forma externa, fazendo lavar a ferida ou feridas com o cozimento de tais vegetais.

AS TRÊS MONTANHAS

Os eremitas gnósticos da Nevada Serra jamais matavam as perigosas víboras. Eles aprenderam a amá-las sinceramente...

Como consequência deste proceder ganharam a confiança das temíveis serpes. Agora, tais cobras venenosas converteram-se em guardiãs do templo...

Quando estes anacoretas da montanha queriam afastar as serpentes, cantavam, cheios de fé, os seguintes mantras: **Ossi... Osooa... Ossias...**

Cada vez que esses ermitões anelavam, de verdade, encantar magicamente as terríveis cobras, silabavam as misteriosas palavras: **Ossi... Osooa... Ossias...**

Jamais místico algum daquela montanha suprimiu a vida de alguma serpente! Esses cenobitas aprenderam a respeitar toda forma de vida... Entretanto, há certas exceções. Tal é o caso da preciosa cobra cascavel...

CÂNCER

Em nome da verdade, quero deixar assentado neste livro o seguinte enunciado: “Já foi descoberto o remédio infalível contra o temível câncer, e este se encontra na serpente cascavel!”

Fórmula salvadora: Sacrifique-se a serpente [mediante procedimento ritualístico]; elimine-se guizos e cabeça (estas partes não são úteis). [Ponha-se o corpo a secar no sol ou nalgum forno com pele e ossos). Depois de bem seca, retire a pele e os ossos e moa a carne utilizável, até reduzi-la a fino pó. Depois, encapsule-se tal substância em cápsulas vazias que se podem conseguir em qualquer farmácia.

Dose: Tomar uma cápsula a cada hora.

Observação: Continuar o tratamento até sanar radicalmente.

Advertência: O enfermo deverá eliminar radicalmente todos os outros remédios e limitar-se, exclusivamente, ao tratamento com a víbora. [Isso é radical: não pode ingerir durante o tratamento nenhum outro tipo de carne, nem tomar qualquer outro tipo de remédio – nem mesmo simples comprimidos para dor de cabeça; ingerir muita água durante o período. Se não fizer isso, melhor nem iniciar tal tratamento; as reações são terríveis...]

GAVIÕES

Surgem em minha mente, nestes instantes, silvestres reminiscências, recordações da montanha, evocações selvagens...

Quanto sofriam aqueles penitentes com as cruéis aves de rapina!... Os astutos gaviões assolavam os currais, levando em suas garras pintos e galinhas...

Muitas vezes vi esses sanguinários rapinantes pousados sobre os ramos das árvores próximas espreitando suas indefesas vítimas...

Devorar e ser devorado – esta é a Lei do Eterno *Trogo-Auto-Egocrático Cósmico Comum* (recíproca alimentação de todos os organismos).

Inquestionavelmente, tal reciprocidade, correspondência ou mutualidade, provém, intimamente, do elemento ativo onipresente *Okidanokh* [o Raio da Vida que se faz presente em tudo e todas as coisas].

PERSEGUIÇÕES

Quão felizes vivíamos em nossas cabanas na solitária selva! Infelizmente vieram novas perseguições... [além daquela que levava o autor à prisão anos antes. Ver seu livro **Diário Secreto de um Guru**]

Profana gente das aldeias vizinha se deu à tarefa, por certo não muito bela, de propagar contra nós variadas mentiras difamantes...

O mexerico das senhoras, o embuste dos cavalheiros, a calúnia, a mentira, o invento assumiu monstruosas figuras e desatou a tempestade...

É claro que eu era o personagem central de todo esse drama, contra o qual foram lançadas todas as pedras, raios e trovões. Essa ordem de coisas foi se tornando a cada dia de mal a pior; por fim surgiu o acusador, o delator, o denunciante...

Alarmada, a polícia me buscava por todos os lugares, com ordens categóricas de aplicar a lei de fuga... Certamente, para esses pobres gendarmes, eu não era um simples agitador ou condutor do povo, como Paulo de Tarso, mas algo pior: Um bruxo do Averno, escapado de misteriosos conciliábulos, uma ave de mau agouro ou de rapina, um monstro que precisava ser encarcerado ou morto.

Numa noite estrelada, achando-me em estado de êxtase, fui visitado por um *Mahatma*; tomando a palavra, me disse:

- Está vindo muita gente armada em tua busca; deves ir por outro caminho.

Não é demais asseverar enfaticamente que sempre soube obedecer às ordens da Fraternidade Universal Branca... Aproveitando o silêncio noturno, desci a montanha por um escarpado e difícil caminho. Quando cheguei ao "Plano" - como denominavam os eremitas gnósticos às terras costeiras - fora da serra, fui recolhido pelo Venerável Mestre Gargha Kuichines, que nos transportou [o autor e sua família] em seu carro até uma formosa cidade...

Capítulo 20 O Segredo do Abismo

Excluindo da minha mente todo possível disfarce, sem jactância alguma, humildemente confesso, francamente e sem rodeios, que depois de haver subido pelos cinco degraus das ígneas iniciações, foi-me urgente o desenvolvimento na luz com os oito graus da Iniciação Venusta. Trabalhar na frágua acesa de Vulcano (o sexo) resulta inadiável, quando, de verdade, se quer o completo despertar da Primeira Serpente de Luz.

Esta escrito com palavras de ouro no livro de todos os esplendores o seguinte: “O Kundalini se desenvolve, revoluciona e ascende dentro da aura maravilhosa do *Maha-choham*”.

Inquestionavelmente, primeiro trabalhamos com o fogo e logo com a luz. Jamais devemos confundir as serpentes de fogo com as víboras de luz...

O ascenso extraordinário da Primeira Serpente de Luz para dentro e para cima, ao longo do canal medular espinhal do corpo físico, permitiu-me conhecer o segredo do abismo. O fundamento de tal segredo encontra-se na *Lei da Queda*, tal como foi formulada por São Venoma [segundo diz Gurdjieff no capítulo IV do seu livro **Relatos de Belzebu a Seu Neto**]. Eis aqui a formulação que citado Mestre deu a esta lei cósmica, por ele descoberta:

“Todas as coisas que existem no mundo caem para o fundo. E o fundo, para qualquer parte do universo, é sua estabilidade mais próxima, e dita estabilidade é o lugar ou ponto sobre o qual convergem todas as linhas de força provenientes de todas as direções.

Os centros de todos os sóis e de todos os planetas de nosso universo são precisamente esses pontos de estabilidade. Não são senão os pontos inferiores dessas regiões do espaço para as quais tendem, definitivamente, as forças provenientes de todas as direções daquela parte dada do universo. Também se concentra, nestes pontos, o equilíbrio que permite aos sóis e planetas manter sua posição.”

O *Tigre do Turquestão* [Gurdjieff], comentando, diz:

“Ao enunciar seu princípio, São Venoma disse ainda que, ao caírem as coisas no espaço, onde quer que fosse, tendiam a cair para um ou outro sol, ou para um ou outro planeta, segundo a que sol ou planeta pertencesse aquela parte dada do espaço em que caía o objeto, constituindo cada sol ou planeta, nessa esfera determinada, a estabilidade ou fundo.”

Os anteriores parágrafos, entre aspas citados, aludem claramente aos dois aspectos, externo e interno, da lei da gravidade.

O exterior é tão somente a projeção do interior. Sempre se repete, de forma tridimensional, a gravitação secreta das esferas...

O núcleo central desta massa planetária em que vivemos é, fora de toda dúvida, o lugar ou ponto matemático para onde convergem todas as linhas de força provenientes de diversas direções.

No centro de estabilidade planetária se encontram e se equilibram reciprocamente as forças involutivas e evolutivas da natureza.

As ondas de Essências iniciam sua evolução no reino mineral; prosseguem com o estado vegetal; continuam na escala animal e, por último, alcançam o nível do tipo humanóide intelectual.

As ondas de vida descem, em seguida, envolvendo, de acordo com a lei da queda, revivendo processos animais, vegetais e minerais, para o centro de gravidade terrestre.

Gira a roda do Samsara. Pelo lado direito ascende Anúbis, evolutivo; e, pelo esquerdo, desce Tifão, involutivo.

A permanência dentro do estado humanóide intelectual é algo demasiado relativo e circunstancial.

Com muita justeza nos foi dito que qualquer período humanóide consta sempre de cento e oito vidas de tipo evolutivo e involutivo, que se processam e se repetem sempre, já em espirais mais elevadas, já em espirais mais baixas.

Esclareço: A cada período humanóide racional assinalam-se sempre cento e oito existências, que guardam estrita concordância matemática com o mesmo número de contas que forma o colar do Buddha.

Depois de cada época humanóide, de acordo com as leis do tempo, espaço e movimento, gira, inevitavelmente, a roda do Arcano 10 do Tarot. Então resulta claro e manifesto que as ondas involutivas de vida descem ao reino mineral submerso, para o centro da estabilidade planetária, para reascender evolutivamente um pouco mais tarde.

Qualquer novo reascenso evolutivo desde o centro de gravidade terrestre exige prévia desintegração do mim mesmo. Esta é a morte segunda.

Como a Essência está engarrafada no ego, a dissolução deste último faz-se indispensável, a fim de que aquela se libere.

No centro de estabilidade planetária se restaura a prístina pureza original de toda Essência.

Três mil vezes gira a roda do Samsara. Compreender isto, captar sua profunda significação é indispensável e inadiável, se é que realmente anelamos a liberação final.

Continuando com o presente capítulo, é necessário chamar a atenção do leitor, com o propósito de asseverar o seguinte: Concluídos os três mil períodos [ou giros] da grande roda, qualquer tipo de auto-realização íntima resulta impossível.

Em outras palavras, é necessário afirmar o fato iniludível de que a toda mônada se atribuem matematicamente três mil períodos para a sua auto-realização interior profunda. É indubitável que, depois da última volta da roda, as portas se fecham.

Quando este último acontece, então, a mônada, a chispa imortal, nosso Real Ser, recolhe sua Essência e seus princípios, para se absorver, definitivamente, no seio do espírito universal de vida (o supremo *Parabrahmatman*).

Escrito está, com misteriosos caracteres de fogo no testamento da sabedoria antiga, o fato concreto, claro e definitivo de que muito poucas são as mônadas divinas, ou chispas virginais, que realmente querem a maestria.

Quando uma mônada qualquer anela certamente a maestria, é inquestionável que a consegue, trabalhando intensamente a sua Essência.

Toda Essência intimamente trabalhada do interior por sua mônada divina é muito fácil de ser reconhecida no mundo das formas densas. Esse é o caso concreto de qualquer pessoa com grandes inquietudes espirituais.

Ostensivelmente, tal tipo específico de inquietudes místicas jamais poderia existir em pessoas cuja Essência não tivesse sido trabalhada de dentro por sua correspondente mônada divinal.

AS TRÊS MONTANHAS

Certa vez, achando-me em férias no porto de Acapulco, nas costas do Pacífico, México, tive que entrar no estado iogue de *Nirvi-Kalpa-Samadhi*. Quis então saber algo sobre essas mônadas que, depois de haverem passado pelas três mil voltas da roda do Samsara, haviam perdido já toda oportunidade cósmica.

O que vi naquela ocasião, longe do corpo, dos afetos e da mente, foi realmente extraordinário...Completamente submerso dentro da corrente do som, no oceano resplandecente e imaculado do supremo *Parabrahman*, meti-me pelas portas de um templo inefável...

Não foi necessário interrogar, esquadrinhar e investigar. Em toda a presença de meu Ser, pude vivenciar a tremenda realidade de tais mônadas sublimes. Elas estão mais além do bem e do mal.

Pequeníssimas criaturas inocentes, centelhas da divindade sem auto-realização, seres felizes; porém, sem maestria.

Flutuavam deliciosamente aquelas nobres criaturas na brancura imaculada do grande oceano. Entravam no templo ou saíam; oravam e se prosternavam ante os Buddhas, ante os Deuses santos, ante os *Mahatmas*.

Inquestionavelmente, tais mônadas divinas vêem os mestres da mesma forma como as formigas vêem os homens.

Os *Agnisvatas*, os Buddhas de Compaixão, os Hierofante, são, para tal tipo de mônadas sem maestria, algo que não se pode entender; seres estranhos, enigmáticos, terrivelmente divinos...

Nos *sancta* ou igrejas da vida livre em seu movimento, as citadas mônadas obedecem aos Deuses santos e os servem com infinita humildade.

O gozo daquelas mônadas é muito bem merecido, pois a Essência de cada uma delas conheceu os horrores do abismo e girou três mil vezes na roda do Samsara.

Cada uma das três mil voltas cíclicas da Roda do Samsara inclui múltiplos processos Evolutivos através dos reinos mineral, vegetal, animal e humanóide.

Cada uma das três mil voltas cíclicas da roda do Samsara inclui múltiplos processos evolutivos através dos reinos minerais, vegetal, animal e humanóide.

Cada uma das três mil voltas fatais da citada roda significa, de fato, pavorosas involuções descendentes até o centro de estabilidade planetária, baixando, lentamente, pelos escalões humanóide, animal, vegetal e mineral.

Especificando dados concretos, enfatizaremos o seguinte:

- Três mil ascensos desde o centro de gravidade planetária.
- Três mil descensos até o centro de gravidade planetária.
- Três mil subidas desde a dura pedra até o animal racional.
- Três mil baixadas desde o homúnculo racional até a pedra.
- Três mil vezes fracassados e repetidos os ciclos de cento e oito vidas humanas.

Inquestionavelmente, aquelas mônadas divinas excluídas radicalmente da mestria, seja por intencional rechaço ou simplesmente por haverem fracassado em seus esforços para consegui-lo, sofreram o indizível no vale doloroso do Samsara e na infernal morada de Plutão (o reino mineral submerso).

Este último dado demonstra a infinita misericórdia divina e dá sentido ao estado de felicidade elemental que tais mônadas possuem no seio do espírito universal de vida.

Capítulo 21 O Batismo de João

O Segundo Grau da Iniciação Venusta, oitava superior da correspondente Iniciação de Fogo, surgiu transcendente como resultado esotérico do ascenso milagroso da Segunda Serpente radiante de Luz, para dentro e para cima, pelo canal medular espinhal do fundo vital orgânico (*Linga Sharira*).

Inusitado, mágico encontro foi, certamente, aquele que tive que manter com João no Jardim das Hespérides, onde os rios de água pura de vida manam leite e mel. Quero me referir, com grande solenidade, ao Batista, vivíssima reencarnação de Elias, aquele colosso que viveu nas asperezas do Monte Carmelo tendo por companhia a vizinhança dos animais ferozes e de onde saía, como raio, para afundar e levantar reis. Criatura sobre-humana, umas vezes visível, outras invisível, a quem respeitava até a própria morte.

Ostensivelmente, o esotérico batismo divinal do Cristo João tem profundas raízes arcaicas. Não é demais, neste parágrafo, recordar o batismo de Rama, o Cristo yogue da Índia.

“Quando estiveram a meia “yodjana” da ribeira meridional do Sarayu, disse docemente Visvamitra:

“Rama! É conveniente que arrojés água sobre ti mesmo, conforme os nossos ritos. Vou te ensinar nossas saudações para não perderes tempo. Primeiro, recebe estas duas ciências maravilhosas: a potência e a ultrapotência. Elas impedirão que a fadiga, a velhice, ou outro mal, invada teus membros.”

Pronunciando este discurso, Visvamitra, o homem das mortificações, iniciou Rama nas duas ciências, já purificado nas águas do rio, de pé, a cabeça inclinada e as mãos juntas.” (*Isto é textual do Ramayana e convida os bons cristãos a meditar*).

O fundamento diamantino batismal inquestionavelmente se encontra no *Sahaja Maithuna* (magia sexual). Plena informação sobre sexo-yoga era urgente ao candidato, antes de receber as águas batismais. Rama teve que ser previamente informado por Visvamitra antes de ser batizado. Assim conheceu a ciência da potência e da ultrapotência.

Na transmutação científica das águas espermáticas do primeiro instante encontra-se a chave do batismo. O sacramento batismal, em si mesmo, está cheio de profunda significação. É, de fato, um compromisso sexual. Batizar-se equivale, de fato, a firmar um pacto de magia sexual; Rama soube cumprir com este terrível compromisso: Praticou o *Sahaja Maithuna* com sua esposa-sacerdotisa.

Rama transmutou as águas seminais no vinho da luz do alquimista e, por fim, encontrou a “palavra perdida” e seu Kundalini floresceu em seus lábios fecundos feito Verbo. Então pôde exclamar com todas as forças de sua alma: “O Rei morreu! Viva o Rei!”

Na presença do Cristo João pude sentir, em toda a presença do meu Ser Cósmico, a profunda significação do batismo.

“Os nazarenos eram conhecidos como batistas, sabeanos e cristãos de São João. Sua crença era que o Messias não era o filho de Deus; senão simplesmente um profeta que quis seguir João.”

Orígenes - Volume II, pág. 150 - observa que “existem alguns que dizem de João, o Batista, que ele era o Ungido” (Christus).

“Quando as concepções metafísicas dos gnósticos, que viam em Jesus o Logos e o Ungido, começaram a ganhar terreno, os primitivos cristãos separaram-se dos nazarenos, os quais acusavam Jesus de perverter as doutrinas de João e de mudar por outro o batismo no Jordão” (Codex Nazaraeus II, pág. 109).

Concluirei este capítulo enfatizando o seguinte: “Quando a segunda Serpente de Luz fez contato com o átomo do Pai, no campo magnético da raiz do nariz, resplandeceu o Cristo-Sol sobre as águas da vida e veio a cerimônia iniciática final”.

AS TRÊS MONTANHAS

Sejam as bênçãos de Amenzano*, com sua inalterabilidade, por toda a eternidade. Amém!

* **Amenzano** é uma referência que faz Gurdjieff quase ao final do capítulo 3 de sua obra **Relatos de Belzebu a seu Neto**, que diz literalmente na edição original “The blessings of 'Amenzano' on HIS UNCHANGEABLENESS throughout Eternity!

Capítulo 22

A Transfiguração de Jesus

O ascenso luminoso da terceira Serpente de Luz, para dentro e para cima, pelo brilhante canal medular espinhal do corpo sideral, deu-me franco acesso à oitava superior venusta da correspondente Iniciação de Fogo...

Não é possível escrever dentro do estreito espaço deste tratado tudo o que anteriormente aprendera em todas e em cada uma das trinta e três câmaras santas...

A revolução extraordinária da terceira Serpente Radiante processou-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração tranqüilo...

Quando a Luminosa Víbora transpôs o umbral da terceira câmara secreta do templo-corção, obviamente me senti transfigurado...

- É isto, acaso, algo demasiado raro? Não sucedeu o mesmo a Moisés no Monte Nebo? Inquestionavelmente, não sou o primeiro a quem isto acontece, nem tampouco o último...

Em tais momentos de bem-aventurança, transportado fui ante a presença daquele ínclito varão de preclara inteligência e nobre face que outrora conhecera, quando eu tão somente era um terno adolescente... Quero me referir francamente e sem rodeios ao professor de aspirantes a Rosa-Cruz, citado no capítulo 5 deste mesmo tratado. Infelizmente esse ilustre senhor não pôde me ver nem sequer em plena transfiguração...

A emocionante e sublime cena da transfiguração de Jesus - sobre a qual, bem como sobre a da ascensão, os que se consideram cristãos jamais meditaram o bastante - aparece descrita por Lucas nas seguintes palavras:

E aconteceu que estando Jesus orando perguntou logo aos seus discípulos: Que dizem as pessoas que sou eu? E eles lhe responderam: Uns dizem que és João, o Batista, (Ioanes, Rá ou o Cordeiro de Deus); outros dizem que és Elias, e outros muitos, que em ti ressuscitou algum dos antigos profetas. Ao que Jesus acrescentou: E vós, quem dizeis que sou eu? Respondendo, Simão Pedro diz: Tu és o Cristo de Deus! Ele então lhes comunicou para que não dissessem nada a ninguém acerca de tudo aquilo, dizendo-lhes: É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas e que seja desprezado pelos anciãos e pelos príncipes, pelos sacerdotes e pelos escribas, e que seja entregue à morte, e que ressuscite ao terceiro dia. E acrescentou a todos: Quem deseja vir depois de mim negue-se a si mesmo (dissolva o ego), tome dia após dia a sua cruz (pratique magia sexual) e siga-me (sacrifique-se pela humanidade). Porque aquele que quiser salvar sua alma (o egoísta que nunca se sacrifica pelos seus semelhantes) perdê-la-á; e o que por amor a mim quiser perder sua alma (o altruísta que sobe a ara do supremo sacrifício pela humanidade) esse a salvará. Porque de que serve um homem conquistar tudo do mundo se prejudicar e perder a si mesmo? Pois quem se afronta de mim e de minhas palavras afrontar-se-á do Filho do Homem quando vier com toda a sua majestade e a do Pai e a de seus santos anjos. Mas digo-vos em verdade que alguns há que não provarão a morte até que vejam por si mesmos o reino de Deus.

E depois desta passagem que, tomada ao pé da letra, refere-se somente a Jesus, porém que tomada simbolicamente ou em espírito, refere-se, com efeito, a todos os homens, como mais adiante veremos, continua o texto com a cena da transfiguração, dizendo:

E aconteceu como oito dias depois destas palavras (e como se o fato - acrescentamos nós - viesse a ser uma corroboração prática e tangível delas) que tomando Jesus a seus discípulos Pedro, Tiago e João, subiu a um monte para orar. E enquanto fazia o Mestre a sua oração transformou-se e fez-se outra a figura do seu rosto e suas vestes tornaram-se brancas e resplandcentes. E eis aqui que com Jesus falavam dois varões. E estes eram Moisés e Elias que apareceram cheios de majestade e que lhe falavam de sua saída ou de Jerusalém. Mas Pedro e seus companheiros estavam carregados de sono e despertando viram a glória de Jesus e dos dois varões que com ele estavam. E quando estes se afastaram dele disse Pedro a Jesus, não sabendo o que se dizia: Mestre, bom é que nós estejamos aqui. Façamos três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. E, enquanto Pedro dizia isto, veio uma grande nuvem que os envolveu, causando-lhes grande pânico. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é meu filho muito amado! A ele escutai! E quando a voz cessou, acharam já sós a Jesus. E eles calaram e a ninguém disseram coisa alguma do que haviam visto e ouvido... [Lucas 9: 18-37]

Capítulo 23 Jerusalém

O extraordinário desenvolvimento, revolução e ascenso da quarta Serpente Venusta, para dentro e para cima pelo canal medular do corpo mental, permitiu-me vivenciar todo o cru realismo evangélico da magistral entrada do Grande Kabir Jesus em Jerusalém. Então pude verificar, por mim mesmo e de forma direta, os aspectos inferior (inferno) e superior (céu) do mundo mental.

Inquestionavelmente, essa meretriz de todas as fatalidades, ou grande rameira apocalíptica, cujo número é 666, involui horripilantemente nos infernos mentais... Não sou certamente nenhum aleivoso iconoclasta empenhado em destruir, qual vândalo intelectual, queridos ideais. Entretanto, devo relatar sinceramente e sem rodeios tudo aquilo que vi nessas regiões *manásicas* [*manas* é mente] da natureza.

Sem disfarce algum, ali, na região inferior da mente concreta planetária, aparece a razão dos sem razão... Aquilo que vi com o sentido espacial nos infernos mentais já foi dito por São João no Apocalipse:

Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; e canela, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e gado, e ovelhas; e cavalos, e carros, e corpos e almas de homens. [Cap. 18 – 12:13]

Horríveis edifícios e leitos de Procusto, onde a grande rameira fornicava incessantemente; prostíbulos abomináveis, asquerosas ruas, antros de cinema onde se exibem filmes pornográficos, etc. Passar mais além do corpo, dos afetos e da mente é indispensável, quando se quer a entrada triunfal na Jerusalém de cima (o Céu de Mercúrio e depois o mundo do espírito).

Vejamos agora o capítulo 21 de Mateus (Versículos de 1 a 20):

1 Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: 2 Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendeí-a, e trazei-mos. 3 E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei: O Senhor precisa deles; e logo os enviará. 4 Ora, isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: 5 Dizei à filha de Sião: Eis que aí te vem o teu rei, manso e montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga. 6 Indo, pois, os discípulos e fazendo como Jesus lhes ordenara, 7 trouxeram a jumenta e o jumentinho (símbolo da mente), e sobre eles puseram os seus mantos, e Jesus montou. 8 E a maior parte da multidão estendeu os seus mantos pelo caminho; e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho (esotérico). 9 E as multidões, tanto as que o precediam (na senda do fio da navalha) como as que o seguiam (na senda esotérica), clamavam, dizendo: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas! 10 Ao entrar ele em Jerusalém, agitou-se a cidade toda e perguntava: Quem é este? 11 E as multidões respondiam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia. 12 Então Jesus entrou no templo (o templo que cada um de nós leva dentro), expulsou todos os que ali vendiam e compravam (os mercadores, os eus que personificam os nossos defeitos de tipo psicológico), e derribou as mesas dos cambistas (demônios que adulteram tudo o que é bom) e as cadeiras dos que vendiam pombas (diabos que vendem o Terceiro Logos, que comerciam, profanando o Espírito Santo: fornicários, prostitutas, lésbicas, homossexuais); 13 e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis covil de salteadores (assim a mente de cada pessoa é guarida de perversidade). 14 E chegaram-se a ele no templo cegos e coxos, e ele os curou (pessoas incapazes de ver a verdade e sujeitos que não podiam andar no caminho). 15 Vendo, porém, os principais sacerdotes e os escribas (intelectuais) as maravilhas que ele fizera, e os meninos que clamavam no templo: Hosana ao Filho de Davi, indignaram-se, 16 e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e de criancinhas de peito tiraste perfeito louvor? 17 E deixando-os, saiu da cidade para Betânia, e ali passou a noite. 18 Ora, de manhã, ao voltar à cidade, teve fome; 19 e, avistando uma figueira à beira do caminho (símbolo da força sexual), dela se aproximou, e não achou nela senão folhas somente; e disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. 20 Quando os discípulos viram isso, perguntaram admirados: Como é que imediatamente secou a figueira? (Escrito está, com carvões acesos no livro dos esplendores: Árvore que não dá fruto é cortada e lançada ao fogo).

Quando Adão e Eva (a humanidade paradisíaca) comeram do fruto proibido, foram abertos os olhos de ambos e se deram conta que estavam nus; então colheram folhas de figueira e fizeram aventais.

Gautama, o Buddha, sentado quatro dias com suas noites em profunda meditação à sombra da figueira, alcançou a iluminação final.

No antigo Egito dos faraós, a figueira sempre foi venerada como vivo símbolo da energia criadora do Terceiro Logos.

As criaturas involutivas dos mundos infernais certamente são figueiras estéreis que jamais deram fruto.

Sobre esta sempre verde figueira se poderia escrever uma estranha epígrafe, porque um dos detalhes mais típicos, concomitante com certas vidências astrais, é o da planta sempre verde e que gira vertiginosamente. Um bom amigo de Jumilla me disse:

No término deste povoado existe uma gruta de bastante extensão e altura, onde cresce uma figueira que jamais perde folha nem lança fruto; e é crença geral, apoiada pelo testemunho de vários que dizem tê-lo visto, que no dia de São João, ao despontar do dia, sai desta gruta uma grande coorte militar de espectros, com cavalos de guerra ricamente ajaezados. Guerreiros que, precedidos de fantásticos estandartes, se dirigem para o sul, desaparecendo ao longe, como se evocassem algum longínquo feito histórico. (Isto é textual da **Árvore das Hespérides**).

Jesus, o grande sacerdote gnóstico, disse:

A pedra (filosofal, o sexo), que os edificadores (pessoas de muitas religiões) rejeitaram, Essa foi posta por cabeça do ângulo; Pelo Senhor foi feito isto, E é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos (pessoas que sejam capazes de praticar magia sexual, dissolver o ego e sacrificar-se pelos seus semelhantes). E, quem cair sobre esta pedra (o sexo), despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. [Mateus 21 - 42:44]

Inquestionavelmente, só mediante o fogo sexual é possível incinerar todos os agregados psíquicos perversos que levamos dentro, para entrar na Jerusalém celestial, em Domingo de Ramos. (Ver meu livro intitulado **O Mistério do Áureo Florescer**).

Capítulo 24

O Monte das Oliveiras

O ascenso maravilhoso da quinta Serpente de Luz, para dentro e para cima, pelo canal espinhal do corpo causal, deu-me, de fato, franco acesso aos Mistérios Iniciáticos do Quinto Grau da Sabedoria Venusta. Se escrevesse detalhadamente tudo aquilo que então aprendi nas trinta e três câmaras santas do Mundo Causal, é óbvio que encheria um imenso volume.

Como Homem Causal, sentado com muita humildade, cruzei meus braços sobre o peito para assistir à cerimônia final. Infelizmente tinha o péssimo costume de cruzar os braços de forma tal que o esquerdo ficava sobre o direito...

- Assim não deves cruzar os braços - disse-me um Adepto do templo. E logo acrescentou: - O direito deve ir sobre o esquerdo; obedeci às suas indicações.

- Viste sarcófagos egípcios? Os braços dos mortos, cruzados sobre o peito, ilustram estas afirmações. Qualquer crânio entre duas tíbias ou ossos mortais, como sinal de perigo, diz o mesmo.

“Fazer a vontade do Pai, assim nos céus como na terra, morrer no Senhor” - este é o profundo significado de tal símbolo...

O Grande Kabir Jesus, no Monte da Oliveiras, orou assim:

Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão. E, levantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e achou-os dormindo de tristeza (com a Consciência adormecida). E disse-lhes: Por que estais dormindo? (Por que tendes a Consciência adormecida?) Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação. (Porque os adormecidos é claro que caem em tentação). [Lucas 22 - 42:46]

Em verdade, em verdade vos digo que vossa Consciência deve permanecer sempre alerta e vigilante como o vigia em época de guerra.

“Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo (o Verbo) cante (ou se encarne em nós), três vezes me negarás”. [Mateus 26:34] Quando o Hierofante Patar, ou Pedro se esqueceu de si mesmo negou o Cristo Íntimo três vezes...

Pedro, Petra ou Pedra era o próprio Hierofante ou o “intérprete”, em fenício; e daqui a famosa frase evangélica: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei minha Igreja” (Nosso templo interior).[Mateus 16:18]

Bunsen, em seu **Lugar del Egipto en la Historia Universal** (volume 5, página 90), comenta, por sua vez, a inscrição encontrada no sarcófago de uma grande rainha da décima primeira dinastia (2.250 anos a.C.) e que só é transcrição do **Livro dos Mortos** (4.500 anos a.C.), interpretado hieróglifos de *Peter*, *Patar*, Revelação, Iniciação, etc.

De modo algum se equivocaram jamais os velhos alquimistas medievais, quando descobriram a *petera* iniciática em nossos órgãos sexuais...

Inquestionavelmente, derramar o Vaso de Hermes, prostituir a Pedra da Verdade, equivale a negar o Cristo...

Do todo desconhecido ou zero radical emana, ao começar uma manifestação ou universo, a Mônada pitagórica, o Verbo, o Arquimago, o Hierofante, o Uno-Único, o *Aunad-Ad* budhista [*Anadi?*], o *Ain-Soph*, *En-Soph*, ou *Pneuma-Eikon* caldaico, o *Ruach Elohim* ou Divino Espírito do Senhor, flutuando sobre as águas genesíacas, o Existente por si mesmo, *Anupadaka* ou *Manu-Swayambu-Narayana* ário.

Esta, a Mônada particular de cada um de nós, transforma-se na dúada mais excelsa: nossa Divina Mãe Kundalini particular, individual... Ele e Ela constituem realmente o Pai-Mãe gnóstico, o *Zeru-Ana* persa; o *Protogonos* Dual, ou *Adam- Kadmon*; o *Theos-Chaos* da teogonia de Hesíodo; o *Ur-Anas*, ou fogo e água caldeu; o *Osíris-Ísis* egípcio; o *Jah-Hovah*, *Jehovah* ou *Iod-Heve* semita, etc.

Roma, ao inverso, é amor. O sacramento da igreja do amor, ou Roma, é o *Sahaja Maithuna* (magia sexual). Devemos aprender a cumprir com este santo sacramento, vibrando no tom com o divino casal. Ele se deve converter na viva expressão do **Yod** hebraico; Ela deve ser viva manifestação de **Heve**.

O *Adam-Kadmon* cabalista, o *Rha-Sephira*, ou eterno masculino-feminino, conciliando-se em perfeita harmonia, acima e abaixo, no infinitamente grande e no infinitamente pequeno, constituem a nota culminante do Monte da Oliveiras.

Capítulo 25 A Bela Helena

O ascenso sublime e maravilhoso da sexta Radiante Serpente para dentro e para cima, ao longo do canal espinhal do Corpo búddhico deu-me, de fato e por direito próprio, passagem franca para a sexta Iniciação Venusta...

No Mundo Búddhico ou intuicional universal tive que vivenciar nessa época alguns capítulos transcendentais do evangelho crístico. Quero me referir agora, com suma delicadeza, a certas passagens miríficas secretas, intencionalmente eliminadas do texto original pelos escribas e doutores da lei. É certamente deplorável que a Santa Bíblia hebraica tenha sido tão cruelmente mutilada, adulterada, deformada.

O que então experimentei na cósmica região intuicional guarda múltiplas concordâncias rítmicas perfeitas com os diversos processos esotéricos iniciáticos que nós devemos vivenciar aqui e agora. Extraordinárias cenas relacionadas com os outros planetas do sistema solar de Ors, no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso Ser.

Quando a Sexta Víbora de Luz resplandecente transpôs o umbral augusto de sua correspondente câmara no coração tranqüilo, gloriosamente brilhou o Sol da Meia-Noite no inalterável infinito. Eu entrei no Templo da Iniciação, acompanhado por muita gente. Cada um de nós, do cortejo, portava em nossa destra uma vela, círio ou tocha ardente.

Nesses instantes, me senti vivenciando aqueles versículos esotéricos crísticos que ao pé da letra dizem:

E, estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes (ou homens constituídos por autoridade mundana), e pelos anciãos do povo (ou seja, dos tidos por sábios no mundo). E o que o traía (Judas, o demônio do desejo), tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar é esse; predei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo, Rabi; e beijou-o. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam. [Mateus 26 - 47:50]

Embriagado de êxtase, exclamei:

- Eu sou o Cristo! Uma Dama-Adepto me admoestou, dizendo: - Cuidado, não digas isso! É falta de respeito!

- Nestes momentos eu O estou representando, repliquei. A Dama Sagrada guardou então um respeitoso silêncio.

O Drama Cósmico dentro do templo das paredes transparentes teve certo sabor majestático muito grave, terrivelmente divino. Convertido no personagem central, tive que experimentar, em mim mesmo, as seguintes passagens evangélicas:

E os que prenderam a Jesus o conduziram à casa do sumo sacerdote Caifás (o demônio da má vontade), onde os escribas (as autoridades oficiais deste mundo) e os anciãos (as pessoas muito respeitáveis e cheias de experiência) estavam reunidos. (...) Ora, os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos, e todo o conselho, buscavam falso testemunho contra Jesus (o Salvador Íntimo), para poderem dar-lhe a morte; E não o achavam; apesar de se apresentarem muitas testemunhas falsas, não o achavam. Mas, por fim chegaram duas testemunhas falsas, E disseram: Este disse: Eu posso derrubar este templo (referindo-se ao corpo animal) e reedificá-lo em três dias (o corpo espiritual, o *To Soma Heliakon*, é reconstruído na Terceira Iniciação). E, levantando-se o sumo sacerdote (com sua má vontade), disse-lhe: Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardava silêncio (o

silêncio é a eloqüência da sabedoria). E, insistindo o sumo sacerdote, disse-lhe: Conjurando-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus (o Segundo Logos). Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem (todo verdadeiro cristificado ou osirificado) assentado à direita do Poder (o Primeiro Logos), e vindo sobre as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote (o demônio da má vontade) rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes agora a sua blasfêmia. Que vos parece? E eles, respondendo, disseram: É réu de morte. Então lhe cuspiram no rosto e lhe davam punhadas, e outros o esbofeteavam dizendo: Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu? [Mateus 26 - 57:68]

E, logo pela manhã, havendo tido conselho, os príncipes dos sacerdotes, com os anciãos e com os escribas, e com todo o concílio, levaram Jesus atado e o entregaram a Pilatos.

E Pilatos (o demônio da mente) perguntou-lhe: “És tu o rei dos judeus?” E respondendo Ele, disse-lhe: “Tu o disseste!” E os príncipes dos sacerdotes (as autoridades deste mundo) o acusavam muito.

E lhe perguntou outra vez Pilatos, dizendo: “Não respondes algo? Olha de quantas coisas te acusam” (ao Cristo Interno o acusam todas as pessoas, até aquelas que se dizem seus seguidores).

Mas Jesus (o Cristo Íntimo) nem assim lhe respondeu algo (Repito: O silêncio é a eloqüência da sabedoria). Pilatos (o demônio da mente) se maravilhava. Entretanto, no dia da festa era costume liberar um prisioneiro, qualquer um que pedissem. E havia um que se chamava Barrabás (o demônio da perversidade que cada um leva dentro), preso com seus companheiros de motim, que haviam cometido morte numa revolta (porque o ego é sempre homicida e malvado).

E vendo a multidão, começou a pedir que se fizesse como sempre lhes havia feito. E Pilatos lhes respondeu, dizendo: “Quereis que vos solte o rei dos judeus?” Porque sabia que, por inveja, o haviam entregado os príncipes dos sacerdotes (as autoridades de todo tipo). Mas, os príncipes dos sacerdotes incitaram a multidão para que lhes soltasse antes Barrabás (as autoridades de todo tipo defendem o ego. Elas dizem: primeiro eu, segundo eu, terceiro eu).

E, respondendo, Pilatos lhes diz outra vez: “Que pois quereis que faça daquele que chamais de rei dos judeus?” E eles voltaram a dar vozes: “Crucifica-o!” (Crucifica! Crucifica! Crucifica!). [Ver Mateus 27. João 18. Marcos 15. Lucas 23]

Do *sanctum* inefável saí extático, depois de haver experimentado de forma direta o tremendo realismo íntimo de todos estes versículos, parágrafos acima citados.

Revestido com uma nova túnica de glória, vestimenta talar esplendorosa, saí da grande catedral da alma.

Quão ditoso me senti ao contemplar, dali, o amplo panorama! Então vi o fluir e o refluir de todas as coisas.

Buddhi é como um vaso de alabastro fino e transparente, dentro do qual arde a chama de *Prajna*.

Atman, o Ser, tem duas almas. A primeira é a alma espiritual e é feminina (*Buddhi*). A segunda é a alma humana e é masculina (*Manas* superior).

O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, só tem encarnada, dentro de si, a Essência.

Ostensivelmente, esta última é o *Buddhata*, uma mínima fração da alma humana, o material psíquico com o qual se pode e se deve fabricar o embrião áureo. (Ver **O Mistério do Áureo Florescer**).

A fonte e base da alta magia se encontram no desponsório perfeito de *Buddhi-Manas*, já nas regiões puramente espirituais, ou no mundo terrestre.

AS TRÊS MONTANHAS

Helena significa claramente os desponsórios de *Nous* (*Atman-Buddhi*) com *Manas* (a alma humana ou Causal), a união mediante a qual se identificam Consciência e Vontade, ficando, por tal motivo, dotadas ambas as almas com divinais poderes...

A essência de *Atman*, do primordial, eterno e universal fogo divinal, encontra-se contida dentro de *Buddhi*, que, em plena conjugação com *Manas* causal (alma humana), determinam o masculino-feminino.

A bela Helena de Tróia é a mesma Helena do Fausto de Goethe, *Shakti* ou potência feminina do Ser Interno...

Ele e Ela, *Buddhi-Manas*, são as almas gêmeas dentro de nós mesmos (embora o animal intelectual ainda não as tenha encarnadas), as duas filhas adoráveis de *Atman* (o Íntimo), o esposo e a Esposa eternamente enamorados...

Tal amor tem infinitas correlações, seja nos pares conjugados dos sóis duplos do céu e no da Terra com a Lua; seja no anfiáster protoplasmático das células determinantes, como é sabido, do misterioso fenômeno da cariocinese ou duplicação morfológica da célula una; seja no universal simbolismo das epopéias e de toda a restante literatura, onde o amor ideal entre dois seres de sexo oposto constitui a “alma mater” da produção literária.

Inquestionavelmente, o *Sahaja Maithuna*, como sacramento da *Igreja de Roma*, repete-se com os gêmeos no *Akasha Tattwa* e continua glorioso com Osíris-Ísis na região de *Anupadaka*.

Esclareço: Quando citamos a *Igreja de Roma*, coloque-se as letras ao inverso e leia-se assim: *Amor*. Obviamente, o sexo é a Igreja do Amor.

A teoria das almas gêmeas não implica em perigo algum quando captamos seu profundo significado. O coito químico, a cópula metafísica, resplandece gloriosamente no zênite do ideal, sem a mais leve sombra de impureza.

O legítimo enamoramento nunca está separado do sexo. O ato sexual é, certamente, a consubstancialização do amor no realismo psicofisiológico de nossa natureza.

O desponsório *Buddhi-Manas* só é possível mediante o coito químico. O [santo] desfrute sexual é um direito legítimo do homem. Renato cometeu o grave erro de afirmar, de forma enfática, que a Helena de Simão, o Mago, era uma formosa mulher de carne e osso, a quem o citado mago havia encontrado num lupanar de Tiro e que, segundo opinam seus biógrafos, era a reencarnação da Helena grega. Tal conceito não resiste a uma análise profunda. Os Colégios Iniciáticos autênticos ensinam, com inteira clareza, que a bela Helena é *Buddhi*, a alma espiritual da Sexta Iniciação Venusta, a *Shakti* potencial feminina.

Capítulo 26
O Acontecimento do Gólgota

O radiante ascenso da sétima Serpente Venusta, para dentro e para cima, pelo canal espiritual medular espinhal do veículo divinal (corpo de *Atman*), permitiu-me vivenciar o acontecimento do Gólgota... Preciso confessar francamente e sem rodeios o fato concreto, claro e definitivo de que me vi convertido no personagem central do Drama Cósmico.

Experimentar em si mesmo o evento cósmico do Calvário, com todo o cru realismo transcendental do mundo do espírito divino (*Atman*), resulta, certamente, extraordinário.

Não sou o primeiro a vivenciar o acontecimento do Monte das Caveiras; tampouco serei o último... E me vi a mim mesmo, depois da crucificação, estendido como um cadáver sobre o limo da terra. Então, a *Shakti* potencial, a divina esposa de *Shiva*, minha perfeita Mãe Kundalini, prosternada, com infinita humildade, me adorava...

- Ó minha Mãe, exclamei! Tu és minha Mãe! Eu sou quem deve ajoelhar-se diante de ti! Não é possível que tu te curves diante de mim! Eu não mereço isso! Sou um apenas um verme do lodo da terra, um pecador, um indigno!

Entretanto, é evidente que, em tais instantes do Drama Cósmico, eu representava o *Christus, Vishnu*, o Segundo Logos, o Filho. Nos momentos em que escrevo estas linhas, vem-me à memória aquela oração inefável de Dante Alighieri que textualmente diz:

“Virgem Mãe, Filha de teu Filho, a mais humilde e ao mesmo tempo a mais elevada de todas as criaturas, limite fixo da vontade eterna, tu és a que enobreceste de tal sorte a humana natureza que teu criador não desdenhou de converter-se em sua própria obra.

Em teu seio se inflamou o amor, cujo calor fez germinar esta flor na paz eterna. És aqui, para nós, meridiano sol de caridade, e embaixo, para os mortais, vivo manancial de esperança.

És tão grande, Senhora, e tanto vales, que todo aquele que desejar alguma graça, e não recorrer a ti, quer que seu desejo voe sem asas.

Tua bondade não só socorre a quem te implora, senão que muitas vezes também se antecipa espontaneamente à súplica. Em ti se reúnem a misericórdia, a piedade, a magnificência e tudo quanto de bom existe na criatura (inquestionavelmente, cada Ser tem sua Divina Mãe Kundalini original, particular, individual).

Este que, desde a mais profunda laguna do universo até aqui viu, uma a uma, todas as existências espirituais, te suplica lhe concedas a graça de adquirir tal virtude que se possa elevar, com os olhos, até a suprema salvação.

E eu, que nunca desejei ver mais do que desejo que ele veja, dirijo-te todos os meus rogos e te suplico que não sejam vãos, a fim de que dissipes, com os teus, todas as névoas procedentes de sua condição, de sorte que possa contemplar abertamente o sumo prazer.

Rogo-te ainda, ó Rainha, que podes quanto queres, que conserves puros teus afetos depois de tanto ver que tua custódia triunfe sobre os impulsos das paixões humanas.

Até aqui esta sublime prece dantesca. Continuemos, agora, com o tema deste capítulo. Estudemos alguns versículos crísticos...

Os soldados do governador levaram Jesus ao Pretório, e reuniram junto dele toda a coorte.

E, despindo-o, o cobriram com um manto escarlate. (A pedra filosofal primeiro é negra, depois branca e, por último, vermelha).

E, tecendo uma coroa de espinhos (clássico diadema doloroso em todo astral cristificado), puseram-na na cabeça, e em sua mão direita uma cana (como a Vara de Aarão ou o Bastão dos Patriarcas - vivo símbolo da espinha dorsal); e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos Judeus.

E, cuspido nele, tiraram-lhe a cana, e batiam-lhe com ela na cabeça.

E, depois de o haverem escarnecido (porque assim é este caminho do sexo), tiraram-lhe o manto (porque eles, os tenebrosos, jamais querem que o Iniciado vista a púrpura de seu Logótipo íntimo), vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado.

E, quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz (o guru sempre aparece no caminho para nos ajudar).

E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que se diz: Lugar da Caveira (sinônimo da morte), deram-lhe a beber vinagre misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber (é evidente que a Senda do Fio da Navalha é muito amarga).

E, havendo-o crucificado (com cruz sexual, porque o *phallus* embutido dentro do útero forma tal signo sacratíssimo), repartiram as suas vestes, lançando sortes (clara alusão à eliminação das humanas posses), para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta. (...)

E, sentados, o guardavam ali. E por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: INRI - *Ignis Natura Renovatur Integram* (O fogo renova incessantemente a natureza). [A cristandade crê que o INRI significa Iesus Nazarenus Rex Iudeorum ou Jesus Nazareno Rei dos Judeus]

E foram crucificados com ele dois ladrões, um à direita, e outro à esquerda. (Bom ladrão: O divino poder secreto que, para a cristificação, rouba a energia sexual. Mau ladrão: O inimigo secreto que, para o mal, saqueia o depósito do hidrogênio sexual Si-12).

E os que passavam (os profanos e profanadores de sempre) blasfemavam dele, meneando as suas cabeças. E dizendo: Tu, que destróis o templo, e em três dias o reedificas (tu que aniquilas o Adão de pecado para que nasça o Adão celestial), salva-te a ti mesmo. Se és Filho de Deus, desce da cruz. (Porque aos tenebrosos não agrada a inserção do madeiro atravessado que forma teus dois braços, como duas mãos ingentes que se estendem para afugentar as forças sinistras e os poderes inferiores).

Desta maneira também os príncipes dos sacerdotes (as autoridades), escarnecendo com os escribas (os intelectuais), e os fariseus (que sempre se presumem de virtuosos e santos) e os anciãos (pessoas muito respeitáveis do mundo), diziam:

Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o rei de Israel, desça agora da cruz (que abandone a Senda do Fio da Navalha e o *Sahaja Maithuna*) e crê-lo-emos.

Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama, porque disse: Sou filho de Deus (se cristificou e, portanto, se fez filho do Eterno. Nós filhos do diabo somos, porque somos fruto de fornicção).

(...) E desde a hora sexta (a tentação) houve trevas sobre toda a Terra, até a hora nona (nona esfera; somando-se cabalisticamente temos 9; mais 6 igual a 15. Este é o arcano do Tifão Bafometo: o Diabo. Tal valor esotérico corresponde à constelação da Baleia, sob cuja influência cósmica se desenvolve o Iniciado até conseguir a ressurreição; recordemos o sinal de Jonas).

E, perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli! Eli! Lamá Sabactâni! Isto é: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste? (Ostensivelmente, antes da ressurreição todo iniciado se sente realmente abandonado).

E alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Este chama por Elias. (Helias, Eliú, Elias, Hélio, o Sol-Cristo, o Logói Íntimo é nossa suprema aspiração).

E logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e a embebeu de vinagre, e, pondo-a em uma cana (símbolo da espinha dorsal), dava-lhe de beber (como dizendo: O trabalho com os fogos sexuais espinhais é mais amargo que o fel). (...)

E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. (Assim é como os Iniciados morremos em nós mesmos com morte de cruz; ver meu livro **O Mistério do Áureo Florescer**).

E eis aqui o véu do templo (o famoso véu de Ísis, o véu sexual adâmico, produto do pecado original) se rasgou em dois, de alto a baixo (devido à morte suprema do ego), e a terra tremeu, e as pedras (da Senda do Fio da Navalha) se fenderam. [Mateus 27 – 27:51]

Capítulo 27 O Santo Sepulcro

No *Livro dos Esplendores [akasha]* está escrito em caracteres de fogo que quando Jesus - o grande sacerdote gnóstico - exalou seu último alento, a terra filosófica, sua mui humana pessoa tremeu, ao compreender a difícil tarefa que o destino lhe havia reservado, e as pedras da Senda do Fio da Navalha se fenderam, tornando o Caminho ainda mais difícil. (Isso só é compreendido integralmente pelos Mestres depois de morrerem em si mesmos, ao se preparem para a Ressurreição).

Mercúrio, como planeta astrológico, é muito mais misterioso que o próprio Vênus, e idêntico ao Mitra mazdeísta, o Buddha, o Gênio ou o Deus estabelecido entre o Sol e a Lua, o companheiro perpétuo do Sol da Sabedoria. Pausânias, em seu livro V, no-lo mostra, tendo um altar em comum com Júpiter; ostentava asas para expressar que assistia ao Sol em seu curso e era chamado de Núncio e Lobo do Sol: “*Solaris luminis particeps*”. Era o chefe e o evocador das almas, o Arquimago e o Hierofante. Já Virgílio o descreve, tomando seu caduceu ou martelo para chamar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Orco ou Limbo: “*Tum virgam capit, hac animas ille evocat Orco*”, com o sadio propósito de fazê-las ingressar na milícia celeste.

Depois destas explicações se fazem claros os seguintes versículos (explicados):

52 E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados (saíram do Orco ou Limbo); 53 E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele (depois de sua ressurreição esotérica), entraram na cidade santa (a Jerusalém de cima), e apareceram a muitos. [Mateus 27]

Inquestionavelmente, muitos santos quiseram se auto-realizar intimamente sem o “santo sacramento da igreja do amor” (o *Sahaja Maithuna*). Essas desditosas almas caem sempre no Orco ou Limbo da ignorância, das trevas e da dor. Só morrendo em si mesmo com morte de cruz, símbolo este completamente sexual, é possível, então, a ressurreição.

Se o germe não morre, a planta não nasce. A senda da vida é formada com as pegadas dos cascos do cavalo da morte.

Mercúrio é o áureo planeta, o inefável, a quem os Hierofantes proibiam nomear, e é simbolizado na mitologia grega pelos famosos lebréus ou cães guardadores do gado celeste que bebiam nas puríssimas fontes da sabedoria oculta...

Mercúrio é também *Hermes-Anúbis*, o bom inspirador ou *Agathodaemon*. Como ave de Argos, vela sobre a Terra. Há quem o tome equivocadamente pelo próprio Sol, sendo ambos, respectivamente, o *Sarama* e *Sarameya* hindus.

O imperador Juliano orava todas as noites ao Sol Oculto pela intercessão de Mercúrio, pois como diz Vossius: “Todos os teólogos asseguram que Mercúrio e o Sol são um... Por isso era considerado como o mais eloqüente e sábio dos Deuses, o que não é pois de se estranhar que Mercúrio se acha tão perto da Sabedoria e do Verbo (o Logos) que com ambos foi confundido...”

Mercúrio é o Terceiro Logos, *Shiva*, o Espírito Santo, o Primogênito da Criação, nossa Mônada autêntica, particular, individual...

Ó Deuses Santos! Quão triste seria a sorte dos santos no Limbo, se Mercúrio os abandonasse...

Mercúrio, *Shiva*, Grande Hierofante, Núncio e Lobo do Cristo Íntimo, suprema esperança daqueles que dormem no Santo Sepulcro...

Eu reconheci o fálico sinal na barca de Rá ao passar pela oitava Iniciação Venusta. Então clamei com grande voz, dizendo: “Quando soe a primeira trombeta, ressuscitarei dentre os mortos!” “Salve, ó grande divindade que navegas em tua barca! Transportado até aqui, ante ti apareço!” “Deixa-me subir à ponte de mando e dirigir a manobra da barca, como fazem teus servidores, os arcontes dos planetas.”

Litelantes, afligiu-se um pouco ao contemplar meu santo sepulcro.

- Não temais, disse-lhe um Mahatma; o corpo físico dele ainda não morrerá”. Estas palavras a tranquilizaram integralmente.

Naquela distante época de minha presente existência [um pouco antes de 1960] nem sequer tinha morrido em mim mesmo; continuava com o ego bem vivo. O Sepulcro era então meramente simbólico, como o ataúde de toda Loja Maçônica...

Compreendia sim, de forma íntegra, o simbolismo sepulcral. Sabia que devia morrer em mim mesmo, para ter direito à ressurreição de Hiram Abif, o Mestre Secreto, dentro do meu templo-coração...

Concluí aquela Iniciação com instruções precisas, relacionadas com a missão que atualmente estou cumprindo no mundo...

II MONTANHA

Capítulo 28 Serenidade e Paciência

É ostensível que nós, os Irmãos do Templo dos Duas Vezes Nascidos, havíamos eliminado da nossa mente variados elementos subjetivos, infra-humanos. Entretanto, depois de haver passado pelas oito Iniciações, anelávamos, com todas as forças da alma, ingressar nos esotéricos trabalhos mágicos da Montanha da Ressurreição.

Havia sido dito no Templo que devíamos aguardar com infinita paciência o Abade do Monastério. Mas é evidente que as horas transcorriam, longas e aborrecedoras, com uma monotonia insuportável. Certamente o Venerável não parecia ter pressa alguma.

Alguns desses veteranos da Primeira Montanha se moviam por toda parte, aqui, ali e por lá, protestando impacientes pela singular demora do Superior.

Há casos que surpreendem na vida, e um destes foi a assombrosa entrada do Abade no templo. Todos os Irmãos da Ordem Sagrada ficamos estupefatos, pois alguns dos nossos já haviam perdido a esperança de ver o Mestre.

Frente à sacra confraria falou o Venerável, dizendo: Aos senhores, irmãos, fazem falta duas virtudes que este irmão tem – disse, ao mesmo tempo em que me apontava com o dedo indicador.

Posteriormente, de forma doce e imperativa ao mesmo tempo, ordenou-me assim: Diga-lhes o senhor, irmão, quais são essas duas virtudes.

- Temos que saber ser pacientes! Temos que saber ser serenos! exclamei com voz pausada e clara.

- Ouviram? Se convenceram? - prorrompeu o Abade com grande solenidade. Todos os Adeptos, espantados e maravilhados ao mesmo tempo, optaram por guardar respeitoso silêncio.

Claro que todos os membros da congregação, com exceção minha, tiveram então que ser afastados do templo, pois só minha insignificante pessoa que nada vale, saiu vitoriosa na difícil prova.

O austero Hierofante em seguida me presenteou com uma formosa laranja; imediatamente captei o profundo significado.

Bem mais tarde no tempo tive que comparecer ante a Irmandade de outro Monastério da Fraternidade Universal Branca com o propósito definido de receber instruções e assinar documentos. Então me preveniram com as seguintes palavras: - - Deves te cuidar muito bem do frio lunar.

Voltar à Frágua Acesa de Vulcano, depois de um longo recesso, me foi urgente. Inquestionavelmente, entre Montanha e Montanha existem sempre longos períodos de abstenção sexual.

Capítulo 29

Os Nove Graus da Maestria

Capturar, apreender, captar de forma íntegra, unitotal, o profundo significado dos nove mestres que foram em busca de Hiram e de seus assassinos é urgente, inadiável. É claro que nenhum dos nove mestres foi pelas regiões do Norte, mas, inteligentemente ordenados em três grupos de três, repartiram-se respectivamente para o Oriente, o Sul e o Ocidente. E foram esses últimos os que conseguiram descobrir a tumba e os assassinos.

Esta simbólica peregrinação esotérica dos nove mestres refere-se, especificamente, em conseqüência, à peregrinação individual que todo iniciado tem que efetuar na Segunda Montanha, passando por nove etapas ou graus sucessivos, totalmente enumerados e definidos nas nove esferas:

1. Lua
2. Mercúrio
3. Vênus
4. Sol
5. Marte
6. Júpiter
7. Saturno
8. Urano
9. Netuno.

Podemos e até devemos emitir o seguinte enunciado: Somente mediante estas romarias íntimas de esfera em esfera estaremos em condições de vivificar e fazer ressurgir dentro de cada um de nós o Mestre Secreto, Hiram, Shiva, o esposo de nossa Divina Mãe Kundalini, o Arquimago, a Mônada particular, individual, nosso Ser Real...

Uma coisa é ser Mestre e outra, por certo muito diferente, é alcançar a perfeição na maestria. Qualquer esoterista que fabrique na Forja dos Ciclopes o *To Soma Heliakon*, o traje de bodas da alma, por tal motivo se converte em Homem e, por conseguinte, num Mestre. Entretanto, perfeição na maestria é algo bem diferente.

O número nove, aplicado à retórica, nos põe em íntima relação mística com as nove Musas Eternas. Não é demais, neste capítulo, citar cada uma destas deidades inefáveis do classicismo antigo [segundo Hesíodo]:

1. Clío
2. Érato
3. Melpômene
4. Calíope
5. Euterpe
6. Tália
7. Urânia
8. Polímnia
9. Terpsícore

Vivências é algo muito importante, a fim de que nossos bem amados leitores possam compreender melhor a doutrina. Escutai-me: Certa noite, não importa agora a data, nem o dia, nem a hora, esplendidamente ataviado com o traje de bodas da alma, saí à vontade do corpo físico. Experimentando em toda a presença de meu Ser Cósmico certa deliciosa voluptuosidade espiritual, flutuei com inteira suavidade na aura do universo. Em suprema bem-aventurança tive que pousar meus pés, como se fosse uma ave celestial, sobre o limo da terra, sob a verde folhagem de uma árvore taciturna. Então, em boa hora clamei, com grande voz, invocando os Adeptos da Fraternidade Oculta...

Inquestionavelmente fui assistido... Os Irmãos me conduziram amavelmente até o templo maravilhoso das paredes transparentes... O *Mahatma* permanecia sentado ante sua escrivaninha como se estivesse atendendo a muitas pessoas...

- Quero saber – disse – o que é que me faz falta... O Venerável, tirando dentre uma das gavetas da escrivaninha certo livro secreto, consultou suas páginas e logo respondeu:

- Ao senhor lhe fazem falta 58 minutos, precisa trazer aqui 36 bolívars de 23 quilos cada um, e as 8 (oito) Iniciações recebidas devem ser qualificadas.

- Obrigado, Venerável Mestre! Depois, saí do templo com infinita humildade e veneração.

Análise cabalística desta questão:

58 minutos: $5 + 8 = 13$. O arcano 13 significa a morte de todos os elementos subjetivos que constituem o eu.

36 bolívars: $3 + 6 = 9$. Romper cadeias e grilhões nos mundos submersos dos nove planetas citados neste capítulo... Trabalho muito intenso na Frágua Acesa de Vulcano...

23 quilos: $2 + 3 = 5$. Os trabalhos de liberação deverão ser perfeitos, sob os esplendores da flamígera estrela de cinco pontas... (Não é demais recordar, oportunamente, o *Rishi Baha-Deva* e seus 23 profetas).

Qualificação: Antes da ressurreição autêntica, cada uma das oito Iniciações deve ser qualificada. Isto se processa em oito anos, durante os quais temos que experimentar o livro do patriarca Jó em todo o seu cru realismo.

Enfatizamos solenemente o seguinte enunciado: “Jamais seria possível qualificar as oito Iniciações em tempo menor que oito anos...” Obviamente, a cada uma das oito Iniciações corresponde um ano. Como corolário, resultam oito anos para as oito Iniciações...

Esclareço: Mencionado tempo corresponde exclusivamente ao epílogo de toda uma série mística de profundos trabalhos esotéricos, realizados em todos e cada um dos nove planetas anteriormente citados.

Indubitavelmente, tais trabalhos processam-se em tempos diferentes e soem, na verdade, ser demasiado delicados.

É ostensível que todo aquele que ingressa na Segunda Montanha não recebe, por tal motivo, mais graus nem iniciações. A perfeição na maestria somente advém com a ressurreição esotérica transcendental...

A plena manifestação da Mônada dentro do Mestre Ressurrecto confere-lhe extraordinários poderes mágicos...

Capítulo 30 O Patriarca Enoch

O “símbolo do tempo”, ao qual o anel de bronze faz também enfática referência, conduz ciclicamente o *arhat* gnóstico até aquela antiga época patriarcal, denominada também de Idade de Bronze ou *Dvapara Yuga*, que precedeu a esta nossa atual Idade de Ferro ou *Kali Yuga*.

Os melhores tratadistas do ocultismo afirmaram sempre que entre estas duas Idades aconteceu a segunda catástrofe *transapalniana*, que modificou totalmente a fisionomia geológica do planeta Terra.

O sétimo, entre os dez sublimes Patriarcas antediluvianos, é, fora de qualquer suposição, totalmente diferente dos seis que no curso dos séculos o precederam (Adão, Set, Enos, Cainã, Maladel, Jared), assim como os três que o sucederam (Matusalém, Lamec, Noé).

Entretanto, é claro que o que mais assombra em tudo isto é o sagrado nome de *Enoch* que, traduzido, significa: Iniciado, Dedicado, Consagrado, Mestre.

O Gênese hebraico [5:24] assevera, de forma muito solene, que Enoch na realidade não morreu fisicamente senão que “andou Enoch com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.”

Antiquíssimas tradições esotéricas, que se perdem na noite dos séculos, dizem claramente que, estando Enoch sobre o majestoso cume do Monte Mória, teve um *Samadhi* clarividente em que sua Consciência objetiva iluminada foi arrebatada e levada aos nove céus citados por Dante em sua Divina Comédia, e no último dos quais – no de Netuno – o Patriarca encontrou a Palavra Perdida (seu próprio Verbo, sua Mônada particular, individual).

Posteriormente quis este grande Hierofante expressar esta visão numa lembrança permanente e imperecedoura... Assim dispôs, categoricamente e com grande sabedoria, que se fizesse, debaixo desse mesmo lugar bendito, um templo secreto e subterrâneo, composto de nove abóbadas sucessivamente dispostas uma debaixo da outra nas vivas entranhas do monte...

Seu filho Matusalém foi o arquiteto encarregado de construir tão extraordinário *sanctum*. Não se menciona o conteúdo e o propósito específico, definido, de cada uma destas abóbadas ou grutas mágicas, em comunicação umas com as outras, mediante uma escada espiralada.

No entanto, a última destas cavernas é a que detém toda a importância oculta, de maneira que as anteriores tão só constituem a Via Secreta indispensável mediante a qual se chega a esta, no mais profundo da montanha. Esta última é o local ou *sanctum* mais íntimo, onde o Patriarca Enoch depositou seu mais valioso tesouro esotérico.

O Velocino de Ouro dos antigos, o tesouro inefável e imperecedouro que buscamos, nunca se encontraria pois na superfície senão que temos que escavar, cavar e buscar nas entranhas da terra, até encontrá-lo.

Descendo valorosamente às estranhas ou infernos do Monte da Revelação, o Iniciado encontra o místico tesouro – sua Mônada Divina – que para ele se conserva através dos incontáveis séculos que nos precederam no curso da história.

No capítulo II do Apocalipse de São João podemos ler ainda o seguinte: “Ao que vencer darei de comer do maná oculto e lhe darei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual não conhece senão aquele que o recebe.”

Capítulo 31
O Céu Lunar

A grande obra individual é realizada no domínio zodiacal das potências titânicas. Os Doze Trabalhos de Hércules - protótipo do Homem autêntico - indicam, assinalam a Via Secreta que nos há de conduzir até os graus de Mestre Perfeito e Grande Eleito. Primeiro de tudo vem a captura e morte do leão de Neméia, que simboliza a força dos instintos e paixões incontroladas que a tudo devasta e devora.

Em estado de êxtase fui levado, consciente e positivamente, ao Mundo Lunar (ou Mundo Astral). Então me aconselharam com infinita sabedoria... Minha alma se comoveu em suas profundidades mais íntimas ao encontrar ali o Ancião do Templo dos Duas Vezes Nascidos. Nosso querido reitor, o Velho Sagrado, certamente parecia ter todas as características do limão, mas é evidente que irradiava infinito amor.

Compreendi que para ter direito de subir ao Céu Lunar (Astral Superior), primeiro deveria baixar aos infernos selenitas (astral inferior) e valorosamente enfrentar as Três Fúrias.

Nos instantes em que escrevo estas linhas me vem à memória aquela passagem iniciática em que Ginés de Lara [o último dos Templários], conduzido por seu Mestre, contempla, assombrado, as águas prateadas do lago...

- Olha agora aqui, exclama o *Mahatma!* E Ginés olhou, eriçando-se-lhe o cabelo, e viu duas coisas que nenhum mortal vira; porém, nem por isso menos assombrosas nem menos reais.

Primeiro viu, como em gigantesco telescópio, os habitantes do lado de cá da Lua. Seres infelizes, desgraçados sob toda ponderação e acerca de cuja natureza e origem se guarda grande mistério entre os que sabem tudo. Depois viu algo mais assombroso ainda: O segredo do outro lado do satélite, ou seja, o do hemisfério sempre voltado para o outro lado, do qual jamais se vê a pobre terra, lugar onde algum místico quis situar o Paraíso de Enoch e de Elias - os dois *jinás* do povo hebreu.

Depois desta pequena digressão, continuemos com o tema do presente capítulo... Quando quis subir pela simbólica escada de Jacó, o Sagrado Ancião do Templo arrancou da Árvore do Conhecimento ou Árvore da Ciência do Bem e do Mal, um ramo delicioso e me fez cheirá-lo. Aquela fragrância era certamente nirvânica. - Cheirai sempre este ramo para que possais subir - tais foram as palavras do Adepto.

Inquestionavelmente devemos praticar o *Sahaja Maithuna*, aspirar a fragrância deliciosa do fruto proibido, porém não comê-lo jamais. Essa é a lei!

Nos abismos de Selene iniciei meu trabalho desintegrando Judas - o Demônio do Desejo. Apraz-me dizer com grande claridade e em boa hora – graças ao auxílio direto de minha Divina Mãe Kundalini - que o horripilante Demônio do Desejo foi reduzido à cinza. Um pouco mais tarde tive que continuar meu trabalho com o inquieto Demônio da Mente, que tanta amargura nos traz, o abominável e fatal Pilatos de todos os tempos. Aniquilação! Palavra terrível! Esse foi o final catastrófico do Pilatos que me atormentava. Por fim, prossegui meu trabalho no abismo atacando a Caifás, o Demônio da Má Vontade - a mais detestável das Três Fúrias clássicas existentes no interior de cada um de nós. Certamente a Terceira Fúria morreu depois de receber várias lançadas no corpo; nenhuma igualava sua horrível aparência; nenhuma tinha em sua cabeleira tantas serpentes; suas próprias irmãs a temiam. Levava a desditada em suas mãos todos os venenos gorgôneos do Inferno. Pude verificar, com total clareza assombrosa, todo o processo de morte das Três Fúrias.

É inquestionável que elas passaram por todas as transformações mágicas cantadas por Ovídio. Se no princípio eram gigantescas e horríveis, como o monstro Polifemo da terra maldita, que devorava, implacável, os companheiros de Ulisses, depois, momentos antes de chegar a Parca Soberana [Perséfone], tinham já o aspecto de crianças recém-nascidas.

Aquelas sombras abomináveis, aqueles três traidores que levava dentro de mim, felizmente morreram.

Ai! Ai! Ai! Que teria de mim sem o auxílio da minha Divina Mãe Kundalini? Eu a invocava desde o fundo do abismo e Ela empunhava a lança de Eros...

Capítulo 32 Ginebra

A eterna dama, a alma-espírito (*Buddhi*), exige sempre de seu cavaleiro, a alma humana (*Manas superior*), todo gênero de inauditos sacrifícios e prodígios de coragem...

Ela, a divina esposa perfeita, é Ginebra, a rainha dos jinas, aquela a quem Lancelot repartia o vinho... Delicioso vinho da espiritualidade transcendente nas taças iniciáticas de *Sukra* e de *Manti*... Taças que não são, em suma, senão o Santo Graal em seu significado de “cálice da suprema bebida”, ou “néctar iniciático dos deuses santos”...

Ditoso o cavaleiro que, depois da dura contenda, celebre seus esponsais com a rainha dos jinas!

Escrito está, com letras de ouro, no livro da vida, que dentro de *Buddhi* (alma espiritual), como num vaso de alabastro fino e transparente, arde a chama de *Prajna* (o Ser, o Íntimo).

Numa noite de indiscutíveis delícias, tive a dita de encontrar a minha bem-amada na paragem secreta da Segunda Montanha... Pela senda solitária avançava lentamente a carruagem da minha prometida...

Diz a lenda dos séculos que a marquesa de Beaupré passeava num coche de singular beleza, pois era feito de porcelana pura. Porém, a carruagem triunfal de minha Valquíria adorável se parecia antes àquele outro coche que, nos tempos do rococó, usara a mulher do duque de Clermont; esplêndida carruagem puxada por seis cavalos ferrados com ferraduras de prata e com rodas de aros do mesmo metal.

A carruagem triunfal da minha adorada se detém ante uma fortaleza de pórfiro luzente, onde a riqueza e esplendor do oriente os muros e adornos abrilhanta...

O esplêndido veículo estaciona ante as portas de bronze refulgente, que com tanta majestade espantam...

De repente, se vê ali, cercada, a carruagem, por amável coro, formado por distintos cavaleiros, príncipes e nobres, formosas damas e delicadas crianças...

Alguém dá um sinal e eu obedeço. Avanço até a carruagem do amor. Vejo através dos vidros da felicidade a minha Valquíria (*Buddhi*).

Ataviada com o vestido nupcial, o traje de bodas da alma, chegou a minha prometida em seu resplendente coche para os esponsais...

Desposar-me ante a ara santa com minha alma gêmea, o *Buddhi* teosófico... Que dita, Deus meu! Entretanto, foi-me dito que devia ainda aguardar um pouco...

A viril subministradora da força do alto me retardava, e eu sofria o indizível...

Por essa época tive que me submergir profundamente nos sacros Mistérios de Minna [o Amor], as pavorosas trevas lunares de um amor que é da morte o irmão gêmeo...

Trabalhei intensamente na superobscuridade do silêncio e do segredo augusto dos sábios... Tive que aguardar por um tempo e tempos, e a metade... Entretanto, eu suspirava por Ginebra, a rainha dos jinas (minha alma espiritual).

Certa noite, as estrelas, cintilando no espaço infinito, parecia ter um novo aspecto... Longe do mundano bulfício, encontrava-me em êxtase. A porta da minha recâmara permanecia hermeticamente fechada...

É claro que foi então que celebrei as bodas com a minha adorada (*Buddhi*). Ela entrou em mim e eu me perdi nela... Nesses instantes de bem-aventurança, brilhou intensamente o sol da meia-noite (o Logos Solar).

Senti-me transformado de forma íntegra. O famoso chakra *Sahasrara*, o lótus das mil pétalas, a coroa dos santos, resplandeceu vitorioso em minha glândula pineal e entrei nesse estado conhecido entre os hindus com o termo sânscrito de *Paramananda* (suprema felicidade espiritual).

Foi então quando senti a necessidade de me converter num autêntico e legítimo *Brahmavidvarishta*.

Os mil yoga-nadis [pétalas] do *Sahasrara* conferiram-me, de fato, poder sobre certas forças sutis da natureza...

Buddhi, minha Ginebra, minha alma espiritual, além de levar o *Shiva-Shakti-Tattwa* ao máximo de atividade vibratória, tinha posto o *Padma* [loto] coronário em certo estado de intensificadas funções místicas...

Então me vi convertido no Mensageiro [Avatar] da Nova Era Aquária, ensinando a humanidade uma doutrina tão nova e tão revolucionária... e, não obstante, tão antiga...

Quando abri a porta da minha recâmara, o Olho de Diamante (a pineal) me permitiu ver inumeráveis inimigos. É óbvio que a difusão da Gnose, em sua forma revolucionária, aumentará cada vez mais o número de meus adversários.

Não é demais dizer que, depois desse evento cósmico, tive que realizar certo tipo de rito nupcial no templo. Muita gente assistiu a este Festival de Amor...

Inquestionavelmente, na Quinta Iniciação do Fogo havia encarnado a minha humana alma (o Manas superior da Teosofia).

Mas agora, ó Deuses! Com este desponsório alquimista e cabalista, encarnava também a minha alma espiritual (o *Buddhi*).

Ostensivelmente, dentro deste último, arde sempre, de forma inalterável, a chama de *Prajna* (o Íntimo).

Capítulo 33 O Dragão das Trevas

Eu pensava que depois das bodas alquímicas com minha alma espiritual, entraria de cheio numa paradisíaca lua-de-mel. Nem remotamente suspeitava que entre as guaridas submersas do subconsciente humano se escondesse o esquerdo e tenebroso *Mara* do evangelho budhista, o famoso Dragão das Trevas, citado pelo Apocalipse de São João, e pai dos três traidores.

Gigantesco monstro abismal de sete cabeças infra-humanas, personificando sempre os sete pecados capitais: ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula. E rugiu a grande besta espantosamente, como quando ruge um leão, e estremeceram de horror as potências das trevas.

Só com a eletricidade sexual transcendente, em plena magia sexual, é possível reduzir à poeira cósmica esse horripilante engendro abismal. Felizmente soube aproveitar até o máximo o *coitus reservatus* para fazer minhas súplicas a Devi-Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Empunhava o monstro com sua sinistra mão a terrível lança. Três vezes tenta me ferir, em vão. Desesperado, arrojou contra mim a dura haste. Nesses instantes intervêm minha Divina Mãe Kundalini, que se apodera da singular relíquia e com ela fere, mortalmente, o Dragão Vermelho. *Mara*, a horripilante besta infernal, perde então sua gigantesca estatura. Empequenece pouco a pouco, até se reduzir a um ponto matemático; e para sempre desaparece do tenebroso antro. Posteriormente, esta fração da minha Consciência, antes enfrascada no abominável monstro, regressa, volta a mim.

Terríveis são os segredos do velho abismo, oceano sombrio e sem limites, onde a noite primogênita e o caos, avós da natureza, mantêm uma perpétua anarquia no meio do rumor de eternas guerras, sustentando-se com o auxílio da confusão. O calor, o frio, a umidade, a seca, quatro terríveis campeões, disputam ali a superioridade e conduzem ao combate seus embriões de átomos que, agrupando-se em torno da insígnia de suas legiões e reunidos em diferentes tribos, armados ligeira ou pesadamente, agudos, arredondados, rápidos ou lentos, formigueiam tão inumeráveis como as areias do Barca ou as da ardente praia de Cirene, arrastados para tomar parte na luta dos ventos e para servir de lastro às suas asas velozes.

O átomo, ao qual maior número de átomos adere, domina por um momento. O caos governa como árbitro, e suas decisões, vêm aumentar, cada vez mais, a desordem, mercê da qual reina. Depois dele, é ostensível que, nesses mundos infernos, o acaso dirige tudo.

Ante aquele abismo selvagem, berço e sepulcro da natureza, ante aquele antro que não é mar nem terra, nem ar nem fogo, senão que é formado de todos esses elementos que, confusamente mesclados em suas causas fecundas, devem combater do mesmo modo sempre, a menos que o Demiurgo Criador disponha de seus negros materiais para formar novos mundos. Ante aquele Tártaro bárbaro, o Dragão das Trevas exalou seu último alento.

Fácil é descer aos mundos inferiores; difícil é voltar. Ali está o duro trabalho! Ali, a difícil prova! Alguns heróis sublimes, poucos em verdade, conseguiram o regresso triunfal. Selvas impenetráveis separam o Averno do mundo da luz, e as águas do pálido rio, o Cócito, traçam pregas labirínticas naquela penumbra, cuja simples imagem nos estremece...

Capítulo 34 Conclusão dos Trabalhos Lunares

Depois de ter reduzido Mara – o pai das três clássicas Fúrias - à poeira cósmica, tive então que enfrentar as bestas secundárias do abismo...

O dia terminava lentamente. O ar delicioso da noite convidava para descansar de suas fadigas os seres vivos que povoam a face da Terra; e eu, vil gusano do lodo da terra, só queria sustentar os combates do caminho e das coisas dignas de compaixão que a minha memória escreverá sem se equivocar...

Ó musas inefáveis! Ó elevado espírito! Vinde em meu auxílio! Inspirai-me para que meu estilo não desdiga da natureza do assunto...

Interrompeu meu sono profundo um trovão muito forte... Como homem a quem se desperta violentamente, levantei-me e, dirigindo um olhar ao redor, fixei a vista para reconhecer o lugar onde me achava. Vi-me então numa casa solitária, junto a um caminho tenebroso. Sentado numa tosca cadeira junto à janela, da qual bem se podia contemplar a escarpada senda, evoquei mui sinceramente os tempos idos...

Certamente, em outras idades, eu havia estado ali, na mansão do abismo e diante do mesmo caminho... Nada disto me pareceu novo. Compreendi que estava recapitulando mistérios.

Levantando-me da cadeira, abri a velha porta daquela morada e saí caminhando devagarzinho, bem devagar, pelo solitário caminho.

De uma só olhada e atravessando com o olhar um espaço tão distante como possível ao alcance da vista espiritual, vi aquela paragem triste, devastada e sombria. O piso estava úmido e tive que me deter inesperadamente diante de um cabo elétrico caído no chão. Um cabo de cobre de alta tensão? Que horror!... E estive a ponto de pisá-lo!...

“É preferível morrer sendo livre que viver estando preso” - Assim clamou a voz do silêncio na noite do mistério... E eu que, alarmado, tentava nesses preciosos instantes retroceder, senti-me reconfortado...

Avancei resolutamente por aquelas paragens sublunares, ao longo da tortuosa senda abismal... A escarpada senda, virando inesperadamente para a esquerda, penetrou entre certas colinas muito pitorescas... Nelas vi algo assim como um Parque Nacional em dia de domingo, um matizado conjunto de humanas criaturas que pareciam desfrutar deliciosamente da pradaria...

Para o alegre entretenimento de muitos, alguns vendedores ambulantes iam e vinham por aqui e por ali, vendendo coloridos balões... Símbolo vivo da vida profana, assim o entendi. Entretanto, é ostensível que quis viver tudo aquilo com intensidade... Muito absorvo em tudo isso, contemplando as multidões de sempre, eis que de repente algo insólito e inusitado acontece. Pareceu-me como se o tempo tivesse realmente parado um momento...

Nesses instantes de terror, vejo surgir de dentro da selva um lobo sanguinário que, feroz e com olhar avesso, tenta em vão agarrar sua presa. Diante da ameaça impiedosa da morte algumas galinhas cacarejam em desespero.

Extraordinária simbologia oculta: Ave de quintal, pusilânime, covarde, tímida. Lobo sanguinário, cruel, impiedoso... Pavor!...Terror!...Espanto!... - Humanos estados sublunares da infraconsciência humana! E eu que acreditava haver morrido em mim mesmo, ignorava a existência desses agregados psíquicos dentro de meus próprios infernos atômicos...

Felizmente jamais, no duro combate, esqueci minha santa haste. Graças à minha Divina Mãe Kundalini pude exceder a muitos em força e habilidade com a lança. Já havendo caído os principais eus-demônios - vis personificações de meus horríveis defeitos infra-humanos – concluíram-se epicamente meus trabalhos lunares, dando morte, com a santa haste a muitas outras bestas infernais...

Não é demais dizer que tive que recolher riquíssimo espólio de guerra depois de tantas batalhas cruentas. Quero me referir, enfaticamente, àquelas múltiplas e preciosas gemas de minha própria existência, esses grãos de Consciência embutidos, enfrascados, nesses horripilantes engendros do inferno.

A última parte do trabalho foi de caráter completamente atômico. Não é nada fácil expulsar as malignas inteligências de seus habitáculos nucleares. Isso certamente é o que se entende por transformar as águas negras em brancas... Agora, tais átomos se converteram em veículos maravilhosos de certas inteligências luminosas. Chispas magníficas! Átomos capazes de informar sobre as atividades do inimigo secreto!

Numa noite de glória tive a maior honra com que se pode brincar a um ser humano: Fui visitado pelo Cristo Cósmico. O Adorável trazia um grande livro em sua mão direita, como que me dizendo: Vais entrar agora na Esfera de Mercúrio.

Ao ver o Mestre, não pude menos que exclamar dizendo: - Senhor, haveis chegado mais depressa do que eu pensava; ainda não estava te esperando.

O Cristo vivo respondeu docemente: - Às vezes demoro quando me toca vir no mês de março; ainda tens que seguir morrendo.

- Como? Seguir morrendo? Ainda? - Sim, respondeu o Adorável. Tens que seguir morrendo, repetiu.

O que aconteceu depois foi prodigioso. O Mestre elevou-se lentamente para o sol da meia-noite, desprendendo-se depois um pouco do astro-rei, para me bendizer e perdoar meus antigos erros.

Foi assim que consegui o reingresso ao primeiro céu, à morada dos anjos inefáveis... Inquestionavelmente eu era um anjo caído. Mas é ostensível que havia sido perdoado. Na catedral da alma há mais alegria por um pecador que se arrepende que por mil justos que não necessitam de arrependimento.

Capítulo 35
O Céu de Mercúrio

Vem agora, transcendental e transcendente, o Segundo Trabalho de Hércules: A morte da Hidra de Lerna, simbólico monstro de origem imortal, dotado de nove ameaçadoras cabeças que se regeneram cada vez que são destruídas, ameaçando rebanhos e colheitas.

Dura briga na qual o Herói Solar [Hércules] se faz acompanhar por Yolao, seu condutor e inspirador, cujo notável papel é muito similar ao de *Sri Krishna* em sua relação com Arjuna. (Ver **Bhagavad Gita** – O Canto do Senhor).

Ainda que este magnífico trabalho possa ser interpretado como sendo um feito positivo num delta pantanoso, como o do Nilo sagrado, essa Hidra Polifacética é, também, a imagem alegórica que personifica, de modo claro, nossa mente com todos os seus defeitos psicológicos.

Como constelação, a simbólica Hidra tem sua parte dianteira entre Leão e Câncer, estendendo-se ao sul até os pés resplandecentes de Virgem.

Com brasas vivas, Yolao queima as cabeças renascentes no lugar das que Hércules esmaga com sua clava, depois do quê, havendo este cortado a cabeça imortal – extraordinário símbolo do amor autêntico - esconde-a sob uma rocha que obviamente há de servir como Pedra Filosofal de sua regenerada vida deliciosamente espiritual.

Escrito está com caracteres de fogo no livro da vida: “Quem quer subir primeiro deve descer; a cada exaltação precede sempre uma terrível humilhação.”

Inquestionavelmente, eu de verdade anelava com todas as forças da minha alma, subir, ascender ao Céu de Mercúrio, o *Devakhan* dos hindus, o mundo mental superior, a morada dos Arcanjos. Entretanto, antes me foi indispensável baixar, descer aos infernos da mente, para ali destruir a Hidra de Lerna.

Aqueles defeitos psicológicos de polifacética estrutura, que nos infernos lunares havia reduzido à poeira cósmica, continuavam existindo em forma das abomináveis cabeças da hidra fatal, nas diversas pregas da mente.

Horripilantes criaturas animais, asquerosos engendros abismais que personificavam claramente cada um de meus próprios defeitos psicológicos.

Alguém pode se dar ao luxo de compreender qualquer erro psicológico sem que, por isso, tenha captado seu profundo significado. Inquestionavelmente necessitamos, com urgência máxima, inadiável, não só compreender como também apreender o profundo significado daquilo que queremos eliminar.

Eliminar as cabeças (defeitos psicológicos) da Hidra de Lerna só é possível mediante a eletricidade sexual transcendente, durante o *Sahaja Maithuna* na Forja dos Ciclopes. Já que cópula metafísica na Nona Esfera é uma forma de oração, eu suplicava, nesses instantes, a Devi Kundalini.

Goethe, o grande iniciado alemão, adorando sua Divina Mãe Kundalini, cheio de êxtase, exclamava:
Virgem pura no mais belo sentido!
Mãe digna de veneração!
Rainha eleita por nós
E de condição igual aos deuses.

Anelando morrer em si mesmo aqui e agora, durante o coito químico aquele grande bardo dizia:
Flechas transpassai-me!
Lanças submetei-me!
Clavas feri-me!
Desvaneça-se tudo!
Brilhe a estrela perene,
Foco do eterno amor.

AS TRÊS MONTANHAS

Inquestionavelmente, eu sempre procedi de forma muito parecida; e a Hidra de Lerna, pouco a pouco, lentamente, foi perdendo cada uma de suas abomináveis cabeças.

Em certa ocasião, achando-me no Tibet oriental, dentro de um monastério, tive a oportunidade de dizer à minha Divina Mãe Kundalini o seguinte:

- Tu e eu dialogamos e parecemos duas pessoas diferentes, mas no entanto somos o mesmo Ser.

Não é demais asseverar que a resposta foi extraordinária:

- Sim, meu filho! Tu e eu somos o mesmo Ser, porém, derivado.

Em nome da verdade confesso francamente e sem rodeios que sem o auxílio imediato da minha Divina Mãe adorável, jamais teria conseguido eliminar radicalmente a Hidra de Lerna (meus defeitos psicológicos no subconsciente intelectual).

“Antes que a chama de ouro possa arder com luz serena, a lâmpada deve estar bem cuidada e em lugar livre de ventos. Os pensamentos terrenos devem cair mortos às portas do templo”.

“A mente, que é escrava dos sentidos, faz a alma tão inválida quanto o bote que o vento extravia sobre as águas.”

Quando resplandeceu, vitorioso, o Sol da Meia-Noite no firmamento espiritual, voltei ao estado arcangélico que outrora havia perdido, e ditoso entrei no Céu de Mercúrio.

Capítulo 36 O Céu de Vênus

Vem agora o Terceiro Trabalho de Hércules. Refiro-me enfaticamente à captura de dois animais. Um, suave e veloz; outro, ameaçador e turbulento, quais sejam: a corça de Cerínia e o javali de Erimanto.

Podemos e até devemos identificar esses famosos animais com as duas resplandecentes constelações austrais mais próximas das estrelas de Gêmeos, que se acham perto dos dois Centauros, com os quais Hércules sustentou sangrenta lide.

Na corça de pés de bronze e chifres de ouro, sagrado animal de Ártemis [equivalente grego da romana Diana] e disputada por Apolo, o Deus do Fogo, podemos ver uma clara alusão à Alma Humana (o esposo de Valquíria), o *Manas* Superior da Teosofia. E no terrível javali, perverso como nenhum, está o símbolo vivo de todas as baixas paixões animais.

Não é demais asseverar, nestes instantes, que eu anelava, muito sinceramente e com todas as forças da minha alma, entrar no Céu de Vênus - o Mundo Causal, a morada dos Principados. Entretanto, é claro que necessitava primeiro fazer méritos; reduzir à poeira cósmica o espantoso javali.

Descer é necessário antes de subir; a toda exaltação precede sempre uma humilhação. Descer aos infernos venustos foi indispensável, urgente, inadiável para depois subir...

Informação prévia necessitava, e esta, em si mesma, resultava certamente premente, peremptória... Indicações precisas, extraordinárias, vieram a mim durante a meditação. É ostensível que o Iniciado sempre é assistido...

Sobre um grande tablado, parecido com o tabuleiro de xadrez, ao invés das conhecidas peças desse jogo, vi muitas animaiscasas figuras de asqueroso aspecto...

Inquestionavelmente, com a ajuda da minha Divina Mãe Kundalini, eu havia eliminado defeitos de tipo psicológico, seja no mundo astral, seja no mundo mental. Entretanto, os germes causais destes continuavam existindo dentro de mim mesmo, aqui e agora.

No terreno da mais pura psicologia experimental podemos assentar o seguinte enunciado: "A eliminação radical de qualquer defeito psicológico fracassa absolutamente quando não se dissolve sua causa secreta".

Extirpar da minha mente tais causas intrínsecas foi certamente minha tarefa nos infernos venustos. É ostensível que então tive que passar, vitorioso, por espantosas tentações carnis, como aquelas que sofrera o Patriarca Gnóstico Santo Agostinho, ao pé da cruz.

O gnóstico mistério está presente
no quieto voar da pomba,
e o pecado do mundo na serpente
que morde o pé do anjo que a doma.

Sobre a eterna noite do passado
se abre a eterna noite do amanhã.
Cada hora, uma larva do pecado!
E o símbolo, a serpe e a maçã.

Imensa é a quantidade de delitos cujos germes causais devia eliminar; e ainda que tivesse cem bocas, cem línguas e voz de aço, não poderia enumerá-los todos...

No Tártaro, onde se castiga os malvados, encontrei também dois velhos amigos da juventude. Um ainda vive; o outro já está morto... Não é demais recordar agora esses Titãs dos antigos tempos que quiseram escalar o céu; sofrem agora nos abismos, encadeados pela ira de Júpiter. Ali também moram os insolentes lápitas [povo da antiga Tessália] e o atrevido Íxion [um dos centauros], que atentou contra Juno [esposa de Júpiter] e Pirítoos [rei dos lápitas], que quis raptar Prosérpina [a Rainha dos Infernos].

AS TRÊS MONTANHAS

No mundo soterrado vive também o orgulhoso Salmoneu, rei de Élide [e filho de Éolo], que reclamou para si honras divinas sendo ele um simples mortal, um vil gusano do lodo da terra.

Momentos antes de abandonar definitivamente a morada de Plutão, vi algo espantoso, terrível, como se um desconhecido monstro gigantesco quisesse devorar a humanidade inteira. Ai! Ai! Ai!

Posteriormente, senti-me transformado nesses infernos atômicos. O Cristo Cósmico entrou em mim e eu me perdi nele... Então, uma multidão de mães me trouxeram seus filhos e eu, cheio de êxtase, exclamei: “Deixai vir a mim as criancinhas porque delas é o reino dos céus”.

Quão feliz me senti com o Corpo Causal transformado! Depois de abençoar a todos os inocentes infantes, abandonei o reino mineral submerso e penetrei, vitorioso, no Céu de Vênus (o Mundo Causal).

Foi assim que reconquistei o estado de Principado que outrora havia perdido, quando, no planalto central da Ásia, cometera o mesmo erro do conde Zanon: cair rendido aos pés paradisíacos de uma deliciosa beldade feminina; beber do licor de mandrágoras; comer das maçãs de ouro do jardim das Hespérides - esse foi certamente meu erro. Contudo, trabalhando posteriormente com a eletricidade sexual transcendente, tive que retornar ao caminho que outrora havia abandonado...

Esse mundo causal maravilhoso ou mundo da vontade consciente, tantas vezes citado pelo senhor Leadbeater, Annie Besant, Arthur Powell, Rudolf Steiner, H.P.B., etc., ostensivelmente é terror de amor e lei. Indubitavelmente, o Céu de Vênus não é do tempo e está mais além da mente.

Resulta patente que a substância *akáshica*, como elemento natural e vibração, ou *Tattwa*, constitui em si mesmo o fundo vivo e filosófico do mundo de causalidade cósmica. O azul elétrico profundo resplandece maravilhoso nessa região, cintila por todas as partes, saturando-nos com uma deliciosa voluptuosidade espiritual indescritível. O mundo das causas naturais é como um oceano sem limites nem margens; a incessante ondulação da ação e consequência ali flui e reflui, de instante a instante.

É evidente que não existe causa sem efeito nem efeito sem causa. A toda ação segue uma reação. De qualquer ato sempre se desprende uma consequência, ou melhor diríamos, série de consequências. Naquela época da minha atual existência recebi muita informação objetiva demonstrada e demonstrável. Exemplo: Ante o orador de certo auditório, me apresentei em plena assembléia. Não sabia guardar compostura; metia o nariz onde não devia; refutava conceitos, etc. Resultado: O dissertador, um homem do mundo causal, retirase, indignado. Posteriormente, o conferencista este comenta com outros a minha atitude e isto se converte, de fato, em toda uma série encadeada de consequências.

No mundo causal vi também, com assombro místico, o futuro do planeta Terra e das humanas criaturas que neste mundo físico moram. Vestido com o corpo causal, me vi de repente metido dentro de um grande pátio ferroviário... Certamente, o Movimento Gnóstico é um trem em marcha. Uns passageiros sobem numa estação e descem em outra; raros são aqueles que chegam até a estação final.

Posteriormente, tive que submergir no infinito espaço estrelado; necessitava investigar algo no anfiteatro da ciência cósmica. Surpreendido, admirado – posto que ainda não perdi a capacidade de assombro – pude perceber com o olho de Dagma, ou olho de Shiva, algo insólito e inusitado. Ante minha vista espiritual apareceu a Terra sitiada mortalmente por doze gigantes desconhecidos, negros, sinistros, ameaçadores (as doze constelações zodiacais agenciando a cristalização definitiva do karma mundial).

Seres de outros mundos não ignoram a grande catástrofe que sobrevirá e se aproximarão com suas naves para registrar ou fotografar o cataclismo. Eis aí o Apocalipse de São João em plena marcha. Colisão de mundos! Ai! Ai! Ai!...

É oportuno citar nesta parte alguns versículos extraordinários do Alcorão:

Entre os sinais que devem preceder a chegada da hora final, acha-se o de que a Lua se partirá em duas. Porém, apesar disso, os incrédulos não darão crédito a seus olhos. (É óbvio que de modo algum pode tratar-se de uma divisão geológica ou física de nosso vizinho satélite; interprete-se isto de forma política e militar. As grandes potências disputarão a Lua).

Quando se toque a trombeta pela primeira vez... Quando a terra e as montanhas sejam levadas pelos ares e aplastadas de um só golpe... Quando o céu desgarre e caia em pedaços... esse dia será o dia inevitável. (Colisão! É o termo preciso. O planeta Terra chocar-se-á com outro mundo que se vem aproximando perigosamente) [não será um choque físico, mas magnético, energético].

O golpe que é! Será o dia do juízo final. Aqueles que tenham obras que pesem na balança terão uma vida agradável. Aqueles que, ligeiras, terão por morada a fossa ardente (os mundos infernais).

Quando a terra trema com esse tremor que lhe está reservado, quando haja vomitado os mortos que repousam em suas estranhas, o homem preparar-se-á para ser julgado.

O sol será desgarrado, as estrelas cairão, as montanhas serão postas em movimento e terminarão esfaqueando-se contra o solo. O céu estalará em mil pedaços e os mares e os rios confundirão suas águas. As tumbas se entreabrirão e ressuscitarão os mortos. Os que praticaram o bem terão a felicidade sem limites; porém os réprobos serão também castigados sem medida.”

Inquestionavelmente, antes da inevitável colisão, a excessiva aproximação daquela mole planetária originará espantosas tempestades eletromagnéticas. É ostensível que a presença daquele mundo sideral exerça atração sobre o fogo líquido do interior do nosso globo terráqueo. Então o ígneo elemento buscará saída, dando origem a inúmeros vulcões. Por aqueles dias, a terra estremecerá com pavorosos terremotos e horripilantes maremotos. Povos e cidades cairão fatalmente como míseros castelos de naipes, feitos ruínas. Ondas monstruosas jamais vistas açoitarão com fúria as arenosas praias, e um som muito estranho surgirá do fundo dos mares.

Indubitavelmente, a radiação extraordinária daquele planeta matará milhões de criaturas e tudo se consumirá em apocalíptico holocausto. Pedro ou *Patar*, o grande Hierofante, disse: “Mas o dia do Senhor virá como ladrão na noite, no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos, ardendo, serão desfeitos, e a Terra e as obras que nela estão serão queimadas.”

No mundo causal eu contemplava com assombro místico a grande catástrofe que se avizinha; e como essa é a região da música infável, a visão foi ilustrada na corrente do som. Certa deliciosa sinfonia trágica ressoava nos fundos profundos do Céu de Vênus. Aquela partitura assombrosa em geral pela grandeza e majestade, e pela inspiração, doce e severa, grandiosa e terrífica, dramática e lúgubre ao mesmo tempo.

Os trechos melódicos fragmentários (leitmotives) que foram ouvidos no mundo causal, nas diferentes situações proféticas, são de grande potência expressiva e de íntima relação com o grande acontecimento e com os acontecimentos históricos que inevitavelmente os precederão no tempo.

Existem, na partitura dessa grande ópera cósmica, fragmentos sinfônicos relacionados à terceira guerra mundial; sonoridades deliciosas e funestas; acontecimentos horripilantes; bombas atômicas; radioatividade espantosa em toda Terra; fomes; destruição total das grandes metrópoles; enfermidades desconhecidas; contendas incessantes por todas as partes, etc. Entremeados com uma arte sem precedentes, foram ouvidos temas relacionados com a destruição de Nova Iorque, Paris, Londres, Moscou, etc.

Capítulo 37

O Céu do Sol

O quarto Trabalho de Hércules, o Herói Solar, é a limpeza maravilhosa dos estábulos de Áugias, rei da Élide, cuja filha, conhecedora das virtudes das plantas, compunha com elas mágicas beberagens.

Nesses estábulos (viva representação simbólica de nossos próprios fundos subconscientes submersos) viviam os rebanhos do rei Áugias (esses múltiplos agregados psíquicos bestiais que constituem o ego), dentre os quais doze cândidos touros, alegorizando o Karma Zodiacal. Claro que ali então estava acumulada a sujeira de várias gerações.

Hércules devia limpar esses estábulos em um único dia. Dizem as velhas tradições que ele conseguiu tal proeza abrindo uma fenda na parede, para desviar o curso de um rio, e com suas águas inundar referidos estábulos. Portanto, este surpreendente trabalho pode ser identificado com Aquário, casa zodiacal de Urano, *Ur-Anas*, o Fogo e a Água primordiais, claro símbolo das correntes sexuais no organismo humano.

Urano, como primeiro rei divino da primitiva Atlântida, é o regente de nossas glândulas sexuais. Urano, o *Asura-Maya*, é realmente o primeiro revelador dos mistérios da vida e da morte. Certamente *Ur-Anas*, são o fogo e a água primevos, que determinam intrinsecamente o primeiro culto luni-solar da andrógina **IO** (iiiiii-ooooo). **IO-Pitar** é o Sol. **Menes** ou **Mani** é a Lua. **Om Mani Padme Hum**, como mantra de imenso poder esotérico, tem que surgir dos deuses Sol e Lua, do seio do sagrado lótus, surgido milagrosamente das águas espermáticas do primeiro instante.

Diz a lenda dos séculos que Urano teve quarenta e cinco filhos de diversas mulheres e que além do mais teve de Titéia outros dezoito filhos. Estes últimos receberam o coletivo nome de *Titãs* por causa de sua mãe.

Adicionando entre si por separado cada uma destas quantidades cabalísticas, teremos os seguintes resultados:

45: 4 mais 5 igual a 9: O Ermitão do Tarô, a nona esfera, o sexo.

18: 1 mais 8 igual a 9: O arcano 18 é o crepúsculo do Tarô; inclui o arcano 9 duas vezes. Significa os inimigos secretos, ocultos; a luta subterrânea nos domínios da nona esfera, o tenebroso. Sem dúvida, Urano é o rei absoluto das funções sexuais, o amo da Nova Era de Aquário.

Como Titéia sobrepujava a todas as mulheres em beleza e virtudes, foi também posta no número dos deuses. Foi-nos dito que seus fiéis devotos, agradecidos por todos os bens recebidos, chamaram-na de Terra. Em nome da verdade tenho que confessar francamente e sem rodeios que o quarto trabalho para mim foi tremendamente fácil. Entretanto, tive que passar previamente por uma delicada prova.

Num antigo parque da cidade me vi conversando com uma nobre dama; alguém que, sem dúvida alguma, foi uma grande amiga. Bem juntinhos nos sentamos num banco, sentindo ambos um grande amor. Por um instante parecíamos dois namorados. Porém, de repente me lembrei de minha Divina Mãe Kundalini! Então desviei essa corrente de amor para dentro e para cima, para minha Mãe adorável. Nesses momentos então exclamei com todas as forças da minha alma: Este Amor é para minha Mãe!

Foi assim que Hércules desviou o curso do rio para que suas águas inundassem os estábulos de Áugias. (Quem tiver entendimento que entenda porque aqui há sabedoria).

Inquestionavelmente me encontrava no interior das entranhas minerais do Sol, nos infernos solares. Quão limpos me pareceram os mundos submersos do astro rei! Infernos sem almas penando e sem demônios! Que maravilha!

É claro que entre as vivas entranhas do resplandecente Sol não poderiam viver os demônios; jamais resistiriam às potentes vibrações desse astro.

Quando me achava encerrado dentro de um dos simbólicos estábulos de Áugias, encontrei-o completamente limpo e sem animais de nenhuma espécie. Então compreendi... Quis sair, porém a porta estava hermeticamente fechada.

- Abre-te Sésamo! - gritei com todas as minhas forças. Nesses instantes as portas se abriram como por encanto e então penetrei num segundo estábulo. Encontrei-o tão limpo quanto o primeiro.

- Abre-te Sésamo! - gritei outra vez. E quando se abriram suas portas penetrei num terceiro estábulo. É evidente que este também estava limpo e arrumado.

- Abre-te Sésamo! - gritei pela quarta vez. E quando se abriu a quarta porta transpassei o umbral de uma brilhante mansão solar. O que eu vi no fundo do santuário foi algo insólito e inusitado. Oh! Deuses! Ali, sentados em seus tronos, aguardavam-me Osíris, Ísis e Hórus. Avancei até eles e, prosternando-me, os adorei. Nesses instantes senti em mim suas bênçãos.

Três aspectos de meu Ser, porém derivado. Assim o compreendi e isto merece uma explicação. Um de nossos rituais gnósticos esotéricos diz textualmente o seguinte:

“Osíris (o arquí-hierofante e o arquimago, nossa Mônada particular, individual), poderoso imperador, responde ao filho suplicante! Ísis (o desdobramento de Osíris, a dúada mística, Devi Kundalini), Mãe digníssima, responde ao filho suplicante! Hórus (o Cristo Íntimo), responde ao peregrino suplicante!”

Eles me receberam e entrei vitorioso no céu do sol, na morada das Potestades, no mundo búddhico ou intuicional. Então reconquistei meu lugar entre essas divinas criaturas, glorioso estado consciente que outrora havia perdido.

Capítulo 38 O Céu de Marte

O Quinto Trabalho de Hércules foi a caça e a morte das aves antropófagas e tenebrosas que habitavam o Lago de Estínfalo as quais matavam os homens com suas penas de bronze, que eram lançadas como flechas mortíferas contra suas indefesas vítimas. É evidente que esta façanha está intimamente relacionada com a constelação de Peixes, casa de Netuno, senhor da magia prática.

Essas aves antropófagas são as mesmas cruéis Harpias citadas por Virgílio, o poeta de Mântua. Para o bem da Grande Causa, pela qual todos nós os irmãos do Movimento Gnóstico estamos lutando, vou transcrever agora alguns parágrafos da **Eneida**:

“Aproximamo-nos das ilhas Estrófades, localizadas no mar Jônio e nas quais viviam as imundas harpias (bruxas horripilantes, jinas negros), monstros com cabeça e pescoço de mulher, que um dia haviam sido formosas donzelas, porém agora estão transformadas em Fúrias e seu contato corrompe tudo que tocam. A execrável Celeno as lidera. Dotadas de longas garras, em seus rostos sempre está a palidez da fome.

Sem pensar nelas, aportamos naquela terra e, apenas desembarcados, encontramos um rebanho de belas e reluzentes vacas que estavam pastando sem que ninguém as cuidasse.

Famintos como estávamos, não tardamos em sacrificá-las para saciar nosso apetite com sua carne fresca. Porém, quando estávamos no melhor do banquete, baixaram dos montes as harpias (bruxas), grasnando como corvos e batendo as asas, e aproximaram de nossa comida suas bocas imundas.

A carne ficou arruinada e o mau cheiro infestava o ar. Então acreditamos que nos seria impossível fugir delas e mudamos de lugar, refugiando-nos perto de umas cavernas afastadas da praia. Porém, pela segunda vez, quando nos dispúnhamos a comer, depois de sacrificar novas reses, voltaram aqueles monstros (aquelas aves antropófagas) e nos estragaram de novo o alimento.

Cheios de coragem, meus homens se dispuseram ao ataque e armaram arcos e dardos para exterminar tão horríveis seres. Porém, sua pele não se deixava atravessar devido ao bronze das penas, e seus flancos eram invulneráveis. Então, a horrenda Celeno disse gritando enquanto revolteava sobre nossas cabeças:

- Por que nos fazeis guerra, insensatos? Os deuses nos fizeram imortais. Não vos atacamos injustamente, porque vós sacrificastes muitas vacas de nosso rebanho. Por castigo vou dar-vos uma maldição: Enéias e sua estirpe andarão errantes pelo mar, antes de encontrar a terra que buscam, e passarão fome. Não poderão alçar as muralhas de sua nova cidade até que, de tão famintos, se vejam obrigados a devorar suas próprias mesas.

Estas estranhas palavras nos encheram de consternação. Invocando aos deuses para que apartassem de nós tais ameaças, abandonamos aquela triste terra e embarcamos de novo.

Até aqui este insólito relato ocultista e esoterista. Continuemos agora com as explicações. Muitas destas harpias abismais, surpreendidas em flagrante, foram capturadas com certos procedimentos.

Algumas tradições antigas dizem: “Se pomos no solo umas tesouras de aço abertas em forma de cruz e se espalhamos mostarda negra ao redor deste metálico instrumento, qualquer bruxa pode ser apanhada.”

Causa assombro que alguns ocultistas ilustres ignorem que estas bruxas podem anular a lei da gravidade universal! Ainda que pareça inusitada a notícia asseveramos solenemente que é possível colocar o corpo de carne e osso dentro da quarta dimensão.

De modo algum é estranho que estas bruxas com seus zangões, com seu corpo físico posto dentro da quarta vertical (o hiperespaço), possam levitar e viajar em poucos segundos a qualquer lugar do mundo.

É claro que elas têm fórmulas secretas para escapar fisicamente deste mundo tridimensional de Euclides. Em termos estritamente ocultistas, bem podemos qualificar estas harpias esquerdas e tenebrosas com o título de *jinas negros*, para diferenciá-las radicalmente dos *jinas brancos*.

O corpo humano colocado dentro da quarta dimensão, a despeito de tudo o que diga a ciência oficial, pode assumir qualquer figura e trocar de forma. Recordai, amados leitores, a execrável Celeno e suas imundas harpias, horrendos pássaros das ilhas Estrófades, no mar Jônio.

Uma tarde qualquer, não importa a data, nem o dia, nem a hora, sentado ao pé das grades, dentro de um vetusto calabouço, estudava uma obra esotérica. O sol se ocultava entre os vermelhos incêndios do ocaso e a luz vespertina se desvanecia lentamente...

De repente, algo insólito sucede. Escuto, junto a mim, uma gargalhada estrondosa, sarcástica, burlesca, marcadamente feminina... Tratava-se de uma dessas aves antropófagas que habitavam as lagunas de Estíffalo, uma feiticeira, uma bruxa de mau agouro, uma mulher de esquerdos conciliábulo. A perversa foge e se esconde nas pavorosas trevas dos mundos infernos...

Assim se inicia meu intrépido descenso às estranhas vivas do reino mineral submerso marciano. Antes de subir é indispensável descer. Essa é a lei. A cada exaltação antecede uma espantosa e terrível humilhação.

Aniquilar dentro de mim mesmo esses elementos inumanos, bruxescos, essas aves de mau agouro, certamente foi minha tarefa no tenebroso Tártaro.

Ainda que pareça incrível, pelo inusitado da notícia, é urgente saber que todos os seres humanos, sem exceção alguma, levam em seus fundos inconscientes variados elementos feiticeiros. Isso significa que no mundo existem muitas pessoas que sem sabê-lo praticam inconscientemente a magia negra.

Inquestionavelmente, até os próprios santos de todas as religiões sofrem o indizível quando se autodescobrem. Então podem verificar, por eles mesmos, o cru realismo desses elementos inumanos que são obrigados a eliminar de sua mente.

Qualquer Adepto ou místico ou santo enquanto não tenha morrido radicalmente em todos e em cada um dos quarenta e nove departamentos do subconsciente é mais ou menos negro.

Eis aqui um dos grandes motivos pelos quais não nos é dado condenar ninguém. “Quem se sinta limpo de pecado que arroje a primeira pedra”.

Naquela época da minha vida fui atacado incessantemente e de forma impiedosa pelas sinistras aves que habitam as lagunas de Estíffalo. Nos mandingueiros salões de tenebrosos conciliábulo, dentro dos infernos marcianos, assombrado, descobri muitos irmãos da pedregosa senda... Tratava-se de agregados bruxescos, evidentemente ignorados por suas humanas personalidades.

Concluídos meus trabalhos nos abismos minerais de Marte, ascendi vitorioso ao quinto Céu, o Mundo de Atman, a morada radiante das Virtudes. Assim foi como voltei ao céu de Marte. Então reconquistei meu lugar entre esses sublimes seres, posição divinal que outrora havia perdido. O objetivo de meus trabalhos nos infernos marcianos havia sido alcançado.

Eliminados de minha mente os elementos inumanos, minha consciência ficou livre. Os grilhões intelectuais tinham sido aniquilados. E minha Consciência, liberada, fora já do horripilante calabouço da mente, onde por tanto tempo morava prisioneira, havia conseguido fusionar-se, mesclar-se com *Atman*, o Inefável, meu Real Ser.

Ah! Se as pessoas compreendessem o que é o calabouço do intelecto! Se entendessem que vivem prisioneiras no cárcere da mente!

Em completa bem-aventurança, como homem-espírito no céu marciano, longe do corpo, dos afetos e da mente, andava conscientemente qual uma ave de luz resplandecente, antítese radical dessas outras aves sinistras das lagunas do Estínfalo. Em tais momentos de deliciosa bem-aventurança, tive que passar junto a muitas obras simbólicas, estruturadas em ferro puro. É a região de *Atman*, o Inefável, o mundo do mais cru realismo, a dimensão das matemáticas.

No mundo tridimensional de Euclides, jamais percebemos um sólido de forma íntegra, unitotal. Aqui só vemos, de forma subjetiva, ângulos, superfícies, etc. Entretanto, na brilhante região de *Atman*, não só percebemos sólidos de forma íntegra como ainda hipersólidos, incluindo a quantidade exata de átomos que em seu conjunto constituem a totalidade de qualquer corpo.

Inquestionavelmente, no Céu de Marte gozamos realmente de percepção objetiva mais completa. Quão feliz me sentia nessa região das ditas infinitas! Entretanto, nem tudo na vida são festas; também existem sofrimentos, tu o sabes. A sede do Juízo Celestial, onde se administra a justiça objetiva, sempre intervém. Um dia qualquer, feliz no mundo de *Atman*, veio a mim um juiz da Lei da Katância (o Karma Superior). Ele se sentou ante uma mesa e eu, com muito respeito e veneração, tive então que responder por encargos:

- O senhor criticou a muitos em seus livros – disse o Jerarca.
- Sou combativo por natureza – respondi de forma enfática.
- Condenado a sete dias de prisão (tal foi a sentença).

Hei de confessar que ao escutar a sentença fiquei um pouco cínico. Pareceu-me como um caso de polícia, quando um rapaz briga com outro da mesma idade e o recolhem umas quantas horas no cárcere. Entretanto, já em pleno cumprimento da sentença, senti que este castigo era terrivelmente doloroso. Sete dias no horrível calabouço da mente depois de me haver emancipado... Sete simbólicos dias de amargura dentro do cárcere pavoroso do intelecto... Ai! Ai! Ai!

Capítulo 39
O Céu de Júpiter

Quase contígua à brilhante constelação de Peixes encontramos a de Touro que, inquestionavelmente, se acha intimamente relacionada com o trabalho esotérico transcendente da captura do touro de Creta. Este havia sido remetido a Minos pelo Deus Netuno, para ser oferecido em holocausto. Porém o rei, cobiçoso, reteve-o indevidamente para si. Por isso, o animal se tornou espantoso e ameaçador, aterrorizando todo o país.

Diz a lenda dos séculos que Hércules obteve assim facilmente a permissão para se apoderar dele, encadeá-lo e arrastá-lo pelo mar até Micenas. Portanto, sem dúvida, o trabalho relacionado com os infernos jupiterianos se acha plenamente alegorizado com a sexta façanha de Hércules.

Não é demais lembrar aqui nestas linhas o primeiro Júpiter da teogonia grega, Pai de todos dos Deuses, Senhor do Universo e irmão de Urano, *Ur-Anas*, quer dizer, do Fogo e da Água primitivos, pois é sabido, segundo o clássico, que no panteão grego figuram cerca de 300 Júpiteres.

Em seu outro aspecto de *Jove* ou *Iod-Eve*, é o *Jehováh* macho e fêmea ou os andróginos e coletivos *Elohim* dos livros mosaicos; o *Adam-Kadmon* dos cabalistas; o *Iacho*, o *Inacho*, da Anatólia, que também é *Baco* ou o *Dionísio* dos fenícios continuadores da primitiva teogonia de *Sanchoniaton* [significa o “templo vivo de Aton”].

O caráter, sempre atribuído a Júpiter - o Venerável Pai dos Deuses - como Homem Celeste, deu lugar, assim mesmo, a não poucos típicos nomes nórdicos, como *Herr-Man* e *Herr-Manas* ou Hermes, literalmente o *Homem Divino* ou o Senhor Homem; a Alcides ou *El Cid*, precursor teogônico de todos os nossos “*Cides*” pré-históricos do romantismo.

Inquestionavelmente, Júpiter no Punjab e no Rajistão é o *Hari-Kulas* ou *Hércules*, o Senhor Solar, o protótipo da raça do Sol, o *Hari-Mukh* de Cachemira, ou seja, “o sol no horizonte da vida”.

Júpiter ou *IO-Pitar* quer dizer “Pai de *IO*”; é o espírito divino de toda aquela antiga hoste de criadores que, ao se reencarnar em corpos de sexo oposto, deu lugar à fábula grega dos “amores de Júpiter com a Virgem *IO*” (*iiiiii ooooo*), a qual foi transformada em “terneira celeste” ou na “Vaca Sagrada” dos orientais, para assim escapar das iras de Juno.

Júpiter e sua Vaca *IO* nos facilita o significado de outra porção de nomes arcaicos, tais como o próprio *Gerião* ou *Ferião* – “o que leva as vacas” – ou de *Hiperião Bósforo*, literalmente “o condutor da vaca”, o mesmo que Gautama, o Buddha.

Assim, a Hoste dos Senhores ou *Elohim*, Júpiter se acha simbolizado pelo hierograma sexual de *IO*. É ostensível que têm dezenas de nomes em cada língua e uma centena ou milhar de mitos para cada nome destes em sua língua respectiva.

Toda esta legião inefável de seres divinos, todos estes *Elohim* constituem em seu conjunto o “Deus Único” e sem nome dos tartésios, o autêntico Júpiter sublime dos antigos tempos [Tartesso foi o primeiro estado organizado da península ibérica cerca de 2000 anos a. C.. Seu povo era parte dos primitivos etruscos, os quais, por sua vez, têm origem desconhecida (povos atlantes) pela história].

Desenvolvida muito cuidadosamente esta temática transcendental, poderemos deduzir solenemente o seguinte: O Céu de Júpiter é a Morada dos *Elohim*, o Nirvana. Os Devotos da Senda que, ao chegar à Quinta Iniciação de Fogo elegem o Caminho espiralado, ingressam no Nirvana. Desenvolvimento integral é diferente.

Em nome da verdade devo confessar francamente e sem rodeios que esse sempre foi meu maior anelo: O pleno desenvolvimento de todas as minhas possibilidades superlativas, nirvânicas, em toda a presença de meu Ser Cósmico. Entretanto, é inquestionável que antes de subir, primeiro devemos descer; a toda exaltação antecede sempre uma espantosa e terrível humilhação.

Encadear o simbólico Touro de Creta foi realmente a tarefa a seguir, e esta, em si mesma, pareceu-me horripilante. Naquela época da minha atual existência, muitas tentações sexuais me assediavam inclementes

do tenebroso Tártaro; auto-explorando-me psicologicamente descobri nos fundos mais profundos da minha própria mente o famoso Touro de Creta. Eu o vi sim, Negro, descomunal, gigantesco, ameaçante e provido de agudos cornos. Obviamente se expressava na minha mente com fortes impulsos sexuais, passionais, irreflexivos; foi urgente encadear a tenebrosa besta; tornou-se indispensável desintegrá-la, reduzi-la à poeira cósmica. É claro que fui assistido pela minha Divina Mãe Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Este grande evento cósmico foi celebrado com uma festa no maravilhoso templo de Júpiter. Então, muitos reis e sacerdotes da natureza, revestidos com a púrpura sagrada, deram-me as boas-vindas. Foi assim que reingressei no Céu de Júpiter, a Morada das Dominações, a felicidade nirvânica. Deste modo, eliminando elementos infra-humanos, reconquistei meu posto entre essas Hierarquias inefáveis, estado consciente que outrora havia perdido, quando, no planalto central da Ásia, há cerca de um milhão de anos, cometera o erro de comer do fruto proibido.

Capítulo 40
O Céu de Saturno

O Sétimo Trabalho de Hércules - o Herói Solar - é a subsequente captura das éguas de Diomedes, filho de Marte e rei do povo guerreiro dos bistônios [que viviam na Trácia] que matavam e comiam os náufragos que chegavam a essas costas.

Hércules e seus companheiros só conseguem capturar esses animais depois de feroz combate com os bistônios [soldados de Diomedes]. Havendo Hércules vencido os soldados e depois os serviçais do palácio do rei Diomedes, o próprio foi dado como refeição a essas éguas antropófagas.

Nos infernos saturninos tive que capturar e destruir as éguas de Diomedes - infra-humanos elementos passionários profundamente submersos em meus próprios abismos inconscientes; simbólicas bestas, [que moravam] junto às “águas espermáticas do primeiro instante”, dispostas sempre a devorar os fracassados.

Naquela época da minha atual existência fui atacado incessantemente no tenebroso Tártaro. Os adeptos da maligna magia atlante resolveram me combater com inaudita ferocidade; tive que me defender valorosamente. Núbéis damas adoráveis, belezas malignas e deliciosamente perigosas me assediaram por todas as partes. Inquestionavelmente, nos saturninos infernos experimentamos, vivenciamos, revivemos os terrores atlantes.

“Hércules - como diz Aeliano (*Várias histórias, livro V, Capítulo 3*) - limpou a terra e os mares de todo gênero de monstruosidades (e não de monstros), vencendo o necromante Briareu - o dos cem braços - num de seus célebres trabalhos ou triunfos sobre a maligna magia atlante que havia assolado toda a Terra.”

Hércules - o verdadeiro Krishna ariano do *Mahabarata* - pressentindo a catástrofe final atlante que se avizinhava, e com ela o desaparecimento do divino Jardim das Hespérides, transplantou para diversos lugares, quer dizer, em todo o Punjab, na Ásia Menor, na Síria, no Egito, Grécia, Itália, Alemanha, nas Ilhas Britânicas, Espanha, Maurítânia e ainda na América sob o nome de Quetzalcoatl (a Serpente Branca Luminosa) a simbólica Árvore Iniciática que a todos estes países salvará da catástrofe.

Entretanto, escrito está: “De toda árvore do Horto poderás comer, mas da Árvore da Ciência do Bem e do Mal não comerás porque no dia que dela comerdes morrerás.”

Embriagar-nos com o aroma delicioso da fruta proibido é indispensável. Assim ensinou Hércules.

À vista da barreira do oceano, infranqueável para o homem, Hércules, cheio de titânica rebeldia, tendeu seu arco contra o sol como se fosse feri-lo, para detê-lo em sua circular carreira além do oceano, onde sempre se punha, e para onde ele não podia segui-lo. Porém o Deus Apolo mandou que ele se mantivesse quieto e paciente (porque só com paciência infinita se pode realizar a “*Magnus Opus*”, a Grande Obra), em prêmio da qual presenteou-o com uma taça de ouro - o Santo Graal - resplandecente símbolo eterno do útero ou *Yoni* feminino.

É inquestionável que a seta de Hércules não é senão a Pedra *Magnes*, o *phallus* ou Lança de Longinus - o centurião romano; aquela com a qual este feriu o costado do Senhor; a mesma haste santa mediante cujo poder secreto Parsifal sanou a ferida no costado de Anfortas.

Com os milagrosos poderes dessas relíquias veneradas derrotei, em cruentas batalhas, o rei dos bistônios - cavaleiros do Graal Negro, Klingsor, o ego animal.

Finalizando o saturnino trabalho na morada de Plutão fui então transportado no *eidolon* à Terra Solar dos hiperbóreos. Essa é a ilha de Avalon, a mágica região jinas onde habitam os Deuses Santos; sublime ilha de Apolo, terra firme no meio do “Oceano da grande vida livre em seu movimento.”

Ah! Se o imperador Frederico, na Idade Média, tivesse realizado em si mesmo o Mistério do Graal, os Mistérios Hiperbóreos. É indubitável que então teria voltado a florescer de forma esplêndida a árvore seca do império. É ostensível que o Reino do Graal teria reaparecido do maravilhoso dentro do próprio Sacro Império Romano.

AS TRÊS MONTANHAS

A Senda da Vida é formada com as pegadas dos cascos do cavalo da morte. Não é possível realizar em si mesmo o Mistério Hiperbóreo sem antes ter sido julgado na grande Sala da Verdade-Justiça [a Sala de Maat]. Não é possível a auto-realização íntima do Ser sem ter sido declarado “morto” na Sala da Verdade-Justiça.

Diz a lenda dos séculos que no passado muitos Iniciados viajaram até o país do Irmão João – a Terra Solar - para receber certa consagração esotérica mágica muito especial. Esses irmãos da Ordem de São João da ilha do Apolo Solar, estão bem “mortos”. Não é pois estranho que eu também tivesse que viajar à terra da luz ou à terra solar.

No vestibulo glorioso do santuário saturnino, ante os régios seres, sentado, tive que responder a certas perguntas. Os Deuses Santos tomaram nota num grande livro. Nesses místicos instantes surgiram em toda a presença de meu Ser cósmico algumas lembranças. Ah! Eu havia estado ali antes e no mesmo lugar santo ante os tronos veneráveis há muitos milhões de anos, na época do continente Mu ou Lemúria. E agora regressava vitorioso, depois de ter sofrido muito. Ai! Ai! Ai!

Preenchidos os indispensáveis requisitos esotéricos, saí do vestibulo e entrei no templo. Inquestionavelmente, o templo de Saturno, na Terra Solar jina das regiões setentrionais, estava cheio de intensas trevas. É ostensível que o Sol e Saturno alternam seu trabalho no governo no mundo.

E vi tronos. E se sentaram. Os anjos da morte iam e vinham por todas as partes. Seres divinos chegaram ao templo; vieram de diversos lugares da Ilha Encantada, situada no extremo do mundo. “*Thule ultima a Sole Nomen Habens*”, *Ajryanem-Vaejo*, o país setentrional dos velhos persas, onde está localizado magicamente o palácio do Rei Arthur, como o *Midgard*, a resplandecente residência sacrossanta dos *Ases*, os senhores inefáveis do Norte.

“Oh Maat! Eis-me aqui chegando ante ti! Deixa-me pois contemplar tua radiante beleza! Olha, meu braço se levanta em adoração ao teu sacrossanto nome! Oh! Verdade-Justiça, escuta! Chego ante os lugares em que as árvores não se dão, em que solo não faz surgir as plantas.”

A figura esquelética do Deus da Morte, na tribuna do santuário pesou meu coração na Balança da Justiça Cósmica, ante a humanidade divina.

Aquele Verbo de Potência, ante os brilhantes seres vestidos com os corpos gloriosos de *Kam-ur*, me declarou “morto”... Na tarima do santuário se via um simbólico ataúde, dentro do qual aparecia meu cadáver.

Assim foi como voltei ao céu de Saturno, ao Paranirvana, à morada dos Tronos. Assim foi como reconquistei esse estado hierárquico que outrora havia perdido quando cometera o grave erro de comer das maçãs de ouro do Jardim das Hespérides.

Posteriormente passei pela cerimônia da morte. Ao retornar para casa, deparei com algo inusitado... Vi cartazes funerais nos muros da minha mansão anunciando minha morte e convidando para meu enterro. Quando atravessei o Umbral, encontrei, com místico assombro, um ataúde de cor branca e muito bonito. É ostensível que dentro daquela caixa funeral jazia meu cadáver, completamente frio e inerte. Muitos parentes e dolentes, ao redor daquele féretro, choravam e soluçavam amargamente. Flores deliciosas embalsamavam com seu aroma o ambiente daquela peça. Aproximei-me da minha mãe que, nesses instantes, enxugava com um lenço suas lágrimas. Beije suas mãos com amor infinito e exclamei: “Graças te dou, ó mãe, pelo corpo físico que me deste! Muito me serviu esse veículo. Foi, certamente, um instrumento maravilhoso; porém tudo na vida tem um princípio e um fim.”

Quando saí daquela morada planetária, ditoso, resolvi flutuar na aura do universo. Vi a mim mesmo convertido em um menino sem ego, desprovido dos elementos subjetivos das percepções. Meus pequenos sapatinhos infantis não me pareceram muito belos. Por um momento quis tirá-los, mas logo disse a mim mesmo: Bem, ele me serve assim mesmo...

Na ausência do mortificante intelecto, que a ninguém faz feliz, só existia em mim o mais puro sentimento. E quando me recordei de meu velho pai e irmão Germano, me disse: Eles já morreram.

E ao recordar todos esses dolentes que deixava no vale doloroso do Samsara, exclamei: “Família? Qual? Já não tenho família!”

Sentindo-me absolutamente desencarnado, afastei-me com a intenção de chegar a um remoto lugar onde deveria ajudar a outros. Em tais momentos de místico encanto, me disse: Por muito tempo não voltarei a tomar corpo físico.

Posteriormente senti que o cordão de prata - o famoso *Antakarana*, o fio da vida - ainda não havia se rompido. Então tive que regressar ao corpo físico para continuar com a dura lide de cada dia.

Capítulo 41 O Céu de Urano

Diz a lenda dos incontáveis séculos que Enéas – o troiano bemquisto – sentou-se com o rei Evandro e os veneráveis senadores à mesa do banquete.

“Os escravos lhe serviram toda classe de comidas e o doce vinho; quando haviam satisfeito o desejo de comer e de beber, o rei Evandro explicou a seu hóspede que aquela cerimônia em honra de Hércules, que acabavam de celebrar quando chegaram, não era nenhuma superstição senão um ritual que se devia ao Deus por se achar ali perto o lugar de uma de suas maiores façanhas (a oitava): a caverna onde deu morte ao ladrão Caco.

Via-se ali perto um enorme amontoado de terra coberto de pedras que pareciam derrubadas por algum terremoto. Debaixo delas estava a abertura que conduzia à caverna onde Caco se refugiou e onde o filho de Júpiter o encurralou, atirando-lhe pedras e troncos em castigo por haver tentado este roubar-lhe seus rebanhos.

Depois desta explicação do rei Evandro, um coro de adolescentes entoou a elegia de Hércules e de seus altos feitos. Enumera todos os seus trabalhos: Como estrangulou a Hidra de Lerna, como matou o leão de Neméia e tirou das trevas para a luz a Cérbero, o cão infernal o instinto sexual que nos deve guiar até a liberação final).

Acabadas as canções e as cerimônias, o velho rei, caminhando a passo lento, devido à idade, dirigiu-se para a cidade de Palântia, onde tinha seu trono; e caminhava sustentado por dois jovens: Palante, seu filho, e Enéas.

Enquanto os três andavam, entretinham-se em animar a conversa e o rei explicou que o nome de Lácio, onde se levantava sua cidade (*Latium*), vinha dos tempos antigos em que *Cronos*, o pai de Júpiter, se refugiou ali para fugir dos inimigos que defendiam a causa de seu filho, quando o destronaram.

Então começou a idade de ouro, à qual se seguiu a idade de ferro, onde predominava a raiva da guerra e o furor de possuir.

O país começou a ser invadido por gente de diversas procedências. Caminhando, Evandro mostrou a Enéas o bosque e os lugares onde haveria de suceder no futuro as gestas da nova Roma; o lugar onde o impetuoso Rômulo realizaria suas façanhas; o Capitólio, agora praça coberta de ouro e mármore, então uma clareira no bosque cheia de sarças e espinhos; e a rocha Tarpéia, de onde a justiça romana precipita os que são traidores da pátria.

Ruínas diversas indicavam ali os monumentos de outras idades, e umas pedras levantadas por Jano, e outras por Saturno, davam nome a dois lugares: o Saturno e o Janículo”.

Tudo isto é textual de **A Eneida** de Virgílio, o poeta de Mântua, o bom mestre do Dante florentino.

Jesus, o Grande Kabir, foi crucificado entre dois ladrões; um a sua direita e outro a sua esquerda. Ágato, o bom ladrão em nosso interior, rouba o hidrogênio sexual Si-12 dos órgãos criadores com o evidente propósito de cristalizar o Espírito Santo, o grande consolador, dentro de nós mesmos, aqui e agora. Caco, o mau ladrão, escondido dentro da tenebrosa caverna da infraconsciência humana, saqueia, aleivoso, o centro sexual do organismo para satisfação de brutais paixões animais.

A cruz é um símbolo sexual surpreendente, maravilhoso, formidável. O pau vertical é masculino; o horizontal, feminino. No cruzamento de ambos se acha a chave de todo poder. O *Lingam* Negro, embutido no *Yoni* feminino, forma a cruz. Isso o sabem muito bem os divinos e os humanos.

Podemos e devemos assentar como corolário o seguinte postulado: “Ágato e Caco crucificados no monte das Caveiras à direita e à esquerda do Grande Kabir alegorizam, enfaticamente, o tantrismo branco e o tantrismo negro, a boa e a má magia do sexo”.

A Bíblia, do Gênese ao Apocalipse, não é senão uma série de anais históricos da grande luta entre os sequazes de Ágato e de Caco; a magia branca e a negra, os adeptos da senda da direita, os profetas; os da esquerda, os levitas.

Nos abismos de Urano tive que reduzir à poeira cósmica o mau ladrão, o tenebroso Caco, aquele que antes saqueava o centro sexual da minha máquina orgânica para a vil satisfação de animalescas paixões. Quando penetrei no vestibulo do santuário, recordei que antes havia estado ali, em antigos tempos.

Com o olho de Shiva vi no futuro diversos movimentos tântricos de Aquário, entre os quais ressaltava o povo gnóstico, cujas bandeiras ondulavam vitoriosas em todos os países da Terra.

Inquestionavelmente, Urano, Aquário, é sexual, mágico, revolucionário cem por cento.

Assim foi como reingressei ao Céu de Urano, o Mahaparanirvana, a morada dos Querubins. Assim foi como reconquistei aquele brilhante estado de Consciência que outrora havia perdido, quando caí rendido aos pés da Eva maravilhosa da mitologia hebraica.

Capítulo 42 O Céu de Netuno

Inquestionavelmente torna-se muito complexo o Nono Trabalho de Hércules - o herói solar: a conquista do Cinto de Hipólita, a Rainha das Amazonas, o aspecto psíquico feminino da nossa própria na natureza interior.

Embarcando com outros heróis legendários, tive que pelejar primeiro com os filhos de Minos – os magos negros; depois, com os inimigos do rei de Licos, cujo exótico nome nos recorda a analogia entre lobo e luz; trata-se pois dos Senhores do Karma, com os quais devemos então acertar contas; finalmente, com as Amazonas – terríveis mulheres tentadoras – suscitadas por Hera, ainda que Hipólita tenha consentido em lhe ceder seu cinto pacificamente, sendo que a Rainha é inutilmente sacrificada pela brutalidade masculina que pretende se apoderar violentamente de sua inata virtude.

Esse cinto maravilhoso, análogo ao de Vênus, e emblema da feminilidade, perde todo significado e valor ao ser separado de sua legítima possuidora. O amor, e não a violência, faz, portanto, sua conquista realmente significativa e valiosa.

Tendo costeado o Deus Netuno o continente atlante, agora submerso nas procelosas águas do oceano que leva seu nome, dizem as tradições que gerou vários filhos em uma mortal mulher. Junto à ilha onde foi viver tudo era plano [Ilha de Posídon]. Porém no meio dela havia um vale muito especial, com um pequeno monte central, distante cinquenta estádios da arenosa praia. Nesse monte morava um desses grandes seres nascidos na Terra, chamado Evenor, que de sua mulher Leucipe havia gerado Clítone, sua única filha.

Mortos os pais de Clítone, Netuno casou-se com ela e cercou o outeiro em que habitava com vários fossos de água, dos quais, segundo diz a lenda dos séculos, três vinham do mar e distavam por igual do oceano, amuralhando o outeiro para fazê-lo incontestável e inacessível.

Clítone ou Minerva-Neith edificou na Grécia, Atenas e Saís, no famoso delta do Nilo. Em memória de tudo isto, os atlantes edificaram o maravilhoso templo de Netuno e Clítone. Nesse “sancta” foram depositados os cadáveres dos dez filhos de Netuno, simbólico número mágico. Não podemos deixar o estudo do número dez sem tratar da bíblica obrigação do dízimo, ao qual se sujeitou voluntariamente o próprio Abraão, com relação ao Rei-Iniciado Melquisedeque.

Segundo relata o capítulo XIV do Gênesis: “Saiu o rei de Sodoma a recebê-lo (a Abraão). Então, Melquisedeque, rei de Salém – o qual era Sacerdote do Deus Altíssimo – tirou pão e vinho e o abençoou e disse: “Bendito seja Abraão do Deus Altíssimo, possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou teus inimigos em tua mão”. E deu-lhe Abraão os dízimos de tudo.”

Em seu aspecto exotérico ou público a obrigação do dízimo, na legislação judaica, é o dever universal que todos os irmãos da Senda têm de contribuir fielmente com uma parte de seus ganhos – que não deve ser inferior ao dízimo – naquela forma livremente eleita que julguem mais oportuna e eficaz para sustentar a causa da verdade e da justiça. Em seu aspecto esotérico ou secreto, o dízimo simboliza a balança de pagamentos na esfera de Netuno. É inquestionável que ali temos que acertar contas com os inimigos do rei Licos (os Senhores do Karma).

Sem dúvida, todos nós assassinamos o Deus Mercúrio, Hiram, e não é possível ressuscitá-lo dentro de nós mesmos sem haver antes pago pelo abjeto delito. Por conseguinte, o dízimo vem a ser um complemento prático e necessário do princípio dinâmico que emana do estudo profundo do décimo mandamento, ou seja: Considerar como fonte, manancial e providência espiritual de todo o centro interior e divino de nossa vida o **Iod** misterioso que se esconde no meio do delta central do santuário de nosso Ser.

Esclarecem este ponto do dízimo as palavras evangélicas (Mateus, VI, 20): “Mas fazei-vos tesouros no céu porque onde estiver vosso tesouro ali estará vosso coração”. O capítulo III de Malaquias diz: “Trazei todos os dízimos ao celeiro e haja alimento em minha casa, e provai-me agora nisto, se não vos abrirei as janelas do céu e derramarei sobre vós bênçãos até que superabunde.”

Cavando nas profundas entranhas do Averno, trabalhando intensamente na nona esfera, eu buscava com ânsias infinitas o tesouro do céu, o Velocino de Ouro dos antigos. Os filhos de Minos, os adeptos da mão esquerda, os levitas de sempre, iracundos, atacavam-me incessantemente nos pavorosos abismos netunianos.

Na dura briga anelava conquistar o Cinto de Hipólita; porém as amazonas, suscitadas por Hera, assediavam-me incansáveis com seus sutis encantos abismais. Uma noite qualquer, não importa agora a data, nem o dia, nem a hora, fui transportado ao castelo de Klingsor, localizado exatamente em Salamanca, Espanha. Não é demais recordar agora, com grande ênfase, que nesse velho castelo, citado por Wagner em seu Parsifal, funciona o salão da bruxaria.

O que vi então na tétrica morada das harpias, foi certamente horripilante. Sinistras feiticeiras de esquerdos conciliábulos, tenebrosas, atacaram-me muitas vezes no interior do castelo; entretanto, defendi-me valorosamente com a flamígera espada. Meu velho amigo, o anjo Adonai – que por estes tempos tem corpo físico – teve que me acompanhar nesta aventura. Não eram vãs as elucubrações desses grandes videntes do astral que se chamaram alquimistas, cabalistas, ocultistas, etc.

O que agora víamos dentro deste antro era certamente espantoso. Muitas vezes desembainhei a flamígera espada para lançar chamas sobre a fatal morada do necromante Klingsor. De forma inusitada, Adonai e eu nos acercamos de umas feiticeiras que arrumavam a mesa para o festim. Em vão atravessei com a espada o peito de uma dessas bruxas; ela permaneceu impassível. Sem dúvida alguma, estava desperta no mal e para o mal. É claro que quis fazer chover fogo do céu sobre aquela fortaleza horrenda; fiz esforços supremos; senti-me desmaiar.

Nesses instantes o anjo Adonai acercou-se da janela dos meus olhos para ver o que ocorria dentro de mim mesmo. Imaginai, por um momento qualquer pessoa detendo-se ante a janela de uma casa para observar através dos vidros e ver o que sucede no interior da mesma. É claro que os olhos são as janelas da alma e os anjos do céu podem ver através desses vidros o que sucede no interior de cada um de nós.

Feita a singular observação, Adonai retirou-se satisfeito. Meu próprio castelo interior - a morada de Klingsor - havia sido incinerado com o fogo íntimo. Cada um de nós leva dentro de si a fortaleza de esquerdos conciliábulos; isto jamais o ignoram os *Mahatmas*.

Posteriormente tive que evidenciar claramente o aspecto tenebroso da existência. É evidente que Satã tem o dom da ubiqüidade. Olhai-o dentro de ti mesmo, aqui, ali e por lá.

Concluídos os trabalhos esotéricos nos infernos netunianos, tive então que ascender ao Empíreo - região dos Serafins, criaturas do amor, expressões diretas da Unidade.

Assim foi como reconquistei este estado hierárquico no Céu de Netuno. Este é o universo das Mônadas Divinas. Inquestionavelmente, havia conseguido o Cinto de Hipólita. Qualquer noite destas, evidenciei-o numa festa cósmica; então dancei com outros inefáveis. Outra noite, flutuando no Empíreo, em estado serafínico, pedi a minha Mãe Divina Kundalini a lira; então soube tocá-la com maestria.

Capítulo 43 A Ressurreição

É inquestionável que para Richard Wagner, bem como para todos os países cristãos em geral, o Graal é a taça sagrada em que o Senhor de Perfeição bebeu em sua última ceia: a divina taça que recebeu o seu sangue real, vertido da cruz no monte das Caveiras e recolhida devotamente pelo senador romano José de Arimatéia.

O grande cálice foi possuído pelo patriarca Abraão. Melquisedeque, o Gênio Planetário do nosso mundo, transportou-o, com infinito amor, do país de Semíramis à terra de Canaã, quando iniciou algumas fundações no lugar em que mais tarde estaria Jerusalém, a cidade querida dos profetas. Utilizou-o sabiamente quando celebrou o sacrifício em que ofereceu o pão e o vinho da transubstanciação na presença de Abraão, e o deixou com este mestre. Também esteve este vaso santo na Arca de Noé...

Foi-nos dito que esta taça venerada foi levada também à terra sagrada dos faraós, ao país ensolarado de Kem, e que Moisés, o chefe dos mistérios judeus, o grande hierofante iluminado, a possuiu.

Antiquíssimas tradições milenares, que se perdem na noite aterradora de todas as idades, dizem que este vaso mágico era feito de um material singular, compacto como o de um sino, e não parecia ter sido trabalhado como os metais; ao contrário, parecia produto de uma espécie de vegetação.

O Santo Graal é o cálice milagroso da suprema bebida, o vaso onde está contido o maná que alimentava os israelitas no deserto, o *Yoni*, o útero de eterno feminino. Nessa taça de delícias está contido o vinho delicioso da espiritualidade transcendente.

A conquista do *ultra-mare-vitae*, ou mundo superliminal e ultraterrestre, a ressurreição esotérica, seria algo mais que impossível sem a magia sexual, sem a mulher, sem o amor.

O Verbo delicioso de Ísis surge dentre o seio profundo de todas as idades, aguardando o instante de ser realizado.

As palavras inefáveis da Deusa Neith foram esculpidas com letras de ouro nos muros resplandecentes do Templo da Sabedoria. “Eu sou a que fui, é e será, e nenhum mortal levantou meu véu.”

A primitiva religião de Jano ou Jaino – ou seja - a áurea, solar, quirritária e super-humana doutrina dos jinas, é absolutamente sexual.

Dentro do inefável idílio místico, comumente chamado de “os encantos da Sexta-Feira Santa”, sentimos no fundo do nosso coração que nos órgãos sexuais existe uma força terrivelmente divina.

A Pedra da Luz, o Santo Graal, tem o poder de ressuscitar o Hiram Abif, o Mestre Secreto, o Rei do Sol, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

O Graal conserva o caráter de “*mysterium tremendum*”. É a pedra caída da coroa de Lúcifer.

Como força temível, o Graal fere e destrói os curiosos e impuros; porém aos justos e sinceros os defende e lhes dá vida.

Inquestionavelmente, o Graal só pode ser alcançado mediante a Lança de Eros, combatendo contra os eternos inimigos da noite.

Realizar em si mesmo o Mistério Hiperbóreo só se torna factível descendo aos mundos infernais. Dita ressurreição é a verdadeira apoteose ou exaltação do que há de mais elevado e vivente no homem: sua Mônada Divina, eterna e imortal, a qual se achava morta, oculta.

Indubitavelmente, esta é, em si mesma, o Verbo, o “fiat luminoso e espermático do primeiro instante”, o Senhor Shiva, o esposo sublime de nossa divina Mãe Kundalini, o Arqui-Hierofante e o Arquimago, a sobre-individualidade particular de cada um.

Escrito está com caracteres de fogo no livro da vida: “Ao que sabe, a Palavra dá poder. Ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele que tem encarnado.”

Com a ressurreição do Mestre Secreto em cada um de nós, alcançamos a perfeição na maestria. Então somos lavados de toda mancha e o pecado original é eliminado radicalmente.

Eu trabalhei intensivamente na superobscuridade do silêncio e do segredo augusto dos sábios. Reconquistei meu lugar no Primeiro Céu ou da Lua, onde Dante tivera a visão dos bem-aventurados e reconheceu, extático, a Piccarda Donati e a imperatriz Constança. Voltei ao meu lugar no Segundo Céu ou de Mercúrio, morada dos espíritos ativos e benéficos. Retornei ao Terceiro Céu ou de Vênus, região dos espíritos amantes, ali onde Dante se ocupava de Roberto, o rei de Nápoles. Regressei ao Quarto Céu ou do Sol, morada dos espíritos sábios, capítulo onde Dante cita São Francisco de Assis. Reconquistei o Quinto Céu ou de Marte, a região dos mártires da fé, capítulo onde Dante menciona Cacciaguada e seus maiores, a antiga e a nova Florença. Retornei ao Sexto Céu ou de Júpiter, região dos príncipes sábios e justos. Regressei ao Sétimo Céu ou de Saturno, morada deliciosa dos espíritos contemplativos, magnífico capítulo onde o Dante florentino menciona com grande ênfase a Pedro Damiano e falara contra o luxo dos prelados. Voltei ao Céu Oitavo ou Estrelado, região de Urano, parágrafos imortais onde Dante menciona o triunfo do Cristo Íntimo e a coroação da Divina Mãe Kundalini e Paraíso dos espíritos triunfantes. Retornei ao Céu Nono ou Cristalino, região de Netuno - capítulo extraordinário em que Dante lança sua invectiva contra os maus pregadores.

Posteriormente tive que comparecer ante o Terceiro Logos, Shiva, meu Real Ser, minha própria sobre-individualidade, Samael em si mesmo. Então o Bendito assumiu uma figura distinta, diferente da minha, como se fosse uma pessoa estranha. Tinha o aspecto de um cavalheiro muito respeitável. O Venerável me pediu que fizesse um estudo quirosófico das linhas de sua mão. A linha de Saturno em sua onipotente destra me pareceu muito reta, surpreendente, maravilhosa; no entanto, alguma parte me pareceu interrompida, danificada, quebrada.

- Senhor! O Senhor teve algumas lutas, sofrimentos.

- O Senhor está equivocado! Eu sou um homem de muita sorte. A mim sempre vai tudo muito bem.

- Bem, é que vejo um pequeno dano na linha de Saturno...

- Meça o senhor bem essa linha. Em que idade vê esse dano?

- Senhor! Entre a idade dos cinquenta e três (53) e os sessenta e um (61) tiveste uma época dura...

- Ah! Isso é no princípio... Porém, depois, que tal?

- Oito anos passam muito rápido e logo o triunfo que te aguarda...

Concluindo o estudo, o Venerável pôs-se de pé e disse:

- A mim me agradam estes estudos quirosóficos; porém, esporadicamente. À minha esposa (Devi Kundalini) também lhe agradam e prontamente vou trazê-la. Ah! Porém tenho que pagar o seu trabalho. Aguarde-me o senhor aqui, que voltarei para pagá-lo...

O Bendito afastou-se e eu fiquei aguardando-o. Ao longe vi duas filhas minhas, agora pessoas maiores de idade; entretanto, pareciam ainda pequenas. Preocupavam-me um pouco e as chamei. É indubitável que por aquela época da minha atual existência eu tinha os citados cinquenta e três (53) anos de idade. Na mão do Bendito havia visto o meu próprio futuro.

Evidentemente as oito iniciações recebidas deviam ser qualificadas. Duríssimo trabalho: Um ano para cada iniciação.

Vivenciar agora, em oito anos, todo o Livro do Patriarca Jó, pagar os Dízimos de Netuno antes da ressurreição.

O Livro de Jó é uma representação completa da Iniciação antiga e dos povos que precediam a magna cerimônia.

O neófito nele se vê despojado de tudo, até de seus filhos, e afligido por uma enfermidade impura. Sua esposa o angustia, burlando-se da confiança que ele põe num Deus que o trata mal. E seus três amigos, Elifas, Bildade e Zofar [Elifaz o temanita, e Bildade o suíta, e Zofar o naamatita], atormentam-no, julgando-o um ímpio, seguramente merecedor de tal castigo [o texto bíblico diz que os amigos se condoeram dele – Jó Cap. 2]. Jó então clama por um campeão, um libertador, porque ele sabe que este (Shiva) é eterno e vai redimi-lo da escravidão da terra (mediante a ressurreição íntima), restaurando sua pele.

Jó, por permissão divina, vê-se atormentado, despojado, enfermo, sob a cruel ação desses seres malignos que Aristófanos chamou de “as negras aves”; São Paulo, de “as cruéis potestades do ar”; a Igreja, de “os demônios”; a teosofia e a Cabala, de “os elementários”, etc.

Entretanto, como Jó é justo e entoa o tema de sua própria justificação frente a tais rigores do destino, vence, por fim, como o sagrado **IT** de sua crucificação na chaga da carne. E Jehováh (o **Iod-Heve** interno de cada qual) permite que a ele se cheguem os anjos curadores, ou jinas, cujo clássico líder, em outros livros como o de Tobias, é o arcanjo Rafael.

Uma noite, depois de uma festa cósmica que em minha honra foi celebrada pelo motivo de haver sido bem qualificado na Primeira Iniciação, fui devidamente instruído.

- Tereis que pagar o crime de haver assassinado o Deus Mercúrio, foi me dito.

- Perdoai-me esse Karma!

- Isso não tem perdão e só se pode pagar trabalhando com a Lua.

Então vi como a Lua, em cada trabalho, acercar-se-ia mais e mais do planeta Mercúrio, até mesclar-se por fim com ele.

Meu Real Ser Íntimo ou Deus Mercúrio, Shiva, minha Mônada, acercando-se de mim, disse:

- Tereis que usar as botas do Deus Mercúrio. Posteriormente me calçou com tais botas.

Sensacional, extraordinário foi para mim aquele instante em que o grande Hierofante do Templo me mostrou um campo de desporte.

- Olha! Disse-me. Tu converteste o templo de Mercúrio num campo de desporte.

Certamente todos assassinamos Hiram (o Deus Mercúrio, nossa Mônada), quando comemos da fruta proibida no Jardim do Éden. Por isso se nos advertiu: - Se comerdes dessa fruta, morrereis.

Posteriormente, o caminho tornou-se espantosamente difícil e eu tive que sofrer intensamente.

É obvio que a Senda do Fio da Navalha é absolutamente sexual. Tu o sabes!

- Meu filho! Tens que sofrer com paciência as conseqüências dos teus erros, exclamou minha Mãe Divina Kundalini.

Outra noite, cheia de dor, minha Mãe exclama com grande voz, dizendo:

- Meu filho, tu me trocaste lá no mundo físico por outras mulheres.

- Isso foi no passado, minha Mãe. Agora não estou te trocando por ninguém.

- Tu me trocaste por outras mulheres...

- Passado é passado; o que interessa é o presente. Eu vivo de instante a instante; faço mal em discutir contigo.

- Passado, presente ou futuro, tu és o mesmo.

- Tem razão, minha Mãe!

Como negar, pois, que havia convertido o templo de Mercúrio num campo de desporto?

É sucedido que, tendo ido de férias ao porto de Acapulco, nas costas do Pacífico, México, tive que ser instruído sobre a estigmatização do corpo astral. Fora do corpo físico, um monge santo, um ermitão, tratou de atravessar as palmas das minhas mãos com o propósito de me estigmatizar. Nos instantes em que aquele cenobita golpeava o cravo para perfurar minhas mãos, saltavam raios divinos. Nesses momentos orei a meu Pai, que está em secreto, solicitando-lhe ajuda. A oração chegou ao Senhor.

É claro que durante o processo da Iniciação havia recebido tais estigmas, porém de forma simbólica. Na Montanha da Ressurreição devia formá-los, fazê-los na Forja dos Ciclopes. O anacoreta conduzia-me até a Igreja Gnóstica. Shiva, minha Mônada divina, andou junto. Dentro do templo vi um religioso andrógino, vestido com a túnica purpúrea, junto a pia do batismo.

- É muito forte e responde muito bem; porém lhe falta cumprir melhor com o Sacramento da Igreja de Roma (Amor) - disse o Mahatma, dirigindo-se à minha Mônada.

Desde então compreendi a necessidade de refinar ainda mais a energia criadora. Assim foi como fiz do Maithuna uma forma de oração.

A inserção do falo vertical dentro do útero formal faz a cruz. Inquestionavelmente, os cinco estigmas crísticos, no corpo astral, são formados com a santa cruz.

Não é possível a ressurreição sem haver previamente formado os estigmas do Adorável no corpo astral.

Assim formei eu mesmo meus estigmas; assim os formaram os místicos de todos os tempos.

INRI - "*Ignis Natura Renovatur Integram*": O Fogo renova incessantemente a natureza.

III MONTANHA

Capítulo 44 Conversando no México

Segunda-feira 12 de junho de 1972 (11º. Ano de Aquário):

- Bem, *Joaco* (familiar diminutivo de Joaquim), hoje vamos até o centro da cidade.

- Para quê, Mestre? No sábado da semana passada retiramos a correspondência que havia no correio. Que poderia haver agora?

- De todas as maneiras necessito ir ao centro. Tenho em meu poder um cheque e preciso trocá-lo; não se trata de uma grande soma, porém dá para comer. Assim evitarei de gastar o pouco que já tenho reunido para o pagamento do aluguel da casa. Além do mais, devo colocar no correio muitas cartas; gosto de manter a correspondência em dia.

Momentos depois, Joaquim Amortegui V., missionário gnóstico internacional e grande paladino desta tremenda cruzada pela Nova Era de Aquário, e minha insignificante pessoa que vale algo menos do que a cinza de um cigarro, nos dirigíamos para o centro da cidade do México.

Não é demais dizer, sem muito rodeio, que a mim me agrada conduzir meu próprio veículo. Assim pois bem felizes deslizávamos velozes no carro pelo calçamento e Tlalpan até a Praça da Constituição (Zócalo como dizem os mexicanos).

- Esta é a era do automóvel, meu estimado *Joaco*. Mas te confesso francamente que se tivesse que escolher a vida num mundo com uma tecnologia como esta ou em outro da idade da pedra, porém totalmente espiritual, preferiria o segundo, mesmo que tivesse que viajar a pé ou a cavalo.

- Digo o mesmo! Hoje viajo por sacrifício, por amor à humanidade, para ensinar a doutrina; porém prefiro andar a cavalo, como no passado. Não me agrada nada a fumaça destas grandes cidades nem esta vida mecanicista.

Assim conversando, *Joaco* e eu ao longo de uma via pavimentada que mais parecia um rio de aço e cimento, chegamos ao Zócalo. Demos a volta, passamos por um lado da catedral metropolitana e logo entramos na avenida Cinco de Maio em busca de um estacionamento. Instantes depois entrávamos num grande edifício.

- Podemos lavar seu carro, senhor?

- Não! Não! É tempo de chuva. Para quê?

- Podemos encerar seu automóvel, senhor?

- Não, meu jovem! Não! Deixa primeiro eu levar ao latoeiro e depois à pintura!

Resumindo: Saímos daquele edifício rumo ao correio, após haver estacionado o carro.

No correio central tive certamente uma grata surpresa ao receber um exemplar da sexta edição de **O Matrimônio Perfeito** [edição esta publicada pela vez primeira em 1961]. Foi-me remetido de Cúcuta, Colômbia, pelo missionário gnóstico internacional Efraim Villegas Quintero.

Recebi também algumas cartas; coloquei no correio aquelas que trazia de casa e depois nos dirigimos a uma casa de câmbio. O cambista, com a Consciência profundamente adormecida, estava demasiado ocupado em seu ofício. Eu o vi com dois fones, um em cada orelha. Estava claro que atendia simultaneamente a dois telefonemas e até se dava ao luxo de conversar, de vez em quando, com um terceiro cliente, diante do balcão. Sem dúvida alguma aquele pobre humanóide intelectual de psique subjetiva achava-se não somente identificado com tudo aquilo como também estava tremendamente fascinado, sonhando o tempo todo. Falava esse homúnculo racional sobre valores, cotações, moedas, ouro, enormes somas, cheques, riquezas, etc. Felizmente não foi necessário aguardar muito tempo; seu secretário me atendeu com presteza.

AS TRÊS MONTANHAS

Instantes depois saímos desse lugar com algum dinheiro no bolso. Não era muito, mas o suficiente para comer uns quantos dias mais. Caminhando outra vez pela famosa avenida Cinco de Maio, senti a necessidade de convidar *Joaco* para tomar um pequeno refrigerante. Este, ainda que de pouco comer, por consideração a mim aceitou o convite. Logo chegamos a um excelente lugar; quero me referir ao Café Paris. Uma elegante garçonete se aproxima e pergunta:

- Que vão pedir, senhores?

- Senhorita, traga-me um suco de morango e um pedaço de pastel de queijo.

- Eu, disse Joaco, quero tão só um suco de mamão.

Feito o pedido, a dama se retirou para reaparecer momentos depois com os mencionados pedidos. Saboreando lentamente o delicioso refrigerio, extraindo desses manjares seu elemento espiritual, entre ambos, *Joaco* e eu, entabulamos o seguinte diálogo:

- Te conto, *Joaco*, que já estou chegando ao final do meu livro **As Três Montanhas**. Certamente só me falta uma introdução à Terceira Montanha, três capítulos da Ascensão e a conclusão final.

- Quer dizer então que já está terminando esse trabalho?

- Sim, *Joaco*! Sim! Mas o mais interessante de tudo isso é que agora vou ter que apelar para a Lemúria.

- Como assim? Lemúria? Por quê?

- Bem, é claro que nesta reencarnação só cheguei até o cume da Segunda Montanha. Entretanto, naquele arcaico continente Mu ou Lemúria, situado no vasto Oceano Pacífico, passei pelas Três Montanhas. Então, na época, consegui a liberação; mas, renunciei a toda felicidade e fiquei neste vale de lágrimas para ajudar a humanidade. É claro que a posse do elixir da longa vida me permitiu conservar aquele corpo lemuriano durante milhões de anos. Então meu estimado *Joaco*, te conto que fui testemunha ocular de todas aquelas catástrofes vulcânicas que acabaram com o continente Mu. Por mais de dez mil anos de incessantes terremotos e pavorosos maremotos, aquela terra antiga submergiu entre as procelosas águas do Oceano Pacífico. É algo patente, claro e definido que conforme aquele velho continente foi submergindo lentamente entre as ondas embravecidas do borrascoso oceano, a Atlântida - aquela de Platão – foi surgindo paulatinamente dentre as profundas águas do Atlântico. Inquestionavelmente, vivi também com meu corpo lemuriano no “país das colinas de barro”; conheci suas poderosas civilizações, muito superiores à atual e, depois, o vi submergir entre as furiosas ondas do oceano que leva seu nome.

“No ano 6 de Kan, o 11 Muluc, no mês Zrc, ocorreram terríveis terremotos que continuaram sem interrupção até 13 Chuen. “O país das colinas de barro” - a terra atlante - foi sacrificada. Depois de duas comoções desapareceu durante a noite, sendo constantemente estremecida pelos fogos subterrâneos, os quais fizeram que a terra afundasse e reaparecesse várias vezes e em diversos lugares. Por fim, a superfície cedeu e dez países se separaram e desapareceram. Afundaram-se 64 milhões de habitantes, oito (8) mil anos antes de escrever este livro”. (Isto é textual de um manuscrito maia, parte da famosa coleção de *Le Plongeon* [do antropólogo Augustus Le Plongeon], “Os Manuscritos de Troano ou Códice Troano”, que podem ser vistos no Museu Britânico).

Antes que a estrela Baal caísse no lugar onde agora só existe mar e céu, antes que as sete cidades com suas portas de ouro e templos transparentes tremessem e estremecessem como as folhas de uma árvore movidas pela tormenta, eu saí dali rumo ao Planalto Central da Ásia, lugar onde hoje está o Tibet. Nessa zona da Terra se mesclaram os sobreviventes atlantes com os nórdicos. Assim se formou a primeira sub-raça de nossa atual raça ária. O guia salvador dos atlantes eleitos, aquele que os tirara do “país das colinas de barro”, foi o Noé bíblico, o Manu Vaivásvata, o fundador da raça ária. Ainda recordo, além do tempo e da distância, aqueles festivais cósmicos que então foram celebrados em nosso monastério. Quero me referir, de forma enfática, à Ordem Sagrada do Tibet, velha instituição esotérica. É indubitável que aquela antiga ordem conta com duzentos e um (201) membros. O plano maior é formado por setenta e dois (72) brâhmanes.

Inquestionavelmente, tão benemérita organização mística conserva o tesouro do *Aryabarta Ahsram*. Por aqueles tempos eu era sempre recebido ali com muita veneração. Exótico parecia eu vivendo com corpo lemur em pleno mundo ário. Infelizmente o diabo sempre acaba metendo o rabo em algum lugar e sucedeu desgraçadamente algo insólito. Voltei às minhas antigas andanças... Reincidência no delito... Enamorei-me

outra vez da Eva sedutora da mitologia hebraica e traguei o fruto proibido. Resultado: A grande lei me tirou tão precioso veículo e, de vida em vida fiquei como um judeu errante sobre a face da Terra.

- Agora sim, Mestre – disse *Joaco* - sinto-me mais pequeno que uma formiga, como nada. Não compreendo! Se o senhor dissolveu o ego, o mim mesmo, quem poderia ser o tentador? De que forma você caiu?

- Ah! *Joaco*! Em nome da verdade quero que saibas que quando o eu é dissolvido fica a mente em seu lugar. Indubitavelmente esta foi a “*causa causorum*” de minha queda.

- Mas isso é algo inusitado. Não entendo...

- Coisas passionais... Enamorei-me, incorri no mesmo erro do conde Zanoni. Isto é tudo! Tal donzela de misteriosos encantos para mim estava proibido. Entretanto, devo dizer que, rendido, caí aos pés da fêmea deliciosa. Posteriormente, minha Mãe Divina Kundalini me levou ao interior de uma caverna, na profundidade da montanha. E então vi chuvas, lágrimas e torrentes de água turva; amarguras e lodo; miséria, etc.

- Veja o futuro que te aguarda! - exclamou minha Mãe.

- Inúteis foram as minhas súplicas; não merecia perdão. Era um reincidente no delito. Por fim, eu a vi encerrar-se dentro do chakra Muladhara, no osso coccígeo, e então... Ai de mim! Ai! Ai! Havia cometido o mesmo erro que no arcaico continente Mu motivara a queda dos anjos. É claro que antes de ingressar nos mistérios lemurianos eu já havia incorrido no mesmo delito. A alegoria do bíblico Adão, considerada da árvore da vida, significa, claramente, que aquela raça lemuriana, que acabavam de separar-se em sexos opostos, abusou do sexo e se afundou na região da animalidade e da bestialidade.

O Zohar ensina que Metramethah (Shekinah, simbolicamente a esposa de Metraton) “é o caminho para a grande árvore da vida, a árvore poderosa, e Shekinah é a graça divina.”

Não há dúvida que esta árvore maravilhosa chega ao vale celestial e se acha oculta entre as Três Montanhas. Desde estas Três Montanhas ascende a árvore ao alto e logo volta a descer. A árvore do conhecimento do bem e do mal cresce das raízes da árvore da vida. Os *Dhyanis Bodddhisattwas*, reencarnados em lemurianos corpos, reproduziam-se mediante o poder de *Kriya-Shakti* (o poder da vontade e da ioga).

Atributos de Shiva: o *lingham* negro embutido no *yonis*. Inquestionavelmente, o Arqui-Hierofante e Arquimago não derrama jamais o vaso de Hermes. Quando os *Dhyanis* – entre os quais estava eu mesmo – cometeram o crime de derramar esse vidro líquido, flexível, maleável da alquimia, afastaram-se de sua Mônada divina (assassinaram o Deus Mercúrio), caíram na geração animal.

- Estou assombrado!

- Por quê, Joaco, por quê? Fui acaso o primeiro que caiu ou o último?

- É que H. P. Blavatsky diz na “A Doutrina Secreta” que Samael foi o primeiro a cair, mas isto é simbólico.

- É ostensível que sou o *Dhyani Bodddhisatwa* do “quinto” dos “sete” e por tal motivo se diz que Samael foi o primeiro a cair. Afortunadamente já estou de pé, apesar de haver reincidente no mesmo delito. Quão diferente foi o caso de muitos desses outros *Dhyanis* caídos na geração animal.

Recordemos a Moloch, o grande homicida, agora envolvendo espantosamente nos mundos infernos.

Recordemos a Andrameleque e a seu irmão Asmodeu, dois Tronos precipitados ao Averno.

- Eu acreditava que depois da liberação, toda queda seria impossível.

- Tu te equivocas, meu estimado *Joaco*. No cosmo sempre existe o perigo de cair. Somente entrando no Imanifestado Sat, o Espaço Abstrato Absoluto, desapareceu todo perigo.

Concluída a conversa de sobremesa, chamamos a senhorita que humildemente atendia a mesa dos senhores.

- A conta, senhorita!

- Sim, senhores! É tanto...

- Aqui tem também sua gorjeta...

Em silêncio saímos desse suntuoso lugar em busca do carro. Andando novamente sob o sol por essa famosa avenida Cinco de Maio, ocorreu-me dizer:

- O grave, *Joaco*, é a abominável ressurreição do ego animal depois da queda. Inquestionavelmente, o mim mesmo ressuscita como a Ave Fênix de suas próprias cinzas. Agora tu compreenderás profundamente e de forma íntegra qual é o motivo intrínseco pelo qual todas as teogonias religiosas enfatizam a idéia de que os anjos caídos se converteram em demônios.

- Ah! Sim! Isto está muito claro...

Momentos depois deslizávamos velozes pelo calçamento de Tlalpan de regresso para casa.

- Como eu subi e desci e voltei a subir é óbvio que possuo vasta experiência nestas questões de tipo esotérico.

- Ó, Mestre! Nesse sentido o senhor tem uma experiência muito especial.

Certamente, meu caro leitor! Eu não sou mais do que um mísero gusano do lodo da terra, um qualquer que nada vale. Entretanto, como percorri o caminho, posso indicá-lo com inteira claridade e isso não é um delito.

Concluiremos o presente capítulo com aquela frase de Goethe: “Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos, que é a vida.”

Capítulo 45
O Décimo Trabalho de Hércules

A Décima Façanha de Hércules - o grande herói solar - foi a conquista do rebanho de Gerião [um gigante de três cabeças que possuía um rebanho de bois vermelhos], após matar seu dono, que o enfrentou após Hércules haver eliminado seus dois guardiões: o cão [bicípite] Ortros e Éurito [o vaqueiro ou pastor].

Este insólito acontecimento teve por cenário a ilha de Erítia (A Vermelha), além do oceano, o qual parece referir-se a uma ilha do Oceano Atlântico, habitada por seres gigantesco, personificados claramente pelo próprio tricípite Gerião, que pereceu sob suas mortíferas flechas, depois de seu vaqueiro e do cão, abatido por sua clava.

A mitologia comparada coteja o cão bicípite Ortros, irmão de Cérbero, com *Vritra*, o Gênio védico da tempestade.

Em sua viagem passa Hércules da Europa à África, para depois atravessar o oceano na taça de ouro (no vaso sagrado), que inteligentemente utiliza na sua viagem noturna.

Isto significa claramente que o Sol esplendoroso teve que esperá-lo enquanto não regressava, detendo-se em seu solstício para o bem do herói.

Indubitavelmente, o homem-Deus passou com o gado adquirido na mesma taça ou Santo Graal para depois regressar pelo caminho da velha Europa, numa viagem cheia de infinitas aventuras.

Conta a lenda dos séculos que então o herói solar levantou as colunas “J” e “B” da maçonaria oculta sobre o estreito de Gibraltar, provavelmente em agradecimento aos Dióscuros, que o fizeram sair vitorioso na empresa.

De regresso a Micenas, as vacas foram sacrificadas a Juno, para aplacar sua ira, por seu irmão Euristeu.

Em se tratando dos mistérios arcaicos, não é demais dizer que estes eram celebrados sempre em augustos templos senhoriais.

Quando transpassei o umbral daquele templo lemuriano onde outrora eu fora instruído nos Mistérios da Ascensão do Senhor, com infinita humildade solicitei ao Hierofante alguns serviços que me foram concedidos.

É indubitável – e isto o sabe todo Iniciado – que toda exaltação vem precedida sempre por uma espantosa e terrível humilhação.

Claramente temos asseverado, em tom enfático, que a toda subida antecede uma descida.

A Décima Façanha de Hércules, o herói solar do esoterismo, realiza-se nos mundos infernos do planeta Plutão.

Sentimentos dolorosos desgarraram minha alma quando me vi submetido à tortura do desprendimento.

Aquelas damas de augustos tempos, a mim ligadas pela lei do Karma, com o coração destroçado me aguardavam no Averno.

Todas essas beldades tentadoras, perigosamente belas, se sentiam com pleno direito sobre mim.

Para meu bem ou para meu mal aquelas fêmeas terrivelmente deliciosas haviam sido minhas esposas em reencarnações anteriores, conseqüência natural da grande rebelião e da queda angélica.

O cão Ortros e Éurito - símbolos vivos da paixão animal - assediaram-me inclementes, com ferocidade inaudita; as tentações multiplicaram-se até o infinito. Entretanto, à base de *Thelema* (vontade) e compreensão profunda e com a ajuda da minha Divina Mãe Kundalini, venci o senhor do tempo, o tricípite Gerião.

AS TRÊS MONTANHAS

É indubitável que assim me apoderei do rebanho e me fiz pastor autêntico, não de vacas - como veladamente se diz - senão de ovelhas.

Para o bem da Grande Causa, convém que, na continuação, estudemos alguns versículos do capítulo 10 de João:

Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que não entra pela porta (o sexo) no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte (pregando doutrinas diferentes que nada têm a ver com a magia sexual branca), este é ladrão e assaltante (furta as ovelhas e as leva para o abismo; nós saímos do Éden pela porta do sexo e só por dita porta podemos voltar ao Éden. O Éden é o próprio sexo).

Mas aquele que entra pela porta (o sexo), pastor das ovelhas é. A este abre o porteiro e as ovelhas ouvem sua voz, e a suas ovelhas chamam pelo nome (com o Verbo íntimo) e as tira (leva-as pelo Caminho do Fio da navalha).

E como tirou fora todas as próprias, vai diante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem sua voz (seu Verbo).

Mas, ao estranho não seguirão, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos (os falsos pastores não possuem o Verbo).

Esta parábola lhes disse Jesus (cujo significado é Salvador), mas eles não entenderam o que era que lhes dizia (é evidente que atrás da letra que mata está o espírito que vivifica).

Voltou, pois, Jesus (o Salvador íntimo) a lhes dizer: Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas (não está o poder no cérebro, nem em nenhuma outro lugar do corpo, senão no sexo).

Com outras palavras asseveramos o seguinte: O poder criador do Logos encontra-se exclusivamente no sexo.

É fácil, agora, compreender porque Ele é a porta das ovelhas: Buscar escapatórias equivale a fugir da porta do Éden....

Todos os que antes de mim vieram (porque não foram iniciados nos mistérios sexuais) ladrões são e assaltantes.

Eu sou a porta. O que por mim entrar será salvo (não cairá no abismo da perdição) e entrará, e sairá, e achará pastos (rico alimento espiritual).

Cristo, sem a serpente sexual, nada poderiam fazer. É por este motivo que o Segundo Logos, o Senhor de Perfeição, o Logos íntimo de cada um desce de sua elevada esfera e se faz filho da Divina Mãe Kundalini, a serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes...(por obra e graça do Terceiro Logos).

Os setianos adoravam a Grande Luz e diziam que o Sol, em suas emanções, forma um ninho em nós e constitui a serpente.

É ostensível que aquela seita gnóstica tinha como objeto sagrado um cálice, um “*yoní*”, o Santo Graal, no qual tomavam o “*sêmen de Benjamin*”. Este último, em si mesmo, era uma mescla de vinho e água.

Indubitavelmente, jamais faltava sobre o altar dos nazarenos gnósticos o símbolo sagrado da serpente sexual.

A força, o poder que acompanhou Moisés, foi a serpente sobre a vara que depois se converteu na própria vara.

A Serpente foi certamente a que falou às demais serpentes e a que tentou Eva...

No canto de Homero a Deméter, encontrado numa biblioteca russa, vê-se que tudo gira em torno de um feito fisiológico-cósmico de grande transcendência.

Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor (aquele que já alcançou esse grau esotérico crístico) dá sua vida pelas ovelhas.

Mas, o assalariado (o esoterista tântrico que ainda não conseguiu a cristificação), e de quem não são próprias as ovelhas, vê o lobo que vem, e deixa as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas.

Também tenho outras ovelhas que não são deste redil (que estão metidos em outras escolas), as quais também me convém trazer, e ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor.

Por isso me ama o Pai, porque eu ponho minha vida para voltar a tomá-la (o Cristo Íntimo cristaliza em nós e nos redime quando somos dignos).

Ninguém me tira, mas eu a ponho de mim mesmo (como que dizendo: Cristalizo-a na minha humana pessoa quando quero). Tenho poder para pô-la e tenho poder para voltar a tomá-la. Esse mandamento recebi-o de meu Pai.

Depois deste comentário crístico esotérico, é indispensável que continuemos com o presente capítulo...

Que simples! Que infalsificável beleza primitiva têm, na verdade, todos esses relatos platônicos que versam sobre Deuses e Deusas arcaicos, seres divinos do passado lemuriano, autênticos pastores tântricos do Éden Sexual!

Sublimes criaturas que levantam cidades ciclópicas, instruem povos, dotam-nos de uma legislação jamais superada e premiam seus heroísmos.

Realizar em si mesmo o Mistério Hiperbóreo, o Mistério do Graal, é urgente quando anelamos convertermo-nos em autênticos Profetas, em genuínos Pastores Cristificados.

Necessitamos atravessar o Mar Vermelho, atravessar o oceano tempestuoso da vida, passar para a outra margem na Taça de Ouro, no Vaso Sagrado que Hélios, o Sagrado Sol Absoluto, nos empresta.

Concluídos os esotéricos trabalhos nos infernos do planeta Plutão, tive então que levantar colunas.

Plus Ultra, Adam-Kadmon, Homem-Celeste: tais são os místicos significados que foram atribuídos às Colunas de Hércules.

Aquele evento cósmico-humano foi precedido pela desencarnação da minha esposa-sacerdotisa Litelantes. Inquestionavelmente ela, em si mesma, era certamente o único nexos kármico que neste vale doloroso do Samsara me restara. Eu a vi afastar-se de seu descartado corpo lemuriano, vestida, certamente, de rigoroso luto.

Adão-Eva é indubitavelmente o significado mais secreto das duas Colunas de Hércules. Reconciliação com o divino resulta urgente, inadiável, impostergável. Tu o sabes.

Levantar colunas em reconciliação, regresso do casal original, volta ao Éden. Necessitamos retornar ao ponto de partida original, voltar ao primeiro amor. Isso é indiscutível, irrefutável, irrefutável!

Nos arcaicos mistérios do continente Mu ou Lemúria eu tive que vivenciar o cru realismo disso em bodas paradisíacas, edênicas. Então, recebi por esposa uma Grande Iniciada. Quero me referir de forma enfática à outra metade da laranja, à minha Eva particular, primigênia. Assim levantei as duas Colunas de Hércules.

Em plena mesa do banquete me encontrava, acompanhado, ditoso, pela nova esposa e de muitos Altos Sacerdotes. Litelantes então atravessou o umbral da régia sala; veio, desencarnada, presenciar a festa...

Assim, ó Deuses, foi como restabeleci o Segundo Logos, o Cristo Cósmico, no santuário da minha alma.

Capítulo 46

Décimo Primeiro Trabalho de Hércules

A Décima Primeira Façanha de Hércules, o herói solar, teve lugar no domínio transatlântico, consistindo em se apropriar das Maças das Hespérides, as ninfas, filhas de Héspero, vivíssima representação do planeta Vênus, o luzeiro delicioso do amor.

Desconhecendo o caminho, necessitava primeiro adonar-se de Nereu, que tudo sabe. E depois, na África, enfrentar em luta corporal, o espantoso gigante Anteu, filho de Possídon [Poseidon ou Poseidonis].

Também se costuma relacionar esta viagem com a liberação de Prometeu-Lúcifer, matando a águia que o atormenta, assim como a substituição temporária do famoso Atlas, carregando o mundo sobre suas costas titânicas, para conseguir seu auxílio. Finalmente, as simbólicas Maças de Ouro lhe são entregues pelas próprias Hespérides, matando previamente o dragão que as guardava.

Evidentemente, esta façanha tem estreita relação com o relato bíblico dos frutos da Árvore da Ciência do Bem e do Mal no Jardim Edênico, naquele que, não obstante, o dragão é substituído por uma cobra que convida a colher e a provar esses frutos maravilhosos que Hércules depois entrega a Atenas - a Deusa da Sabedoria e sua divina protetora.

A intrépida descida ao velho Tártaro do décimo primeiro planeta do nosso sistema solar fez-se urgente, inadiável, impostergável, antes de subir ao Pai (o Primeiro Logos).

Abrupto, quebrado e desigual caminho descendente me conduziu, fatalmente, até as horrendas trevas da cidade de Dite.

Meu Nereu - ou melhor diríamos - meu *guruji*, mestre ou guia, pacientemente me alertou de todos os perigos. Certamente foi nesses horripilantes abismos de dor, nesse planeta que está além da órbita de Plutão, onde encontrei Anteu, o gigante descomunal ainda mais espantoso que o desmensurado Briareu.

O Dante florentino, em sua Divina Comédia, exclama:

“Ó tu que no afortunado vale onde Cipião herdou tanta glória, quando Aníbal e os seus deram as costas, recolhiste mil leões por presa e que se tivesses assistido à grande Guerra de teus irmãos ainda há quem creia que terias assegurado a vitória aos filhos da Terra! Se não levas a mal, conduze-nos ao fundo onde o frio endurece o Cócito.

Não faças que me dirija a Tício nem a Tifeu [dois Titãs da mitologia antiga]; este que vês pode dar o que aqui mais se deseja; portanto, inclina-te e não torças a boca. Ainda podes renovar tua fama no mundo, pois vive e espera gozar ainda de longa vida, se a Graça não o chamar a si antes do tempo.

Assim lhe disse o Mestre, e o gigante, apressando-se em estender aquelas mãos que tão rudemente oprimiram Hércules, colheu o meu guia. Quando Virgílio se sentiu agarrado, disse-me: - Aproxima-te para que eu te segure. E em seguida me abraçou de modo que os dois juntos formávamos um só corpo.

Como ao olhar a Carissenda [uma torre inclinada na Bolonha] pelo lado que está inclinada quando passa uma nuvem por cima dela em sentido contrário, parecendo próxima a desabar, tal me pareceu Anteu quando o vi inclinar-se. E foi para mim tão terrível aquele momento que teria preferido ir por outro caminho. Porém, ele nos conduziu suavemente ao fundo do abismo que devora Lúcifer e Judas; e sem demora cessou sua inclinação, voltando a se erguer como o mastro de um navio.” (Isto é textual de A Divina Comédia).

Anteu, alegórico personagem magista, representativo titã das hordas tenebrosas abismais...

Travadas mui cruentas batalhas contra os demônios da cidade de Dite, teve que ser libertado Lúcifer-Prometeu.

Eu vi abrir-se a acerada porta do horripilante calabouço; o guardião lhe cedeu passagem.

Cenas terríveis da obscura morada, casos insólitos, insuspeitados; o que os moradores da Terra ignoram...

Lúcifer é o guardião da porta das chaves do santuário, para que não penetrem nele senão os Ungidos que possuem o segredo de Hermes.

O Christos-Lúcifer dos gnósticos é o Deus da Sabedoria sob distintos nomes, o Deus de nosso planeta Terra, sem nenhuma sombra de maldade, pois é uno com o Logos platônico.

Prometeu-Lúcifer é o Ministro do Logos Solar e o Senhor das Sete Mansões de Hades.

Lúcifer certamente é o espírito da iluminação espiritual da humanidade e da liberdade de escolha; metafisicamente falando é a tocha [de luz] da humanidade; é o Logos em seu aspecto superior e o adversário em seu aspecto inferior; o divino e encadeado Prometeu; a energia ativa e centrífuga do universo; fogo, luz, vida, luta, esforços, consciência, liberdade, independência, etc.

A Lúcifer estão encomendadas a espada e a balança da Justiça Cósmica, pois ele é a norma do peso, da medida e do número.

Dentro de cada um de nós Lúcifer é o reflexo do Logos íntimo, a sombra do Senhor projetada no fundo do nosso Ser.

No instante em que escrevo estas linhas me vem à memória um caso insólito...

Uma noite qualquer, não importa qual, tive que encontrar o espantoso personagem dentro de uma linda recâmara.

Imponente, Prometeu-Lúcifer, sustentado sobre patas animais em vez de pés, olhava-me ameaçador. Dois espantosos chifres luziam pavorosos em sua testa sinistra. Entretanto, estava vestido como elegante cavalheiro...

Acercando-me dele serenamente, dei-lhe algumas palmadinhas no ombro ao mesmo tempo que lhe dizia:
- A mim tu não assustas; te conheço muito bem; não conseguiste me vencer; sou vitorioso...

O colosso retirou-se, e eu, sentando-me no macio e perfumado leito de mogno, aguardei um momento. Em seguida penetrou na alcova uma fêmea perigosamente bela; desnuda, recostou-se na cama... Quase desmaiava de luxúria; a formosa envolveu-me em seus impudicos braços, convidando-me aos prazeres da carne. Deitado junto à bela, demonstrei meus poderes ao diabo; dominei a mim mesmo... Depois me levantei da cama de prazeres. A beldade aquela, quase morta de lubricidade, sentindo-se enganada, contemplou-me inutilmente.

Na continuação, entrou na mansão um menino resplandecente, radiante criatura, terrivelmente divina... O infante sublime, ricamente ataviado com formosa túnica sacerdotal de cor negra muito especial, atravessou o exótico recinto...

Eu o reconheci de imediato e me aproximei dele bem calmo, e lhe disse:
- É inútil que continues te disfarçando; te reconheço sempre, ó Lúcifer! Tu jamais poderás me vencer...

Aquela criatura sublime, terror dos ignorantes, então sorriu com doçura infinita... Inquestionavelmente, ele é o *Divino Daimon* de Sócrates, nosso treinador especial no ginásio psicológico da vida. Justa é sua liberdade depois do seu duro trabalho; o Logos o traga, o absorve...

Até aqui este relato. Continuemos com o tema transcendental deste capítulo...

Minha nova sacerdotisa na Montanha da Ascensão se revelou certamente extraordinária... Obviamente acelerou-se o meu progresso íntimo e, em conseqüência, consegui me apoderar das Maças de Ouro do Jardim das Hespérides. As ninfas venustas, esquisitamente deliciosas, caíram aos meus pés; não puderam me vencer...

Concluídos os trabalhos mágicos naquele Averno, ascendi, vitorioso, ao Pai... É óbvio que este místico acontecimento transcendental de modo algum podia passar despercebido... Aquele evento cósmico foi então celebrado com infinita alegria no Sancta. Em esplêndido trono, sentado ante a augusta confraria, senti-me completamente transformado. Nesses momentos indescritíveis, o Ancião dos Dias, meu Pai que está em

AS TRÊS MONTANHAS

secreto, a Bondade das Bondades, o Oculto do Oculto, a Misericórdia das Misericórdias, o *Kether* da cabala hebraica, resplandeceu dentro de mim, cristalizou-se definitivamente em toda a presença do meu Ser.

Em tais instantes, os Irmãos da Fraternidade Universal Branca, com infinita veneração, me contemplaram... Meu rosto assumiu o aspecto da ancianidade...

Indubitavelmente havia conseguido cristalizar nas diversas partes do meu Ser as três forças primárias do universo...

Capítulo 47

O Décimo Segundo Trabalho de Hércules

O Décimo Segundo Trabalho de Hércules, o herói solar, foi certamente imposto por seu irmão. Quer dizer: por seu Resplandecente Protótipo Divinal no Sagrado Sol Absoluto.

Indubitavelmente, dito trabalho consiste em tirar do seu domínio plutônico o cão tricépice que o aguardava... Tendo entrado na morada subterrânea dos mortos, primeiro trata de acalmar o próprio Aidoneu, o qual lhe permite levar o cão com a condição de que consiga apropriar-se dele sem armas, o que faz colhendo-o primeiro pelo seu rabo de dragão e depois pelo pescoço, até sufocá-lo. Hermes o guia no caminho de regresso e, depois que Cérbero é mostrado a Mícnas, deixa-o livre para que regresse à sua residência...

Inquestionavelmente, nosso resplandecente sistema solar de Ors tem doze planetas; isso vem nos lembrar os doze salvadores... Resulta claro e evidente que o trabalho final de Hércules há de se realizar sempre no décimo segundo planeta da família solar...

Igualmente, só com Escorpião, cuja constelação é a mais apropriada para figurá-lo, podemos e devemos relacionar a última de suas façanhas zodiacais, consistindo em retirar o cão tricépice do ciumento mundo subterrâneo, do reino das sombras, onde a verdade se disfarça de trevas... É claro que Hércules só pode realizar esta tarefa com o consentimento do próprio Hades ou Plutão e com a ajuda de Hermes e de Minerva ao mesmo tempo... (Sexo-yoga e sabedoria).

Com infinita veneração transpus o umbral do templo... Anelava a liberação final... No amuralhado pátio dos sacerdotes, resplandeceram gloriosamente as águas espermáticas da piscina sagrada... O iniciático lago da representação dos mistérios antigos, eterno cenário de todo templo, não podia faltar ali... O que naquele lemúrico santuário então pedira, inquestionavelmente me foi concedido...

Iniciou-se meu trabalho com minha descida ao Tártaro naquele décimo segundo planeta de nosso sistema solar... Três fêmeas deliciosas, perigosamente belas, em vão apelaram a todos os seus encantos irresistíveis... Diabras provocativas lutaram até o impossível; quiseram fazer-me cair; mas eu soube dominar a mim mesmo... O signo zodiacal de Escorpião desatou em meus órgãos criadores todos os seus ardores passionais; entretanto, ganhei todas as batalhas contra mim mesmo...

O cão-guia (o instinto sexual) conduz sempre o cavaleiro pelo estreito caminho que vai das trevas à luz, da morte à imortalidade...

O cão puxa a coleira de seu amo, levando-o pela escarpada senda até a meta. Posteriormente o cão deve descansar. Então vem a Grande Renúncia.

Em harmoniosa concordância rítmica com este evento cósmico-sexual, advém, iniludível, o supremo desprendimento de todas as coisas materiais e a eliminação radical do desejo de existir...

A idéia transcendental do “hálito das trevas” movendo-se sobre “as águas dormentes da vida”, que é a matéria primordial com o espírito latente nela, convida-nos à reflexão...

Em todas as cosmogonias, “a água” (o “*ens seminis*”) desempenha o mesmo papel importante. E a base e a origem da existência material e o fundamento de toda autêntica auto-realização íntima. Entretanto, é urgente, inadiável, impostergável, jamais ignorar que no meio do abismo primitivo, no fundo das águas, moram muitíssimas bestas perigosas...

Se os divinos titãs do velho continente Mu, aqueles anjos caídos na geração animal, não tivessem se esquecido desta tremenda verdade, se tivessem permanecido alertas e vigilantes como vigia em época de guerra, ainda se achariam em estado paradisíaco...

Adonar-se completamente do cão tricépice [Cérbero] sem arma alguma significa, de fato, controle absoluto sobre o sexo...

AS TRÊS MONTANHAS

Quando me fiz dono desse cão, ascendi vitorioso do fundo do negro e horroroso precipício... Então encarnou em mim o Ser de meu Ser - Isso que está mais além de *Brahman*, *Vishnu* e *Shiva* - aquele Divino Protótipo Solar Absoluto.

Quando este feito místico aconteceu, ditoso entrei num pequeno santuário do Sagrado Sol Absoluto... Desde esse instante extraordinário pude me alimentar com os frutos da Árvore da Vida, mais além do bem e do mal... Havia regressado ao ponto de partida original; inquestionavelmente tinha voltado à minha Mônada...

Cada um de nós tem, nessa radiante esfera de luz e de alegria, seu protótipo divinal... Os indivíduos sagrados que habitam o Sol Central preparam-se para entrar no Espaço Abstrato Absoluto. Isto sucede sempre ao final do *Mahamvantara* (dia cósmico).

Cada universo do espaço infinito possui seu próprio Sol Central e a soma total de tais sóis espirituais constitui o Protocosmos... A emanção de nosso Onimisericordioso e Sagrado Absoluto Solar é aquilo que H.P.B. denomina “o Grande Alento”, para si mesmo profundamente desconhecido...

Obviamente, este princípio ativo onipresente, ainda que participe na criação dos mundos, não se funde nos mesmos; permanece independente, onipresente e onipenetrante...

Resulta fácil compreender que a emanção do Absoluto Solar se desdobra nas três forças primárias: *Brahman*, *Vishnu* e *Shiva* - com o evidente propósito de criar e tornar novamente a criar...

Quando conclui qualquer manifestação cósmica, as três forças originais integram-se para se mesclar ou se fundir com o incessante Hálito, para si mesmo profundamente ignoto...

Isto que sucede no macrocósmico, repete-se no microcosmo-homem. Tal foi meu caso particular... Assim foi como pude voltar ao seio do Sagrado Absoluto Solar. Entretanto, continuei com o corpo físico lemur, vivendo durante milhões de anos... Converti-me numa pedra a mais da muralha guardiã.

Esta muralha é formada pelos Mestres de Compaixão, aqueles que renunciaram a toda a felicidade por amor a humanidade...

Paz Inverencial!
Samael Aun Weor

ÍNDICE

- 00 – Primeiras palavras, p. 2
- 00 – Prefácio da edição original, p. 3
- 00 – Quatro Palavras ao Leitor, p. 5
- 01 – Minha Infância, p. 6
- 02 – Religião, p. 8
- 03 – Espiritismo, p. 14
- 04 – Teosofia, p. 18
- 05 – A Fraternidade Rosa Cruz, p. 20
- 06 – O Corsário, p. 23
- 07 – A Meditação, p. 26
- 08 – Estados Jinas, p. 27
- 09 – A Onda Dionisíaca, p. 30
- 10 – O Fogo Sexual, p. 33
- 11 – A Vaca sagrada, p. 36

PRIMEIRA MONTANHA

- 12 – A Igreja Gnóstica, p. 45
- 13 – A primeira Iniciação de Fogo, p. 49
- 14 – A Segunda Iniciação de Fogo, p. 54
- 15 – A Terceira Iniciação de Fogo, p. 58
- 16 – A Quarta Iniciação de Fogo, p. 63
- 17 – A Quinta Iniciação de Fogo, p. 66
- 18 – Uma Aventura Supra-Sensível, p. 71
- 19 – Perseguições, p. 74
- 20 – O Segredo do Abismo, p. 78
- 21 – O Batismo de João, p. 81
- 22 – A Transfiguração de Jesus, p. 83
- 23 – Jerusalém, p. 84
- 24 – O Monte das Oliveiras, p. 86
- 25 – A Bela Helena, p. 88
- 26 – O Acontecimento do Gólgota, p. 91
- 27 – O Santo Sepulcro, p. 94

SEGUNDA MONTANHA

- 28 – Serenidade e Paciência, p. 97
- 29 – Os Nove Graus de Maestria, p. 98
- 30 – O Patriarca Enoch, p. 100
- 31 – O Céu Lunar, p. 101
- 32 – Ginebra, p. 102
- 33 – O Dragão das Trevas, p. 104
- 34 – Conclusão dos Trabalhos Lunares, p. 105
- 35 – O Céu de Mercúrio, p. 107
- 36 – O Céu Vênus, p. 109
- 37 – O Céu do Sol, p. 112
- 38 – O Céu de Marte, p. 114
- 39 – O Céu de Júpiter, p. 117
- 40 – O Céu de Saturno, p. 119
- 41 – O Céu de Urano, p. 122
- 42 – O Céu de Netuno, p. 124
- 43 – A Ressurreição, p. 126

TERCEIRA MONTANHA

- 44 – Conversando no México, p. 131
- 45 – O Décimo Trabalho de Hércules, p. 135
- 46 – O Décimo Primeiro Trabalho de Hércules, p. 139
- 47 – O Décimo Segundo Trabalho de Hércules, p. 141